

Sérgio Pereira Couto

# SEGREDOS E LENDAS DO ROCK



CONHEÇA HISTÓRIAS INUSITADAS, FATOS INEXPLICÁVEIS E  
TEORIAS CONSPIRATÓRIAS ENVOLVENDO OS ASTROS DO ROCK

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

*Sérgio Pereira Couto*

# **SEGREDOS E LENDAS DO ROCK**

  
UNIVERSO DOS LIVROS

© 2008 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

**Diretor Editorial**

Luis Matos

**Coordenadora Editorial**

Renata Miyagusku

**Assistência Editorial**

Carolina Evangelista

**Preparação dos Originais**

Camilla Bazzoni

**Revisão**

Shirley Figueiredo Ayres

**Projeto Gráfico**

Daniele Fátima

**Diagramação**

Fabiana Pedrozo e Stephanie Lin

**Capa**

Sérgio Bergocce

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

C871m Couto, Sérgio Pereira.

Segredos e Lendas do Rock /  
Sérgio Pereira Couto. – São Paulo:  
Universo dos Livros, 2008.  
160 p.

ISBN 978-85-99187-79-1

1. Rock. 2. Biografias.  
I. Título.

CDD 784.54

**Universo dos Livros Editora Ltda.**

Rua Tito, 1.609

CEP 05051-001 • São Paulo/SP

Telefone: (11) 3648-9090 • Fax: (11) 3648-9083

[www.universodoslivros.com.br](http://www.universodoslivros.com.br)

e-mail: [editor@universodoslivros.com.br](mailto:editor@universodoslivros.com.br)

**Conselho Administrativo:** Alessandro Gerardi, Alessio Fon Melozo, Luis Afonso G. Neira, Luis Matos e William Nakamura.

# Introdução

**Boatos e rumores sempre** foram um atrativo para que as pessoas normais se interessem pelas celebridades. O mundo do rock, entretanto, possui histórias que ultrapassam essa barreira e se misturam de tal maneira com a vida real que formam verdadeiros mitos e lendas que fascinam os fãs e também os interessados pelo assunto.

Nos mais de cinquenta anos desde sua aparição, o rock já foi chamado de tudo: de corruptor de menores a propagador de mensagens do demônio, de hipnotizador de massas a veículo para estranhas mensagens subliminares. Mas o fascínio que certos nomes exercem nas pessoas hoje em dia, mesmo depois de anos de suas mortes, faz com que os conspirólogos (nome dado aos supostos estudiosos de teorias da conspiração) teçam tramas dignas de constarem em filmes e livros. De fato, muitas dessas histórias, que os historiadores chamam de mitos e/ou lendas, foram adaptados pelo cinema e fizeram sucesso. Se são ou não verdades históricas, é algo completamente diferente.

E isso é levado mais adiante do que você possa imaginar. Se duvida, basta dar uma olhada em qualquer mecanismo de busca da Internet ou procurar os livros importados que são vendidos em lojas virtuais. Sociedades secretas, que se dedicam a provar que Elvis Presley ou Kurt Cobain não morreram, misturam-se com cientistas forenses e investigadores particulares que querem lançar suas próprias versões sobre a “verdadeira história” de tais mortes.

Ao mesmo tempo os fãs conseguem gostar de tais histórias a ponto de levá-las tão a sério quanto uma notícia no jornal. Que o digam Paul McCartney, Lou Reed e Jim Morrison. Embora os dois primeiros estejam vivos, muitos afirmam que não passam de sócias



para enganar o público. E o terceiro, que está morto, é tido como vivo em algum lugar deste planeta.

Alguns desses boatos surgiram na Internet e teimam em permanecer apesar de já terem sido desmentidos. John Lennon nunca fez um pacto com o demônio, Marilyn Manson não é o ator que fez Paul Pfeiffer em *Anos Incríveis*, Gene Simmons nunca implantou uma língua de vaca na sua própria boca, David Bowie e Mick Jagger de fato dormiram na mesma cama, mas nunca admitiram terem um caso, testemunhas admitem que Robert Johnson agia estranho pouco antes de sua morte e que temia algo que não dava para exprimir.

Porém os fãs continuam a ouvir esses mitos, que soam tão excêntricos quanto uma boa história de fantasmas. Portanto, acomode-se e divirta-se com estas conspirações.

Boa leitura!

O autor

# Capítulo 1

## O Pacto de Robert Johnson

**Com as atuais vertentes** do rock e toda a história que ele oferece desde o início dos anos de 1950 é quase impossível rastrear suas influências. Apenas com um bom trabalho de pesquisa é que se consegue verificar os ritmos que se tornaram referência nesse que é o estilo musical mais influente do mundo. Uma das mais notáveis é, sem dúvida, a do blues.

Cultivado por uma parcela bem significativa de músicos, o blues sempre teve um lugar especial para os artistas do rock. O ritmo é ligado à cultura afro-americana, com laços fortes nos estados norte-americanos do Alabama, Mississippi, Louisiana e Geórgia. Eram nesses locais que os escravos negros, levados durante o século XIX, se ocupavam nas plantações de algodão e usavam seu canto para embalar suas jornadas de trabalho, em geral longas e sofridas. O termo blues viria como uma definição do sentimento de tristeza que essas pessoas sentiam pelo trabalho forçado e por sua condição de escravos.

O ritmo foi, desde o início, caracterizado por suas raízes africanas e seu estilo sensual e vigoroso, que também apresentava letras que tratavam de assuntos populares típicos como religião, amor, sexo, traição e trabalho, entre outros.

O conceito do blues, entretanto, somente se tornaria mais popular depois que a Guerra Civil Norte-americana (1861-1865) terminou.

A primeira parada obrigatória para qualquer pessoa interessada no estudo do blues é o Mississippi. É lá que, reza a tradição, teria surgido a primeira composição típica, bem como seu primeiro idealizador. É claro que há várias versões sobre o assunto a ponto de preencherem as páginas de um livro provavelmente duas ou três vezes maior que

este, mas para poupar o leitor ater-nos-emos apenas a uma delas. A versão em questão, que é a mais difundida nos livros consultados para este trabalho, diz que o primeiro registro oficial data de 1903, quando o compositor, músico e produtor W. C. Handy, que declara a si mesmo como sendo o “pai do blues”, viajava clandestinamente num vagão de trem e observou um homem que tocava violão com um canivete. Desse encontro teria surgido aquela que é considerada a primeira canção de blues da história, *St. Louis Blues*, que mais tarde chegou a ser gravada por nomes como Louis Armstrong e Glenn Miller.

Apesar dessa versão, especialistas como Francis Davis no livro *The History of the Blues* (de 2003) preferem ter a origem do blues como “uma forma ambiental e progressiva e não uma única canção”. Para eles, esse foi o marco inicial para o surgimento da instrumentalização característica das canções de trabalho (*work songs*, no original).

Apesar da popularidade de Handy e de seu título de “pai do blues”, o primeiro nome reconhecido como um legítimo representante do ritmo foi o de Charley Patton, em meados da década de 1920. Ele ficou conhecido mundialmente como “o pai do blues do delta”, mais tarde homenageado por nomes do rock como Bob Dylan, em sua canção *High Water (For Charley Patton)*, de seu álbum de 2001, *Love and Theft*, e a dupla norte-americana The White Stripes, que colocou uma foto do músico no estúdio durante as gravações do álbum *Icky Thump*, conforme pode ser visto num vídeo disponível no website oficial.

Depois de Patton, outros nomes surgiram e conquistaram um lugar na mitologia do blues, como Son House, Willie Brown, Leroy Carr, Bo Carter, Silvester Weaver, Blind Willie Johnson e Tommy Johnson. No início, a maioria das canções era composta por músicas tradicionais, ou seja, aquelas que não tinham necessariamente um compositor e que eram cantadas há tempos, algumas interpretadas por grandes nomes do rock até hoje, como *Catfish Blues* (cuja versão mais conhecida foi assinada por Jimi Hendrix) e *John The Revelator* (com versões gravadas por Beck, John Mellencamp, Gov't Mule, R.E.M. e The White Stripes, entre outros).



# *SURGE ROBERT JOHNSON*

Durante a década de 1930, o blues torna-se mais influente e idolatrado. Vários são os filmes feitos por Hollywood (como *Encruzilhada*, de 1986, com Ralph Macchio e Joe Seneca) que mostram meninos brancos que escapam para os centros de blues dominados por negros.

Este filme, por exemplo, conta a história de um jovem, talentoso guitarrista (Macchio, de *Karatê Kid*), que procura por uma canção que o leve ao estrelato. Conhece um velho *bluesman* (Sêneca), uma inspiração para o jovem, que o convence a acompanhá-lo até a lendária encruzilhada onde o velho músico um dia ousou negociar sua alma com o demônio em troca de fama. Numa das cenas mais memoráveis do filme o jovem aceita duelar com um guitarrista escolhido pelo demônio em troca da alma do velho. O tal guitarrista das forças do mal é ninguém menos do que Steve Vai, que toca as duas partes da canção *Eugene's Trick Bag*, uma releitura da clássica peça *Caprice #5*, de Niccolò Paganini (1782-1840), compositor italiano que revolucionou a arte de tocar violino, o mesmo que propagou, durante sua vida, o mito de que negociou sua alma com o demônio para obter habilidade musical.

E o que o filme tem a ver com a história do blues? Simples: muitos dos mitos e lendas que posteriormente marcaram a história de vários nomes do blues estão no filme, incluindo o tal pacto pelo qual um músico obtém fama, fortuna e habilidades sobrenaturais. E agora chegamos a um dos principais responsáveis por todos esses mitos, um músico que se tornou sinônimo do blues e foi idolatrado por milhares de músicos de rock de todos os tempos, entre eles Robert Plant, Jimmy Page, Eric Clapton, Keith Richards, Brian Jones, Rori Gallagher, Jimi Hendrix, bem como por grupos como Phish, ZZ Top, Lynyrd Skynyrd, Rolling Stones, Allman Brothers Band, Grateful Dead e Red Hot Chili Peppers.

Robert Johnson, o músico em questão, parece ter nascido desde o início para protagonizar um mito do rock. Sua vida não está bem documentada e a grande quantidade de lendas que o cercam

tornam qualquer pesquisa difícil. Pesquisadores sérios sobre sua obra e biógrafos confiáveis não apareceram antes do final de década de 1960 e começo da de 1970, sendo os mais verdadeiros Mack McCormack e Stephen LaVere. A maior parte das informações sobre a vida de Johnson veio de lembranças de familiares e associados que já possuíam, naquela época, pelo menos trinta ou quarenta anos de idade. Até mesmo as imagens mais difundidas dele só foram encontradas em 1973, em fotos que estavam em poder de sua meia-irmã, Carrie Thompson, e só foram divulgadas no final de década de 1980.

Robert Johnson tinha seu nome completo como Robert Leroy Johnson e nasceu em 8 de maio de 1911. Suas grandes composições foram registradas entre 1936 e 1937, todas com uma combinação forte de canto, violão e conteúdo nas letras de suas canções. Toda a mística que se criou ao redor das poucas informações sobre sua vida e as circunstâncias que levaram à sua morte garantiram ao músico o título de "avô do rock". É considerado pela revista *Rolling Stone* como o quinto maior guitarrista de todos os tempos.

Vamos conhecer um pouco de sua vida para entender o fascínio que Johnson exerceu sobre o mundo do rock. Johnson nasceu em Hazlehurst, ao sul de Jackson, no Mississippi e era o 11º filho de Julia Major Dodds, que tivera dez outros filhos com seu marido, Charles Dodds. Como Johnson era um filho de relação extraconjugal, não recebeu o nome dos demais.

Os Dodds casaram-se em 1889. Charles possuía terras e fabricava móveis de vime. Em 1909 ele e sua família foram forçados a saírem de Hazlehurst por uma multidão enfurecida que o expulsou por causa de uma discussão que ele tivera com um dos membros mais prósperos da cidade. Reza uma versão dessa lenda que Charles teria escapado vestido de mulher.

Nos dois anos seguintes a este episódio, Julia enviou seus filhos, um por vez, para viverem com seu pai, que estava em Memphis, onde adotara o nome de Charles Spencer. Ela ficou em Hazlehurst com duas filhas até ser despejada pelo não-pagamento de impostos. Naquela época ela já havia dado à luz Johnson, filho de um trabalhador do campo chamado Noah Johnson. Julia tornou-se uma

trabalhadora de campo itinerante, já que não era mais bem-vinda na casa dos Dodds. Enquanto ela trabalhava nos campos, sua filha de oito anos cuidava do bebê Johnson. Nos dez anos seguintes, Julia tentaria reunir a família, mas Charles nunca perdoou completamente sua infidelidade, embora ele eventualmente aceitasse Robert. Já na adolescência, Robert soube quem era seu pai e então assumiu o nome de Robert Johnson.

Por volta de 1914, Robert mudou-se com os Dodds, que naquela época incluíam os dez filhos de Julia, Charles e uma amante de Hazlehurst e mais seus dois filhos, para Memphis, onde começaria a tocar violão sob a proteção de seu meio-irmão mais velho.

Robert não veria novamente sua mãe até ela casar novamente vários anos mais tarde. No final daquela década, havia voltado ao delta do Mississippi, onde viveu com sua mãe e o novo marido dela, Dusty Willis, que possuía pouca tolerância pela música. Os dois, com certeza, não se deram bem e o músico logo sairia da casa deles para se juntar a seus amigos no mundo musical.

Não se sabe alguns detalhes da vida de Johnson nesse período, como, por exemplo, se ele frequentou ou não a escola. Alguns afirmam que ele não sabia ler ou escrever, enquanto outros falam sobre sua suposta bela caligrafia. Todos os relatos concordam num ponto, o de que a música era o grande interesse na vida desse jovem e que ele começaria a se apresentar tocando seu violão juntamente com gaita e harpa de boca.

# BLUESMAN

Robert Johnson começou então a viajar de várias maneiras por todo o território do delta: de ônibus, pegando caronas em trens ou mesmo no meio da estrada. De acordo com o folclore do blues, ele era um jovem negro que vivia numa plantação no Mississipi rural. Tomado pelo desejo de se tornar um grande músico, ele seguiu alguns conselhos para que pegasse sua guitarra (ou seria um violão?) e que a levasse para uma encruzilhada próxima a uma plantação à meia-noite. Lá ele se encontraria com um enorme negro (que seria o demônio) que tomaria o instrumento de Robert, o afinaria para que pudesse tocar o que quisesse, e o devolveria para ele. O preço: a alma do músico. Em menos de um ano ele teria a fama que tanto almejava.

Se na verdade foi algo real e similar a isto que inspirou a lenda, não se sabe ao certo. Porém os fatos falam mais alto do que qualquer coisa, e os poucos registros sobre ele demonstram que isso aconteceu de fato. Depois desse suposto encontro na plantação, Johnson tornou-se da noite para o dia o rei dos cantores do delta, capaz de tocar, cantar e criar algumas das maiores canções que o blues já conheceu.

Qual seria a verdadeira origem do mito do *bluesman*? A fonte da história que se tornou padrão nas biografias de Johnson é incerta e aquelas que são associadas ao músico nunca fizeram muita coisa para derrubar a lenda e, por isso, se tornou uma das mais comentadas de toda a história do rock. Johnny Shines, um dos muitos colaboradores de Johnson, afirma que o músico teria adotado exatamente essa história, bem como sua imagem típica, durante sua curta vida. David Evans, outro famoso pesquisador de blues, diz ter ouvido essa mesma história, mas aplicada a outro *bluesman*, chamado Tommy Johnson (que não tinha nenhum parentesco com Robert).

Seja como for, a fama de Robert começou a crescer. Quando ele chegava a uma nova cidade, tocava por trocados nas esquinas ou em frente de barbearias ou restaurantes. Ele tocava o que sua



audiência pedia, mesmo que não fossem suas próprias composições ou mesmo músicas de blues. Possuía uma facilidade grande em aprender novas músicas apenas de ouvido e não via problemas em dar para sua platéia o que ela queria. Afinal, como muitos dos grandes nomes do blues, Johnson tinha interesse também em jazz e até em country music. Aqueles que tiveram a felicidade de assistir a uma apresentação sua (fosse onde fosse) são unânimes ao afirmar que o músico tinha uma capacidade incrível de comunicação com seu público, o que só aumentou os elementos da suposta lenda do pacto. Isso fazia com que estabelecesse laços com a comunidade local que o tratava bem durante o tempo em que ele ficava por lá.

Johnny Shines tinha apenas 17 anos quando conheceu Johnson em 1933, e admitiu não ser talvez um ano mais velho que ele mesmo. Samuel Charters fala sobre Shines em sua biografia, *Robert Johnson*:

*"Robert era um amigo muito próximo, embora fosse rabugento às vezes. E eu ficava sempre por perto de Robert. Numa tarde, ele desapareceu. Era um tipo muito peculiar. Ele estaria em algum lugar tocando como nunca. Naquela época era um tumulto para ele, bem como um prazer. E o dinheiro vinha de todo lado, Mas Robert simplesmente o pegava e ia embora e o deixava lá tocando. E não víamos Robert por mais de duas ou três semanas... Então Robert e eu começamos a viajar. Eu estava, na verdade, indo com ele."*

Durante esse período, Johnson estabeleceu uma relação longa com Estella Coleman, uma mulher cerca de 15 anos mais velha e mãe do músico Robert Lockwood Jr. Segundo alguns relatos, isso não era o bastante para Robert, já que ele deixava praticamente uma mulher para cuidar de si em cada cidade que tocava. Ele supostamente perguntava a jovens mulheres que viviam com suas famílias se gostaria de ir para casa com ele, e a resposta era quase sempre *sim*. Pelo menos até que um namorado ou marido chegasse e o colocasse de novo na estrada. Esse hábito nada peculiar serviria

para ampliar ainda mais a aura de mistério que rondava Johnson, como veremos mais para frente.

# AS GRAVAÇÕES

Em 1936, Johnson procurou um tal de H. C. Speir, em Jackson, no Mississippi. Esse personagem tinha uma mercearia e era conhecido como uma espécie de caça-talentos. Ele ajudou as carreiras de muitos *bluesmen* e resolveu que ajudaria Johnson também. Colocou-o em contato com Ernie Oertle, que se ofereceu para gravar as músicas de Johnson em San Antonio, cidade do estado do Texas. Nas sessões de gravação, que aconteceram em 23 de novembro daquele ano, em alguns quartos de um hotel que eram usados como estúdio temporário para a Brunswick Records, Johnson interpretou suas canções voltado para a parede. Esse detalhe serve como prova de que era um homem tímido e um cantor reservado, algo que foi citado nas linhas de um texto encontrado em um álbum seu lançado em 1961, chamado *King of the Delta Blues Singers*.

Essa mesma cena já foi interpretada de maneira diferente pelos diversos autores dos livros consultados para este trabalho. A maioria acredita que Johnson estava nervoso e intimidado por estar num estúdio (pelo menos em algo semelhante a um) pela primeira vez e que também poderia estar, na verdade, concentrado nos requerimentos que o lado emocional de suas canções exigiam. Além disso, tocar voltado para o canto de uma parede era uma técnica para aprimoramento do som que simulava as cabines acústicas dos estúdios melhores equipados.

O fato é que, durante os três dias que a sessão durou, Johnson interpretou 16 canções mais alguns *takes* alternativos para cada uma delas. Quando tudo finalmente acabou, ele supostamente voltou para casa com dinheiro no bolso, cuja quantia, apesar de não se saber ao certo qual era, teria sido maior do que jamais teve em toda a sua vida.

Entre as canções gravadas em San Antonio estavam clássicos como *Come on in my Kitchen* (gravada por Patti Smith, Peter Green do Fleetwood Mac e George Harrison), *Kind Hearted Woman Blues* (gravada por Eric Clapton e Johnny Winter), *Dust my Broom* (gravada por ZZ Top, Canned Heat e Elmore James) e *Cross Road*

*Blues* (gravada por Cowboy Junkies, Cream e Rush). Com suas canções aparecendo, o músico teria lançado de mais um truque para ajudar nas vendas, algo que também não se sabe ao certo se aconteceu ou não: seus parentes e “os vários filhos por ele gerados” (conforme relatos) eram usados para aumentar as vendas dos discos. Assim, as duas primeiras canções lançadas, *Terraplane Blues* e *Last Fair Deal Gone Down*, consideradas como as únicas às quais o músico teve oportunidade de ouvir por si mesmo, venderam cerca de cinco mil cópias cada.

Em 1937, Johnson foi até Dallas, no Texas, para realizar aquela que seria sua segunda sessão de gravação em mais um estúdio temporário da Brunswick Record, localizado no 508 da Park Avenue. Dessa sessão sairiam cerca de 11 canções no ano seguinte, entre elas as três que contribuiriam bastante para o mito do pacto sobrenatural: *Stones in my Passway*, *Me and the Devil* e *Hellhound on my Trail*. As duas primeiras falam de traição, um tema muito recorrente no blues, enquanto a última, que retrata o medo do demônio, é considerada como a maior obra do blues.

Das músicas de Johnson, seis mencionam o demônio em alguma forma sobrenatural. Em *Me and The Devil*, ele diz:

*"No começo desta manhã você bateu na minha porta / E eu disse 'Olá, Satanás, acho que é hora de ir' / Você pode enterrar meu corpo ao longo da rodovia / Para que meu velho espírito maligno possa entrar num ônibus e passear."*

Os especialistas consultados para a confecção deste trabalho, entretanto, jogam uma opinião diferente sobre o significado de tal letra. O demônio, neste caso, não seria o modelo de espírito maligno cristão, mas sim um equivalente do ardiloso deus africano Legba.

Um ponto, entretanto, é importante demais para não ser notado, o de que, embora Johnson não tenha inventado o blues, que já vinha sendo gravado cerca de 15 anos antes de seus registros, seu trabalho modificou o estilo de execução por meio do emprego de mais técnica (lembre-se de que falamos de uma época em que

pouco ou nada era feito na hora de gravar), além de introduzir *riffs* mais elaborados e maior ênfase no uso das cordas graves para criar um ritmo regular. Qualquer gravação feita por ele impressiona por sua espontaneidade e simplicidade.

Também é importante falar sobre as influências que Johnson recebeu na confecção de seu trabalho. Entre elas estão nomes hoje pouco lembrados por quem não se aproxima do mundo do blues, como Son House, Leroy Carr, Kokomo Arnold e Peetie Wheatstraw. Outros grandes nomes do blues tiveram a sorte de tocar com ele, como os então jovens Howlin' Wolf e Sonny Boy Williamson II, que, como veremos mais adiante, afirmou estar presente no dia em que Johnson foi envenenado em circunstâncias no mínimo suspeitas.

Johnson também influenciou diretamente Elmore James, Muddy Waters. Os pesquisadores e historiadores do blues também falam que o blues elétrico de Chicago vigente na década de 1950 foi criado em torno do estilo de Johnson. A linha direta entre o estilo do *bluesman* e o rock só se tornaria popular e mais visível no mundo pós Segunda Guerra.

# *A MORTE DE ROBERT JOHNSON*

Um suposto pacto com o demônio, uma fama simultânea, hábitos estranhos e referências espalhadas pelas letras de suas músicas. Para completar o mito só faltava falar sobre as também estranhas circunstâncias que envolveram sua morte. E, claro, isso também veio contribuir para que a história de Robert Johnson ganhasse a atenção e a proporção necessária.

O site especializado em rock, Whiplash, traz o seguinte comentário:

*"Em sua curta carreira profissional, de 1936 a 1938, Johnson não conseguiu, em vida, nenhum reconhecimento comercial, tocando apenas em prostíbulos e inferninhos. Conseguiu, porém, reconhecimento dos companheiros músicos, tendo recebido ainda em vida o título de 'The King of the Delta Blues Singers'. Seu estilo diferente de tocar levou outros músicos a dizerem que ele havia feito um pacto com o diabo em troca de sua habilidade. A história do pacto foi ainda mais difundida após a gravação de músicas como Me and The Devil Blues e constantes confusões envolvendo espancamento de mulheres e sua morte misteriosa."*

Se há uma coisa que fascina os fãs do rock, em geral, é uma boa morte misteriosa. E dentro da mitologia do ritmo, isso não falta. Ao longo deste trabalho veremos apenas algumas das mais estranhas e insólitas mortes. Mas é a de Robert Johnson que nos faz pensar se, de fato, todos esses boatos sobre pactos não teriam um fundo de verdade...

Para começar, é necessário lembrar que Johnson morreu com apenas 27 anos de idade, um número que é considerado cabalístico para os adeptos do rock, já que foi nessa mesma idade que outros ídolos morreram de maneira estranha ou súbita (Jimi Hendrix, Janis Joplin, Jim Morrison, Brian Jones dos Rolling Stones, Alan Wilson do Xanned Heat, Brian Cole do Associations, Ron Pigpen McKerman do

Grateful Dead, Ghary Thain do Uriah Heep, entre outros). Mas o que mais fascina mesmo são as circunstâncias de como isso aconteceu.

No último ano de sua vida acredita-se que Johnson tinha viajado para St. Louis e possivelmente Illinois, e então foi para alguns estados da costa leste. Passou algum tempo em Memphis e foi até o delta do Mississippi e o Arkansas. Quando morreu, pelo menos seis de seus discos haviam sido lançados no sul dos Estados Unidos como "discos de raça", como eram conhecidos.

Sua morte aconteceu em 16 de agosto de 1938, numa encruzilhada (algo até certo ponto irônico) próxima da cidade de Greenwood, no Mississippi. Ele tocara por algumas semanas num clube de dança a cerca de 24 quilômetros da cidade.

Há vários relatos e teorias sobre os eventos que precederam a morte do músico. Um deles diz que, numa tarde, Johnson começou a paquerar uma mulher no clube. Outra versão diz que essa mulher seria a esposa do dono de uma *juke joint* (também conhecida como *jook joint*, ambos termos usados para definir um estabelecimento comercial que oferece blues, dança e bebida alcoólica, operado principalmente por pessoas negras no sudeste dos Estados Unidos). De acordo com essa versão, a mulher teria oferecido a Johnson uma garrafa de uísque envenenado entregue a ela pelo marido ciumento. Uma terceira versão do ocorrido diz que ela era uma mulher casada e que o via em segredo.

A maioria dos autores de livros sobre a história do rock cita o pesquisador Mack McCormick como sendo o único que teve acesso ao suposto envenenador de Johnson durante a década de 1970 e que obteve do suspeito uma confissão de culpa. Sua verdadeira identidade ficaria guardada em segredo por mais algum tempo. E como era de se esperar, os teólogos da conspiração ligaram o mito do pacto com o demônio com a maneira como o músico morreu para dizer que assim ele pagou pela sua fama.

Mas voltemos à história: quando uma outra garrafa de uísque foi oferecida a Johnson, seu amigo e também *bluesman* Sonny Biv Williamson chegou a tirá-la de suas mãos e disse que ele jamais deveria beber de uma garrafa já aberta. Johnson teria respondido para nunca mais tirar uma garrafa de suas mãos.

Pouco depois, ofereceram outra garrafa de uísque a ele e desta vez ela foi aceita. E esta era a tal garrafa que estava envenenada com estricnina, um alcalóide muito tóxico usado como pesticida para matar ratos e que, justamente por seu alto poder tóxico, foi proibida em muitos países. Dizem os relatos que Johnson começou a se sentir mal naquela tarde e teve que ser levado para o quarto onde se hospedara nas primeiras horas da manhã. Nos três dias seguintes sua condição piorou visivelmente e, de acordo com testemunhas, ele morreu num estado convulsivo que indicava sentir uma grande dor.

Há ainda relatos que afirmam que, pouco antes de morrer, Johnson teria começado a uivar como um cão, pois a hora de pagar pelo pacto havia chegado e o demônio levaria sua alma.

Por fim retornemos ao site Whiplash, que mostra no seguinte trecho mais algumas versões:

*"Robert Johnson morreu aos 27 anos, após se sentir mal em um show e passar três dias em estado de coma. A versão mais provável e difundida de sua morte foi a de que ele havia sido envenenado por uma amante ou por um marido ciumento. Embora fosse casado pela segunda vez (a primeira mulher havia falecido durante um parto), Johnson nunca havia abandonado a vida de farras. Também existem versões de morte por espancamento, apunhalamento e armas de fogo diversas, mas apenas a versão do envenenamento tem alguma credibilidade."*

A localização exata de seu túmulo é outra fonte de discussão. Há nada menos que três lugares diferentes que disputam essa nomeação, todos eles indicados por pesquisadores que teriam instalado as lápides entres os anos 1980 e 1990. Um desses lugares indicam que o corpo de Johnson (ou melhor, seus restos mortais) poderia estar num túmulo numa igreja batista próxima de Morgan City, no Mississippi, numa sepultura não marcada. Uma placa memorial foi colocada nesse local pela Columbia Records. Outros pesquisadores, como o historiador do blues Stephen LaVere que, baseado em declarações da esposa do suposto coveiro que



participou do enterro, insiste em indicar o verdadeiro túmulo como sendo uma cova abaixo de uma noqueira no cemitério de uma igreja ao norte de Greenwood. A mesma Columbia colocou também por lá uma placa indicativa.

# OS TRIBUTOS

Se Robert Johnson morreu em decorrência de influências macabras devidas ao suposto pacto, nunca saberemos ao certo. Mesmo essa história da garrafa envenenada nunca foi totalmente provada. Porém sua música sobreviveu até hoje a ponto de milhares de nomes do rock prestarem-lhe tributos musicais. A lista a seguir traz apenas alguns desses tributos:

- A Alman Brothers Band apresentou músicas de Johnson como *Drunken Hearted Boy*, entre outras.
- Os Blues Brothers (banda de *rhythm-and-blues* norte-americana fundada em 1978 pelos comediantes Dan Aykroyd e John Belush como parte de um quadro musical no programa Saturday Night Live) gravou *Sweet Home Chicago* no seu filme homônimo de 1980.
- A cantora de blues Rory Block lançou em 2006 um álbum somente com versões das canções de Johnson, chamado *The Lady and Mr. Johnson*, entre elas *Come on in my Kitchen*, *Hellhound on my Trail*, *If I Had Possession over Judgment Day*, *Rambling on my Mind*, *Walking Blues* e *Cross Road Blues*.
- Eric Clapton lançou em 2004 um álbum só com versões das canções de Johnson, chamado *Me and Mr. Johnson*. No ano seguinte lançou um DVD e um CD chamados *Sessions For Robert J.* Na ocasião ele comentou sobre a obra de Johnson, afirmando:

*"Depois de todos esses anos, a música dele é como se fosse meu amigo mais antigo, sempre na parte de trás da minha cabeça e no horizonte. É a melhor música que eu já ouvi. Sempre confiei na pureza dela e sempre vou confiar. Até que eu ouvisse sua música, tudo que eu tinha ouvido parecia que estava enfeitado para ficar na vitrine de uma loja, em algum lugar. Quando eu o ouvi pela primeira vez, era como se ele estivesse cantando só para ele mesmo e, de vez em quando, para Deus. De cara, aquilo me amedrontou por sua*

*intensidade e eu só conseguia ouvir em pequenas doses. Mais tarde, eu conseguiria força e ouviria em maior quantidade, mas eu nunca pude escapar daquilo, na verdade e, no fim, a música dele me deixou mal-acostumado para sempre.”*

- Bob Dylan lançou versões de *Kind Hearted Woman Blues*, *Milkcow's Calf Blues*, *Rambling on my Mind* e *I'm a Steady Rolling Man*.
- Fleetwood Mac, ainda com Peter Green, gravou *Hellhound on my Trail*, *Kind Hearted Woman*, *Preachin' Blues*, *Dust my Broom* e *Sweet Home Chicago*.
- O Grateful Dead faz menção a Johnson e sua obra em algumas de suas canções próprias.
- Peter Green Splinter Group, o grupo de Peter Green quando este saiu do Fleetwood Mac, gravou as 29 canções de Johnson.
- O guitarrista e compositor de blues Keb' Mo gravou algumas (*Come on in my Kitchen*, *Last Fair Deal Gone Down*, *Kindhearted Woman Blues* e *Love in Vain*).
- O Led Zeppelin gravou *Traveling Riverside Blues* e *The Lemon Song*. A versão do "zepelim de chumbo" da primeira é uma mistura de várias outras canções de Johnson, como *Cross Road Blues* e *Kind Hearted Woman*, junto com material novo composto pela banda.
- O Phish gravou *Alumni Blues*, um dos primeiros trabalhos originais do grupo, influenciado pela canção *Walking Blues*, de Johnson. O repertório dos shows da banda incluiu uma versão de *Crossroads Blues* entre as apresentações de 1993 a 1998.
- Os Rolling Stones gravaram *Love in Vain* e *Stop Breaking Down*.
- O White Stripe gravou *Stop Breaking Down Blues*, sem a palavra Blues do título, no seu álbum de estréia. Também acrescentaram a música como o lado B de seu *single* de 2002, *Dead Leaves and the Dirty Ground*. A dupla executou muitas das canções de Johnson ao vivo, incluindo *Stones in My Passway* e *If I Had Possession over Judgment Day*.

- Red Hot Chili Peppers gravou *They're Red Hot* em seu álbum *Blood Sugar Sex Magik*.
- Gov't Mule gravou *32/20 Blues* e *If I Had Possession over Judgment Day*.
- John Mellencamp gravou *Stones in my Passway* em seu álbum de covers, *Trouble No More*.
- ZZ Top gravou *Dust my Broom* em seu álbum de 1979, *Degüello*.
- Lynyrd Skynyrd gravou *Crossroads* em seu álbum de 1976, *One More from the Road*.

# AS COMPOSIÇÕES

Se depois disso tudo você ainda achar que Robert Johnson não tem nada a ver com o rock... bem, é hora de prestar mais atenção nos créditos de produção de uma música. As fichas técnicas dos discos dizem muito sobre a maneira como foram concebidos. E pela pequena lista mostrada acima há como afirmar que quase todo grande nome do rock já gravou, numa ou noutra ocasião, uma música de Robert Johnson. Seria alguma delas (ou todas) influenciada pelo suposto pacto? Só uma análise da letra pode nos dar uma pista. A lista adiante ajudará você a reconhecer as músicas mais conhecidas gravadas pelo músico.

- 32-20 Blues;
- Come on in my Kitchen (disponível em duas versões);
- Crossroads Blues (disponível em duas versões);
- Dead Shrimp Blues;
- Drunken Hearted Man (disponível em duas versões);
- From Four Till Late;
- Hellhound on My Trail;
- Honeymoon Blues;
- I'm a Steady Rollin' Man;
- I Believe I'll Dust my Broom (também conhecida como Dust my Broom);
- If I Had Possession over Judgment Day;
- Kind Hearted Woman Blues (disponível em duas versões);
- Last Fair Deal Gone Down;
- Little Queen of Spades (disponível em duas versões);
- Love in Vain (disponível em duas versões);
- Malted Milk;
- Me and the Devil Blues (disponível em duas versões);
- Milk Cow's Calf Blues (disponível em duas versões);
- Phonograph Blues (disponível em duas versões);
- Preachin' Blues (Up Jumped The Devil);
- Rambling on my Mind (disponível em duas versões);

- Stones in my Passway;
- Stop Breakin' Down Blues (disponível em duas versões);
- Sweet Home Chicago;
- Terraplane Blues;
- They're Red Hot;
- Traveling Riverside Blues (disponível em duas versões);
- Walkin' Blues;
- When You Got a Good Friend (disponível em duas versões).

# Capítulo 2

## Paul McCartney e Lou Reed: Boatos de Mortes Misteriosas

**A morte de Robert** Johnson, vista no capítulo passado, é apenas um exemplo do fascínio que os fãs do rock (e do blues) sentem por boatos que envolvam a morte de um cantor famoso. Vários são os exemplos que podem ser aplicados nesse universo, cada um deles com uma excentricidade maior ou igual à vista no caso de Johnson.

Porém essas “mortes” não são explicadas sempre por fatores sobrenaturais. Há alguns casos em que tal acontecimento é uma decorrência natural, porém explicada por influências de teorias de conspiração. Visto que a vida da maioria dessas celebridades é baseada em relatos de excessos e bizarrices diversas, não é de se admirar que os conspirólogos tenham encontrado terreno fértil para a criação dessas lendas.

Para que o leitor entenda melhor, é necessário fazermos uma pequena pausa na explanação para definir o que é, de uma vez por todas, uma teoria de conspiração. Trata-se de uma teoria que atribuiu a causa principal de um evento (ou de uma seqüência deles), ou ainda o encobrimento de um fato, a um plano secreto e por vezes enganador, posto em prática por um grupo de pessoas ou organizações influentes. Muitos desses conspirólogos (nome oficial que se dá a esses “pesquisadores”, que nem sempre são reconhecidos por meios mais sérios) insistem em afirmar em seus textos que os grandes eventos históricos sempre foram dominados

por conspiradores que manipulavam os acontecimentos políticos nos bastidores.

O que os pesquisadores sérios falam sobre o assunto? Bem, por incrível que pareça, as opiniões são um pouco divididas: alguns, como o norte-americano Dr. Gerry Lower, com um currículo impecável sob o ponto de vista acadêmico, estudam o assunto de maneira verdadeira e publicam livros que explicam a mecânica que faz surgir e prosperar essas estranhas teorias, enquanto outros publicam muitas bobagens sem se preocuparem em verificar se tais teorias possuem um fundo pelo menos plausível.

O site do Discovery Channel traz um texto que explica o assunto que, como podemos ver, é levado a sério pela equipe responsável pelo canal. Lá diz:

*"As teorias de conspiração nos dizem que um grupo de pessoas – ou organizações – conspirou para manipular um evento ou uma série de eventos, para alcançar os resultados que eles querem – mantendo segredo. Será que nós somos paranóicos ou realmente acontecem coisas que não sabemos? Alguns sugerem que nós precisamos de teorias de conspiração para explicar eventos que vão além do nosso controle. Com o mundo cada vez menor graças à tecnologia moderna, as teorias de conspiração são espalhadas mais rapidamente do que antes. Há dezenas ou talvez centenas de websites dedicados a revelar conspirações sobre tudo, desde a morte da Princesa Diana até os verdadeiros construtores das pirâmides do Egito."*



# TERMINOLOGIA

O termo "teoria da conspiração" é uma descrição até certo ponto neutra para qualquer história estranha. Mas é necessário entender um pouco seu significado para que possamos compreender tudo o que esta definição possa nos trazer. O dicionário *Houaiss* traz a seguinte definição para o termo "conspirar":

*"Secretamente planejar, junto com outra(s) pessoa(s), ações contra alguém, ger. um dirigente ou governante, objetivando a sua destituição, desgraça, morte etc.; conluir, tramar, maquirar."*

O primeiro uso registrado data de 1909. Na época era um termo neutro, que não tinha a conotação que é usada hoje em dia. Foi apenas algumas décadas mais tarde, durante os anos de 1960, que o vocábulo adquiriu o significado pelo qual é conhecido por nós. Tanto que dicionários mundiais, como o reconhecido *Oxford*, só o listaram em 1997.

Várias fontes citam um ensaio em particular do historiador norte-americano Daniel Pipes que, segundo o autor, teria sido adaptado de um estudo preparado pela CIA, em que se tenta distinguir a conspiração "mental" do que ele chama de "padrões de pensamento mais convencionais". Esses elementos seriam:

1. O inimigo sempre ganha.
2. Há envolvimento de fatores como poder, fama, dinheiro e sexo.
3. Nada nas histórias é casual ou aleatório.
4. A história é definida pelas conspirações.

Hoje em dia o termo "teoria da conspiração" é usado com freqüência por pesquisadores acadêmicos para identificar um tipo de folclore similar a uma lenda urbana. Especialmente como uma narrativa do tipo explicativa que é construída com falhas de metodologia. Também é usado de maneira pejorativa por todo tipo de malucos, de supostos abduzidos por ETs e relatos não confiáveis

como ter visto uma ou outra pessoa famosa morta que, de repente, aparece viva.

Para este último tipo de história, o rock está lotado de casos assim. Nos anos de 1960 e 1970, quando as pessoas não tinham o acesso à Internet de hoje e a rede mundial não passava de um recurso de pesquisas com pouquíssimos acessos, as lendas urbanas sobre a morte deste ou daquele astro do rock mixavam-se com relatos de pessoas, cartas escritas mandadas em forma de correntes ou até de telefonemas anônimos. Em muitos casos, os boatos sobre a morte de um músico começavam com telefonemas para rádios universitárias durante altas horas da noite e logo se tornava o assunto dominante do dia seguinte.

Algumas dessas histórias sobreviveram até hoje e se tornaram verdadeiros mitos do rock, sendo citadas em filmes, programas respeitáveis de TV e até em desenhos para adultos como *Os Simpsons*, que não perdem a oportunidade de ridicularizarem o assunto. A seguir veremos pelo menos três das mais comentadas e suas origens.

# PAUL MCCARTNEY

Que o súbito e enorme sucesso dos Beatles foi um verdadeiro fenômeno, ninguém discute. Porém, como todo grupo que sobrevive nas mentes das pessoas tantos anos após sua dissolução e a morte de seus componentes, a sua mitologia gerou as mais diversas histórias possíveis. A mais conhecida é a de que o baixista do grupo, Paul McCartney, teria morrido em 1966 e sido substituído por um sócia, de nome Billy Shears. O fato de as capas dos últimos álbuns da banda terem sido mais trabalhadas do ponto de vista artístico que as demais só aumentou os rumores. Há quem até hoje acredite que o agora sir McCartney não passa de um impostor e há relatos de pessoas que teriam revirado os cemitérios da Inglaterra atrás de provas de onde seu corpo estaria enterrado.

A história dos Beatles está muito bem documentada em diversos livros e biografias, por isso não vamos perder tempo fazendo recapitulações. Vamos, assim, para o que nos interessa neste capítulo, que é o mito em si.

Analisemos agora alguns fatores que são reconhecidos e que, na opinião dos pesquisadores, poderiam ter contribuído para a criação deste mito. Em 1966, logo após o lançamento do álbum *Revolver*, os Beatles anunciaram que parariam de fazer turnês por causa da dificuldade de reproduzir ao vivo os arranjos cada vez mais complexos que desenvolviam para suas músicas. Na verdade, de acordo com o livro *Antologia*, a decisão de parar foi tomada porque a quantidade de barulho que os fãs faziam durante os shows era tanta que nenhum dos quatro músicos conseguia perceber se estavam ou não tocando bem. Durante a apresentação do Shea Stadium, em Nova York, John Lennon começou uma frase do tipo “e agora vamos apresentar” e de repente dispara a falar uma sucessão de blablablás sem sentido algum. E a multidão, claro, continuou gritando histérica. Era uma prova de que, de fato, o grupo não estava ganhando musicalmente nada com esses shows.

Para complicar ainda mais a situação, Paul sofreu, em 1966, um acidente de mobilete em Wirral, perto de Liverpool. Não foi nada

grave, mas caiu na calçada e trincou um dente. O pedaço trincado passou pelo lábio superior e o cortou. Isso pode ser confirmado pela exibição do videoclipe de *Rain*, no Youtube, em que se pode ver o dente trincado. Na verdade, esse foi o motivo pelo qual ele deixou crescer o bigode: para disfarçar o lábio inchado e o dente trincado. A banda inteira deixou o bigode crescer e começou aí a surgir o visual do álbum *Sgt. Pepper's Lonely Heart Club Band*, considerado o melhor da história do rock.

O tempo se passou e nenhum outro fato foi acrescentado. Porém os conspirólogos estavam apenas aguardando o momento certo de anunciar a história. Isso aconteceu em 12 de outubro de 1969, numa rádio norte-americana da cidade de Detroit, a WKNR-FM. O DJ, chamado Russ Gibb, recebeu um telefonema de um ouvinte que passava instruções para que conseguisse identificar algumas pistas em músicas e capas de discos que indicavam a suposta morte. Fascinado pela possibilidade, Gibb leu as tais pistas em pleno ar e ainda improvisou outras. Alguns acreditam que ele tenha apenas entrado na brincadeira e não levado o assunto tão a sério.

Porém, para seu espanto, os jornais locais não só prestaram atenção nas supostas pistas como também as publicaram incluindo, claro, a capa do último álbum gravado pela banda, *Abbey Road*, e as dos álbuns *Sgt. Pepper's* e *Magical Mystery Tour*.

A capa de *Abbey Road*, que era justamente o disco que estava sendo lançado quando os boatos começaram, foi analisada de maneira exaustiva. Algumas das supostas pistas lá incluídas são:

1. O fato de que Lennon, Starr e Harrison estão atravessando a famosa faixa de pedestres em frente ao estúdio *Abbey Road*, em Londres, com as pernas na mesma posição, enquanto McCartney está descalço e com as pernas em posição contrária.
2. No fundo da cena há um fusca (beetle, como é conhecido na Inglaterra) parado com a placa 28 IF, que foi interpretado como uma mensagem oculta: McCartney teria 28 anos SE (IF em inglês) estivesse vivo.

3. Paul está na foto segurando um cigarro com a mão direita. Porém o “verdadeiro” era canhoto.
4. Os pés descalços de Paul são uma mensagem tradicional da máfia, representando um homem morto.
5. À direita na cena pode ser visto um carro preto que se assemelha muito a um carro fúnebre.
6. Essa é a mais complexa: na capa do disco, cada um dos outros beatles representa um papel diferente. Assim John Lennon vai à frente todo de branco (que representaria o médico), seguido por Ringo Starr, todo de preto (que seria o padre), Paul McCartney (o morto) e George Harrison, que está vestido inteiramente de jeans, representando um operário (ou, em outras versões, o coveiro).

Não satisfeitos em transformar *Abbey Road* num verdadeiro circo de horrores, os conspirólogos, auxiliados indiretamente por Gibb, voltaram suas atenções para os demais discos. Assim, *Sgt. Pepper's*, com sua capa cheia de rostos e silhuetas, seria a “prova” de que a morte de fato aconteceria. Como o nome *Beatles* nessa capa está formado por flores, para os conspirólogos seria o retrato do funeral de Paul. E mais ainda: no final da primeira faixa “Paul” canta o verso:

“So let me introduce to you the one and only Billy Shears.”

A idéia inicial era que a banda introduzisse nas faixas vários personagens, mas apenas o tal Billy Shears (que na verdade seria o personagem feito por Ringo durante a famosa *A Little Help from my Friends*, mais tarde popularizada por Joe Cocker e o seriado *Anos Incríveis*) foi citado. Os conspirólogos resolveram também se aproveitar disso. E a explicação para tal fato era completamente maluca.

Como o verdadeiro Paul teria morrido num acidente de carro (mais tarde ligado ao acidente descrito por Lennon na letra de *A Day in the Life*, de *Sgt. Pepper's*), foi feito um concurso nacional de sócias para escolher o substituto. Eis que aparece William Campbell ou Billy

Shears, que teria sua aparência melhorada ainda mais por meio de algumas operações plásticas para aumentar sua semelhança com o Beatle morto. A única falha seria uma cicatriz no lábio superior e que passou a aparecer nas fotos. Assim, o simples acidente de mobilete já descrito tornou-se a falha que identificaria o sócio. Como houve a estranha substituição, os outros componentes e produtores da banda teriam começado a divulgar várias pistas para que a verdade fosse descoberta.

Nem a trilha sonora do filme *Magical Mystery Tour*, lançada no mesmo ano que *Sgt. Pepper's*, escapou. Em *I Am the Walrus* a banda aparece vestida de animais, entre eles uma morsa (*walrus* em inglês). Os conspirólogos já afirmaram que a morsa, em algumas religiões xamanistas lá para os lados da Sibéria, seria a mensageira da morte. A letra da música, uma das melhores de Lennon na banda, é completamente sem sentido e foi feita enquanto o músico estava sob efeitos de drogas. Segundo algumas fontes, já naquela época Lennon e os demais se cansavam de ter suas letras constantemente analisadas e ele teria feito aquela música para confundir os primeiros conspirólogos. Durante o vídeo da música, pode-se perceber claramente que era o próprio Lennon quem usava a fantasia da morsa, mas no álbum seguinte, o duplo *The Beatles* (também conhecido como *Álbum Branco*), ele faria uma outra música, chamada *Glass Onion*, em que afirma:

“Well here’s another clue for you all / The walrus was Paul.”

Afinal, a morsa era Lennon ou McCartney? Os conspirólogos não aceitam a possibilidade de ser Lennon, por isso colocam também esta como uma “evidência” da conspiração beatle para ocultar a morte de McCartney. O próprio “morto” diria numa entrevista:

*“John escreveu Glass Onion, quero dizer, criou-a e eu o ajudei, e quando a escrevíamos pensávamos especificamente nesse pessoal que escrevia perguntando: ‘Quem é a morsa, John? Você era a morsa?’ Então John tinha um verso que dizia ‘Sim, a morsa era Paul’*

*e nós rimos e dissemos 'isso, vamos fazer assim'. Vamos pôr esse verso porque todos vão lê-lo e pirar porque pensavam que a morsa era John."*

Achar outras supostas pistas nos demais álbuns foi apenas uma questão de tempo e adequação para que o mito crescesse e criasse vida própria. O mais interessante é que, enquanto todos acreditavam que McCartney estivesse morto, ele estava em férias na Escócia e teve de ir a público desmentir os boatos sobre a sua morte.

Sobre a capa de *Abbey Road*, McCartney comenta, na *Antologia*:

*"Era um dia muito quente de agosto e eu tinha chegado de terno e sandálias. Fazia tanto calor que chutei as sandálias fora e atravessei descalço para algumas tomadas e por acaso na tomada que ele (o fotógrafo) usou, eu não estava calçado, estilo Sandie Shaw. Muita gente andava descalça e isto não me pareceu grande coisa."*

Porém o tempo passou e "novos" fatos foram sendo encontrados que contribuíram para que a lenda aumentasse ainda mais. É claro que a banda sempre negou qualquer envolvimento com os boatos, mas alguns pesquisadores do rock acreditam que eles tenham visto a oportunidade como meio de promoção e aderido à brincadeira com o passar do tempo.

Seja como for, com ou sem morte, *Abbey Road* teve uma brilhante carreira nas paradas musicais daquele ano. Foi lançado na Inglaterra em 26 de setembro de 1969 e ficou por 19 semanas na lista dos mais vendidos da revista *Melody Maker*, 11 delas no primeiro lugar. Em 1º de outubro, saiu nos Estados Unidos e ficou 87 semanas na parada da *Billboard*, 11 delas na liderança. Em 27 de outubro, o álbum ganhou seu primeiro disco de ouro e foi o mais vendido da carreira dos Beatles. Se isto tudo aconteceu por causa dos boatos que envolveram McCartney, só ele mesmo poderá dizer.

# LOU REED

Se já é difícil para alguém, nos dias de hoje, entender como é que um DJ assume que um telefonema de um ouvinte pode resultar num “furo de reportagem”, imagine agora quando os boatos começam a chegar por e-mail. Que a Internet tornou-se um grande centro de informações falsas e boatos não é nenhuma novidade. Desde que as pessoas comuns obtiveram acesso à rede mundial e passaram a receber e-mails diários e uma quantidade absurda de informações falsas passou a chegar diariamente nas nossas caixas postais.

O que ainda fica no ar é a maneira como os jornalistas e as pessoas ligadas à mídia em geral ainda utilizam esses e-mails como fonte de informações. Hoje em dia, com tanta facilidade para se enviar e-mails de roteadores que mascaram seu endereço de IP e a grande quantidade de contas criadas com nomes falsos, não é de se espantar que hoje ou amanhã alguém receba mensagens assinadas por Janis Joplin, John Lennon, Jim Morrison ou outra celebridade que tenha morrido. O mais absurdo é quando um jornalista recebe um e-mail de boato (*hoax*, no original) e começa a tratar o assunto como uma verdade ou um possível furo de reportagem.

Foi o que aconteceu com ninguém menos que Lou Reed, o guitarrista e um dos fundadores do grupo The Velvet Underground (entre 1965 e 1973), que fez sucesso também em sua carreira solo. Reed é cantor, compositor e é considerado um dos mais influentes da história do rock.

Para quem não conhece o guitarrista, faremos uma pequena retrospectiva sobre a carreira dele. O Velvet Underground, cujo primeiro álbum, *The Velvet Underground & Nico*, de 1967, trazia uma das capas mais famosas do rock, uma banana idealizada e pintada por Andy Warhol (1928- – 1987), pintor e cineasta norte-americano, uma das maiores figuras do movimento de *pop art*, que foi financiador e mentor intelectual da banda. Não demorou muito para que as músicas do álbum ganhassem certa fama, como *Venus in Furs*, baseada no romance de mesmo nome do escritor austríaco



Leopold von Sacher-Masoch, cujo sobrenome originou o termo sadomasoquista.

Como compositor, Reed escreveu sobre experiências pessoais que eram raramente analisadas no cenário do rock de então, que passavam por temas como travestis (*Sister Ray, Candy Says*), sadomasoquismo (*Venus in Furs*), drogas (*Heroin, I'm Waiting for the Man*) e cirurgias transsexuais (*Lady Godiva's Operation*). Como guitarrista, foi pioneiro no uso de distorções e afinações fora do padrão.

A carreira solo de Reed começou em 1971 e logo se mostrou bem eclética. No ano seguinte, obteve seu primeiro sucesso, *Walk on the Wild Side*. O músico sempre foi considerado uma das personalidades mais voláteis do rock e muitos críticos chegaram a depreciá-la, apesar de cada vez mais conquistar fãs.

Lou Reed nasceu de uma família judia em 1942 no Hospital Beth El, no Brooklyn, Estados Unidos. Cresceu em Freeport, em Nova York. Várias fontes afirmam que seu verdadeiro nome seria Louis Firbanks, mas aparentemente esta é mais uma das lendas do rock, criada a partir de um rumor perpetrado pelo jornalista Lester Bangs, que escrevia para a *Crêem Magazine*, uma das mais prestigiadas revistas de rock, editada desde 1969.

Reed apresentou, desde cedo, um interesse no rock e no rhythm-and-blues, e durante o colegial tocou em várias bandas. Sua primeira gravação foi como membro de uma banda chamada The Shades.

Aparentemente ele tinha alguns desvios de comportamento sexual, causa principal de ter recebido terapia eletroconvulsiva (também conhecida como terapia de choque) ainda jovem, quando vivia no condado de Rockland, o que só contribuiu para os comentários sobre as bizarrices que marcariam sua vida adulta. Na época, esse era o tratamento para reprimir tendências homossexuais.

Foi na Universidade de Siracusa que ele apresentou um programa de rádio tarde da noite, chamado *Excursions on a Wobbly Rail*, que apresentava ritmos como *doo wop*, rhythm-and-blues e jazz, em especial o chamado *free jazz* que se desenvolveu durante os anos de

1950. Muito da técnica inovadora de Reed na guitarra foi inspirada por saxofonistas de jazz, em especial Ornette Coleman. Embora tenha largado os estudos antes de se formar, ganhou mais tarde um diploma honorário em inglês.

Em 1963, Reed foi para Nova York e começou a trabalhar como compositor interno para a Pickwick Records. No ano seguinte ele obteve sucesso com *The Ostrich*, uma paródia das então populares *dance songs*.

Seus empregadores sentiram que a canção tinha potencial e reuniram uma banda para promover a gravação. A banda, que se chamou The Primitives, incluía o músico John Cale, mais tarde seu companheiro no The Velvet Underground.

Cale era galês e havia se mudado para Nova York para estudar música e tocava com um grupo chamado Teatro da Música Eterna. Impressionado com a versatilidade de Reed nas composições, começou uma parceria que iria desembocar mais tarde no grupo de ambos.

Reed e Cale viveram juntos no Lower East Side. Foi pouco depois desse fato que o guitarrista Sterling Morrison e a baterista Maureen Tucker se juntaram a eles e o The Velvet Underground nasceu. Embora o grupo fosse internamente instável e nunca tenha alcançado um posto de reconhecimento comercial, foi um dos mais influentes da história.

Foi durante uma de suas apresentações que conquistou a atenção de Andy Warhol. O contato com os conhecidos de seu mecenas fez com que Reed pudesse se lançar nas várias facetas da cena artística de então. Ele chegava a ponto de dar poucas entrevistas em que não citava Warhol como um mentor. Ainda assim houve um conflito com o protetor quando este quis acrescentar a modelo europeia Nico ao grupo. Os membros do grupo não queriam desagradar Warhol, mas registraram seu descontentamento chamando seu álbum de estréia *The Velvet Underground and Nico*, com o nome dela sendo algo à parte da banda. Mesmo assim, Reed escreveu várias canções para ela e os dois foram, por algum tempo, amantes. O álbum foi listado pela *Rolling Stone* como o 13o mais influente da história do rock.

Embora Cale tenha protestado, Warhol foi mandado embora e Nico expulsa da banda quando gravaram o disco *White Light/White Heat*. O substituto de Warhol como empresário, Steve Sesnick, convenceu Reed a tirar Cale da banda. Sterling e Maureen não se sentiam bem com esse entra-e-sai, mas permaneceram no grupo.

Após outros dois álbuns (*The Velvet Underground*, de 1969, e *Loaded*, de 1970), Reed abandonou o grupo.

Curiosamente o som do The Velvet Underground sempre foi considerado à frente de seu tempo, embora nunca tenha alcançado o que se chama convencionalmente de sucesso comercial. Em vários livros sobre o assunto, como *A História do Rock – Grandes Sucessos e Superstars*, de Alain Dister, pode-se ler:

*"O Velvet Underground sempre foi conhecido pelo som alternativo, desvinculado de interesses comerciais e que focalizava quase sempre temas relacionados ao submundo (narcóticos, prostituição, criminalidade etc.). Demoraram anos para serem reconhecidos pelo grande trabalho, o que só prova o quanto a sonoridade deles estava bem à frente de sua época."*

Mas a vida continua e o músico teve que se contentar com uma outra ocupação. Assim arranhou um trabalho na firma de contabilidade de seu pai como datilografista, onde recebia cerca de quarenta dólares por semana. Um ano depois, entretanto, ele voltava ao cenário musical por meio de um contrato com a RCA, quando gravou seu primeiro álbum solo na Inglaterra com músicos do Yes, incluindo Rick Wakeman e Steve Howe. Chamado apenas *Lou Reed*, o álbum possuía versões de músicas não gravadas do The Velvet Underground.

Seu álbum seguinte, *Transformer*, de 1972, o tornou parte do chamado movimento *glam*. O *glam rock* (também conhecido nos Estados Unidos como *glitter rock*) era um estilo de música que se originou no final dos anos 1960 e se popularizou nos anos de 1970. Foi marcado pelos trajes e performances com muitos cílios postiços, purpurinas, saltos altos, batons, lantejoulas, paetês e trajes

excêntricos. Era um tempo de androginia e glamour. As músicas agitadas esbanjavam energia sexual e uma grande variedade de temas heterossexuais, principalmente sobre decadência e fama. Os cantores de *glam* vestiam-se de maneira andrógina e usavam maquiagem vistosa e trajes extravagantes. Como David Bowie durante a fase de Ziggy Stardust.

O álbum foi produzido por David Bowie e Mick Ronson, que apresentaram o músico para uma audiência mais popular, especialmente no Reino Unido. Sua música, *Walk on the Wild Side*, foi uma espécie de hino para todos os chamados desajustados da Fábrica de Andy Warhol, o estúdio que o artista mantinha em Manhattan, conhecido justamente pela enorme quantidade de gente estranha que lá freqüentava.

O site de música *Scream & Yell* comenta o programa *Classic Albums*, que é transmitido por TV por assinatura no canal *The History Channel*, e que enfocou o álbum *Transformer*. A página traz o seguinte texto sobre a música que se tornou a marca registrada de Lou Reed em sua carreira solo:

*"Walk on the Wild Side merece um capítulo à parte. Ficamos sabendo, por exemplo, que a famosa linha de baixo que inicia e permeia o maior 'hit' do disco, na verdade são duas. O baixista original (o tiozinho Herbie Flowers) demonstra como teve a idéia de começar com um baixo acústico (daqueles grandões, conhecidos como 'baixo de pau') e depois gravar por cima o baixo elétrico, dando aquele efeito que todos nós conhecemos. Walk on the Wild Side fala sobre o submundo de Nova York, e várias pessoas que são citadas na letra (como o travesti Holly e o ator Joe D'Alessandro) também dão seu depoimento. Lou Reed revela que ficou atônito com o sucesso alcançado por Transformer e principalmente por Walk on the Wild Side, que tinha uma letra tão pesada".*

Outros trabalhos na carreira de Reed incluem o obscuro *Berlin*, que conta a história de dois viciados em amor na cidade de mesmo nome. Durante esse período, o músico cultivou uma imagem mais

chocante vestindo-se em couro preto, usando coleiras de espinhos, cortando seu cabelo e cultuando símbolos fascistas. Essa imagem seria a de Reed por muito tempo.

Nessa mesma época, ele se tornou mais hostil, concedendo entrevistas e tornando-se uma das personalidades mais difíceis do rock, uma fama que manteria mesmo quando parasse de usar drogas. Logo ele se tornaria uma figura tão famosa quanto outros nomes do *glam rock*, como David Bowie, Iggy Pop e Alice Cooper.

Pouco depois dessa fase, o músico reformulou muito sua performance e sua imagem, chegando a se apresentar para o papa João Paulo II em 2000 no Jubileu da cidade de Roma. Já então sua carreira solo havia sido consolidada com vários sucessos, como *Satellite of Love* (1973), *No Money Down* (1986), *Nobody But You* (1990) e regravações de *Perfect Day* (1997) e *Satellite of Love* (2004).

O que nos leva, agora, para o boato de sua morte. Tudo começou numa segunda-feira, 7 de maio de 2001, quando um e-mail, que havia sido enviado para centenas de veículos da mídia, anunciou que Lou Reed havia sido encontrado morto em seu apartamento no domingo anterior. Por incrível que pareça, o tal e-mail estava disfarçado para se assemelhasse a um relatório de notícias que a agência *Reuters* disparava. Na linha de assunto havia a identificação: "Lou Reed, 57, Sucumbe aos Vícios".

O texto diz que Reed havia sido morto, "aparentemente de overdose de um analgésico chamado Demerol". Também mostrava declarações de supostos amigos pessoais do músico em resposta ao anúncio de sua morte. E alguns desses amigos eram pessoas que todos sabiam serem ligadas a ele, como David Bowie e a ex-secretária do estado norte-americano, Madeleine Albright.

As suspeitas começaram a ser levantadas quando os conspirólogos (os mesmos que foram responsáveis pela veiculação de tantas outras histórias) notaram que havia algo suspeito na declaração de Albright. Muitas fontes notaram que Reed tinha, na verdade, um ano a mais do que o que o e-mail afirmava, portanto teria 58 anos. Mas isso não importou para muitos veículos de imprensa, que acreditaram completamente em seu conteúdo. A rádio de Chicago

WXRT, junto com muitas outras por todo território dos Estados Unidos transmitiram em cadeia nacional o anúncio da suposta morte, apenas para retificar a notícia mais tarde. O assessor de Reed recebeu uma verdadeira chuva de repórteres que pediam mais detalhes sobre a sua suposta morte. O assessor, que também era seu publicitário, informou apenas que Reed estava vivo e que se encontrava naquele dia em Amsterdã, na Holanda. Até hoje não se sabe quem foi o responsável pela transmissão do e-mail.

Que o comportamento de Lou Reed é estranho, ninguém pode negar. E que e-mails que falam sobre mortes de famosos circulam quase todos os dias pela Internet, também é algo que dificilmente será desmentido. O que intriga, na opinião dos conspirólogos, é a maneira como tal farsa foi produzida. O "papel de parede" usado no e-mail é exatamente igual ao da agência *Reuters* e o texto do original (cuja reprodução pode ser vista em diversos sites da Internet), apesar de conter erros de ortografia, aparenta ser muito bem redigido. Então qual seria a intenção do autor para despachar tal mensagem?

O mais estranho dessa história é que este não foi o único caso de uma morte publicada por veículo de mídia com certo prestígio. Vejamos alguns casos mais antigos. Em 29 de maio de 2000, o jornal peruano *La República* anunciou a morte do escritor Gabriel Garcia Márquez, notícia que logo ganhou a Internet (claro). Mas isso não é exclusividade apenas de casos recentes: num caso ainda mais estranho o fabricante de boatos Alan Abel conseguiu, em 2 de janeiro de 1980, forjar sua própria morte e ter seu obituário publicado no prestigiado jornal *The New York Times*. Se voltarmos mais ainda no tempo teremos uma nova surpresa: em 9 de maio de 1942, alguns estudantes da Universidade de Nova York conseguiram publicar no mesmo jornal o obituário de um de seus professores, um tal de Dr. William Baer.

O mais curioso, neste caso, é que o boato sobre a morte de Lou Reed foi veiculado pouco depois da morte de outro ícone do punk rock, Joey Ramone da banda Ramones, morto em 2001. Os conspirólogos aproveitaram esse fato para dizer que um determinado grupo nas sombras (cujo nome eles nunca revelam por

medo de supostas retaliações) havia decretado o fim do punk rock e que estaria matando os sobreviventes numa espécie de conspiração semelhante à que matou Jimi Hendrix, Janis Joplin e Jim Morrison, todos representantes de uma mesma corrente e mortos na mesma faixa de idade. Se tal informação possui algum tipo de veracidade, com certeza nunca saberemos. Porém não é de hoje que o mundo do rock se fascina com esses mistérios. Os mais céticos, entretanto, afirmam que essas lendas só servem para chamar a atenção sobre cantores que não fazem mais sucesso. O problema é que tanto Paul McCartney quanto Lou Reed ainda vendem discos hoje. Então qual seria o verdadeiro motivo para tais boatos surgirem?

E o mistério permanece...

# Capítulo 3

## Jim Morrison: Morte Forjada

**Entre os grandes nomes** do rock que predominaram no final dos anos de 1960, três se destacaram pela similaridade de suas carreiras e pelo fato de que morreram com a mesma idade. O guitarrista Jimi Hendrix, a cantora de blues Janis Joplin e o poetacantor Jim Morrison. Todos tiveram carreiras meteóricas, gravaram um número limitado de discos, foram adorados ao extremo e tiveram mortes súbitas aos 27 anos. Apenas esses elementos já seriam suficientes para aparecer uma série de histórias que fariam com que os conspirólogos encontrassem um campo amplo para a propagação de suas teorias, como a de que os três teriam sido assassinados pela CIA, já que esta temia o poder que tinham sobre a audiência jovem do país num período em que o Verão do Amor, os hippies e a Guerra do Vietnã dominavam os noticiários.

Porém foi Jim Morrison quem forneceu grande parte do material que o tornou um símbolo. A vida do vocalista do grupo The Doors é cheia de histórias que beiram o romantismo descarado de seu parceiro na fundação do grupo, o tecladista Ray Manzarek. Mas o maior mistério, que se tornou um mito do rock, está na sua morte, ocorrida em Paris, na França, em 3 de julho de 1971.

Em sua biografia do grupo, *Light my Fire* (nome do primeiro grande sucesso, inédito no Brasil), Manzarek comenta sobre a morte do vocalista que, para muitos, era um verdadeiro xamã, um detalhe que faz parte da mitologia que cerca Morrison. Para ele, “não sabemos o que aconteceu em Paris. Para ser honesto, não acho que iremos saber. Rumores, histórias, meias-verdades, projeções



psíquicas que para justificar necessidades internas e maledicências, além de idiotices mascaram a verdade”.

Os boatos sobre as circunstâncias que envolveram a morte de Morrison são, de fato, esparsos e criaram o primeiro exemplar de uma morte famosa que seria seguida de várias “aparições” inexplicáveis do morto, muito antes da morte de Elvis Presley, em 1977, que seguiria o mesmo caminho (veremos mais sobre este assunto no [capítulo 7](#)).

Vimos no capítulo anterior que boatos sobre a morte de um ídolo do rock não são novidade para ninguém. A grande diferença, desta vez, é que pelo menos nem Paul McCartney nem Lou Reed ou qualquer outro nome que foi “morto” se tornaram fantasmas que aparecem nos lugares mais inusitados.

Porém, para deixar o leitor mais por dentro do assunto, seguiremos a ordem correta de apresentação dos fatos. Muitos de vocês, que lêem este texto, provavelmente já ouviram falar dos Doors, já que a mitologia do grupo sofreu um *upgrade* quando Oliver Stone lançou, em 1991, seu filme *The Doors*, de grande sucesso. Mas é necessário diferenciar o próprio filme da realidade, já que os membros que ainda estão vivos do grupo manifestaram-se contra a visão exagerada e cheia de erros históricos que a produção apresentou.

Os Doors foram uma banda de rock formada em 1965 em Los Angeles primeiramente por Morrison e Manzarek, que desenvolveram a idéia inicial a partir de um encontro casual dos dois na praia de Venice, na Califórnia. Morrison era um estudante de cinema na Universidade de Califórnia, Los Angeles (UCLA). Manzarek também havia feito o mesmo curso. Os dois se separaram por algum tempo e o tecladista o reencontrou na praia. Foi lá que o futuro vocalista do grupo revelou que queria montar uma banda e que havia composto algumas músicas nesse meio tempo. Manzarek se convenceu do potencial de Morrison quando este cantou *Moonlight Drive*, que o músico considerou “pura poesia”.

Como Manzarek já esteve em outras bandas de menor sucesso, ele resolveu que embarcaria nessa com Morrison. Os dois foram atrás de outros músicos e então encontraram o baterista John

Densmore, que era colega de Manzarek em aulas de meditação transcendental, e o guitarrista Robby Krieger, amigo de Densmore. O nome escolhido foi tirado de um verso de William Blake: "Se as portas da percepção forem abertas, as coisas surgirão como realmente são, infinitas." Uma outra versão atribui a origem ao livro de Aldous Huxley, *As Portas da Percepção*, um ensaio sobre o efeito da ingestão de drogas e suas implicações mentais e éticas.

Nas primeiras apresentações, Jim Morrison cantava de costas para o público, o que só serviu para chamar a atenção para a excentricidade característica de suas apresentações. Desde o início, o grupo se tornou mais vistoso pelo fato de que não possuía um baixista. Essa função era feita por Manzarek que tocava as linhas de baixo das músicas com a mão esquerda num teclado Fender Rhodes, enquanto a mão direita se ocupava do teclado normal. Um detalhe que não se repetiria no estúdio, já que muitos foram os baixistas usados pelo grupo em seus álbuns, entre eles Jerry Scheff, Doug Lubahn, Harvey Brooks, Kerry Magness, Lonnie Mack, Larry Knechtel, Leroy Vinnegar e Ray Neapolitan.

Em muitas das canções originais do grupo, Morrison ou Krieger forneciam a letra e a melodia inicial, enquanto os demais faziam contribuições harmônicas ou rítmicas, ou mesmo seções inteiras da canção, como no caso da introdução de órgão em *Light my Fire*, composta inteiramente por Manzarek.

Por volta de 1966, o grupo já se apresentava com certa frequência num bar chamado The London Fog. Seu sucesso, composto por letras soturnas e melodias hipnóticas, logo fez com que fossem escalados para o prestigioso Whisky a Go Go, um bar que tinha fama de ser um ponto de encontro de bandas iniciantes e produtores musicais. No dia 10 de agosto daquele mesmo ano, Jac Holzman, presidente da Elektra Records, estava presente para ver a banda, depois de receber uma recomendação do vocalista do grupo Love, Arthur Lee, que já havia sido contratado pela gravadora. Holzman e o produtor Paul A. Rothchild (que também produziu o álbum *Pearl*, de Janis Joplin) assistiram duas apresentações da banda no bar e resolveram oferecer um contrato. Os Doors estavam um tanto reticentes, pois algum tempo antes haviam assinado um contrato

com a CBS Records, mas não chegaram a gravar nada, pois foram dispensados antes que isso acontecesse.

O novo contrato viera no tempo certo. Em 21 de agosto, a banda foi despedida do Whisky a Go Go depois de uma apresentação em que Morrison, que já fazia na época experiências com drogas, recitou as intenções de um assassino com complexo de Édipo, sob o efeito de ácido, numa seção na música *The End* que a tornaria um clássico: a do drama grego Édipo Rei, de Sófocles, nos versos "Father? / Yes, son? / I want to kill you / Mother? / I want to fuck you." A reação do dono da casa foi extrema e os quatro foram despedidos naquela mesma noite. Mas com um contrato na mão, quem se importaria de perder um emprego num bar? O importante é que eles gravariam um álbum que entraria para a história do rock como um dos mais importantes de todos os tempos.

# *THE DOORS E STRANGE DAYS*

O primeiro álbum, chamado apenas de *The Doors*, foi gravado em agosto de 1966 e lançado na primeira semana de janeiro de 1967. Traz a maioria das músicas apresentadas no *Whisky a Go Go*, incluindo *The End* (com a parte final edipiana devidamente editada e um clima soturno criado no estúdio, com Morrison cantando na cabine de som iluminada apenas por velas) e *Break on Through* (com o verso "she gets high" editado para "she gets").

*Break on Through* também foi escolhida pela banda para ganhar um filme promocional numa época em que o conceito de videoclipe não existia. O filme foi dirigido por Morrison e Manzarek e é considerado um marco do gênero, apesar de sua relativa simplicidade.

*Light my Fire*, do mesmo álbum, explodiu nas paradas em meados de 1967 e vendeu um milhão de cópias. Seu sucesso estabeleceu os Doors como uma das principais bandas da contracultura norte-americana, ao lado de Jefferson Airplane e de Grateful Dead.

O próximo passo, claro, foi começar a fazer as apresentações ao vivo e pela televisão. As entrevistas eram dadas e as performances de Morrison começaram a ficar mais elaboradas. Muitas vezes ele simplesmente subia ao palco e, sem saber exatamente o que faria, improvisava muitas de suas danças e palavras. *The End*, inicialmente uma canção de amor, tornou-se um dos imprevistos mais complexos da banda, com os músicos acompanhando os improvisos de Morrison e sem saber exatamente o que ele faria ou falaria. Há versões da música que podem ser encontradas em vários *bootlegs* (discos piratas) em que a música chega a meia hora.

Essa foi a principal característica que chamou a atenção do público para Jim Morrison: seu caráter de imprevisibilidade. Paralelamente a isso, sua imagem de ídolo de rock começou a se consolidar e muitas vezes foi um empecilho para ele, que se queixava de que as pessoas prestavam mais atenção à sua imagem de rock star do que às suas palavras. O que ele parecia se esquecer é que, da mesma forma que ele tomava drogas, muitos da sua platéia faziam a mesma coisa e

difícilmente estavam em condições psicológicas para apreciar sua poesia improvisada. Até entre os músicos profissionais, a fama do grupo era um chamariz. John Lennon teria adquirido sete cópias do *The Doors* por se interessar pelo trabalho, o que levaria Morrison a comentar que as coisas “estavam indo muito bem”.

Seja como for, o sucesso dos Doors estava em alta e a gravadora viu a oportunidade perfeita para lançar o segundo álbum. Chamado de *Strange Days*, foi um trabalho que ainda possuía ecos de seu disco anterior, como o novo exercício de improvisação, chamado de *When the Music's Over*. Com sua letra pesada e arranjos fortes, foi uma das faixas responsáveis pelo estabelecimento da reputação de Morrison como o xamã do rock. O disco, lançado em setembro de 1967, marcou uma época de amálgama para o grupo: ao mesmo tempo em que eram considerados heróis do movimento *underground*, também se deixava fotografar para revistas adolescentes como a *Sixteen*.

As excentricidades de Morrison começaram a sair do palco e invadir também as cenas de seu cotidiano. Com o dinheiro que começou a ganhar comprou alguns automóveis, com os quais se envolvia em corridas e, claro, supostos acidentes dos quais, invariavelmente, saía vivo. Ele próprio ouvia esses boatos e ria deles. A coisa chegou a tal ponto que, quando ele realmente morreu, nenhum de seus companheiros de banda chegou a acreditar que algo de ruim poderia de fato ter acontecido com seu vocalista.

O álbum seguinte, *Waiting for the Sun*, saiu em 1968. Nessa época já vemos as tensões no grupo aumentarem a um nível perigoso, principalmente pela crescente dependência alcoólica que Morrison mostrava. Na mesma época, uma série de shows levou ao confronto da platéia com a polícia, incluindo um incidente em New Haven, Connecticut, onde Morrison tirou um quepe de um policial e jogou para a platéia porque, momentos antes, não foi identificado, quando estava namorando uma garota, por um policial nos bastidores que jogou spray de pimenta em seus olhos.

# *O INCIDENTE EM MIAMI*

A coisa começa a tomar rumos perigosos quando, em 1º de março de 1969, aconteceu o que os historiadores da banda chamam de Incidente em Miami. O acontecimento, embora tenha estragado a carreira do grupo, foi o principal responsável por alimentar a imaginação dos conspirólogos sobre o mito da morte forjada de Morrison.

O tal incidente aconteceu em uma apresentação no Dinner Key Auditorium em Miami, na Flórida. Os promotores, interessados em arranjar dinheiro, colocaram mais pessoas para dentro do auditório que o número de lugares disponíveis. Os acontecimentos de que era uma noite quente e que Morrison se atrasara significativamente para entrar no palco porque perdera o voo para Miami por estar muito bêbado contribuíram para a inquietude da platéia. Quando o vocalista chegou e começou a cantar, mostrava-se visivelmente apático, provavelmente já desiludido com o fato de que não era considerado como poeta e sim como ídolo adolescente. Ele começou algumas canções apenas para interrompê-las para provocar a platéia com desafios e declarações irreverentes. Pouco depois de uma hora de iniciado, a confusão entre vocalista, platéia e até membros da equipe era tamanha que o show precisou ser interrompido e abruptamente encerrado.

A partir daí começaram os boatos. O principal deles era que Morrison havia desafiado a platéia oferecendo expor suas partes íntimas. A platéia e várias testemunhas não conseguiram chegar a um acordo sobre se isso aconteceu ou se tudo não passou de um delírio do público, atizado pelo cantor. Não há uma única foto do evento que comprove essa alegação. Mas não podemos esquecer que naquela época os ditos grupos pelas morais e bons costumes queriam motivos para banir o rock como "música do demônio" e as tentativas tresloucadas de Morrison para atizar a platéia contribuíram para um mito que nunca foi provado, o de que ele teria se exposto completamente para o público.

De início, o show foi comentado apenas como uma amostra do cantor bêbado combinado com a frustração da fama e de seus demônios interiores que cresceram até dar no que deu. Assim, em 5 de março já havia um mandado de prisão para Morrison por exibição indecente e obscenidade. Com isso, um a um, os shows de uma enorme turnê pelos Estados Unidos foram cancelados até que esta, por completo, teve o mesmo destino.

Enquanto isso, Morrison foi para a Jamaica com os Doors, gravou sua poesia recitada e começou a filmar *HWY* (lê-se Hiway), um filme experimental em que ele mesmo faz um caronista na estrada.

Nessa época, a única aparição do grupo foi num especial da rede de TV *PBS*, em que apresentam algumas canções do álbum seguinte, *The Soft Parade*. Com isso, a aparência de Morrison mudou completamente: do visual definido pelos jornalistas como o de "um jovem Adônis" ele apareceu em cena com uma barba densa, gordo, usando óculos de aviador e um pesado casaco marrom.

Quando o quinto álbum, *Morrison Hotel*, ficou pronto, tanto a banda quanto o próprio Morrison já se achavam exauridos pelo enorme prejuízo financeiro da turnê cancelada e pelo fantasma de Miami que rondava seus negócios sem parar. Um cansativo julgamento aconteceu e o cantor foi acusado de profanidade e exposição indecente. O veredicto foi contestado e o processo ainda corria quando Morrison morreu.

Nesse meio tempo, alguns trabalhos ao vivo foram lançados e a banda começou a se arranjar para o que seria seu último disco com Morrison, *LA Woman*. O produtor, Rothschild, vendo que Morrison estava com problemas sérios e não confiando no material do novo disco, retirou-se de seus deveres. Em seu lugar, o engenheiro da banda, Bruce Botnick, assumiu o posto junto com a própria banda, que, pela primeira vez, se autoproduziria.

O grupo ainda tentou se apresentar para promover o futuro disco, mas Morrison se mostrava incrivelmente desanimado, a ponto de deixar o microfone cair várias vezes no chão e, no meio da performance, se recusar a prosseguir. Os demais Doors decidiram que não mais se apresentariam ao vivo e que Morrison deveria ter um tempo para si.

Assim, sem esperar o lançamento de *LA Woman*, Morrison e sua namorada, Pamela Courson (que usava o nome Morrison sem nunca ter sido casada com o cantor), deixaram os Estados Unidos em direção a Paris. Fizeram visitas a outros países da Europa e chegaram a ir até Marrocos, mas era na Cidade-Luz que ele esperava recarregar suas baterias para voltar a escrever poesia.

E foi lá que aconteceu a misteriosa morte de Jim Morrison, que alimentou um dos mitos do rock mais famosos.



# A MORTE DE JIM MORRISON

Os últimos dias do cantor dos Doors foram cheios de histórias estranhas. Embora Miami resultasse num julgamento longo e arrastado que consumiu muito de Morrison, o fato de ele, nesse meio tempo, ter publicado finalmente seus livros de poesia (*The Lords e the New Creatures*) não ajudou muito. Somente uma boa temporada longe daquele inferno todo é que poderia ajudar em alguma coisa.

Os mais atentos já argumentariam sobre que tipo de brecha jurídica poderia ter permitido que Morrison e Pamela se ausentassem do país enquanto o processo de Miami ainda estivesse em andamento. Mas o mais estranho é o relato de Danny Sugerman, gerente da banda, que afirmou que Morrison teria declarado que ele “forjaria sua morte e desapareceria na África como Arthur Rimbaud” (poeta francês que viveu entre 1854 e 1891). De acordo com esse mito, ele sumiria e entraria em contato com o escritório dos Doors usando uma identificação que se tornou parte da letra de *LA Woman, Mr. Mojo Risin'* (que nada mais é do que um anagrama para o nome Jim Morrison).

Mas vamos aos fatos. Em 3 de julho de 1971, Morrison foi encontrado morto em seu apartamento localizado na Rue Beautrellis, próximo a Place des Vogues. Pamela Courson, que esteve com ele nos últimos dias, declarou que haviam ido, na noite anterior, assistir a um filme e então voltaram para casa. Ela acordou durante a noite com um barulho e viu que Morrison estava cuspidando sangue. Levantou-se para preparar um banho para ele se sentir melhor. Enquanto ele estava na banheira, ela voltou para a cama. Quando acordou de novo, ele ainda não havia voltado e, ao entrar no banheiro, encontrou-o morto. A princípio ela pensou, dado o histórico de suas brincadeiras no limite, que ele estaria apenas fingindo (aparentemente ele tinha se barbeado recentemente), mas após um exame mais detalhado ela percebeu a verdade. Ele se fora.

A partir de então o que se segue é uma coleção de boatos tão grande que pouco ou nada se pode concluir sobre o que realmente

aconteceu. Aparentemente, houve um espaço de três dias entre a morte de Morrison e a divulgação da notícia para a imprensa. Mesmo jornais sérios, como *The Berkeley Barb*, *Esquire*, *The LA Free Press*, *Sounds*, *The Baltimore Morning Sun*, entre outros, notaram o espaço. Quando Robert Hillburn, que fez o obituário para o *The LA Times*, escreveu como título do seu texto "Por que o Atraso na Divulgação da Morte de Morrison?" já era tarde demais: as circunstâncias para a teoria da conspiração já estavam lançadas.

Como já foi dito, os próprios Doors custaram a acreditar que dessa vez os boatos fossem verdadeiros. Quando Bill Siddons, o gerente da banda antes de Danny Sugerman, recebeu a notícia, foi Manzarek quem sugeriu que ele fosse até Paris para verificar o boato. O tecladista relatou em seu livro que Siddons esteve lá e viu o caixão. No enterro de Morrison, no prestigiado Cemitério de Père Lachaise, nos arredores de Paris, estavam apenas ele, Pamela, Agnes Varda, uma cineasta, e Alan Ronay, um companheiro de Morrison da UCLA. A sepultura permaneceu por um bom tempo sem uma única lápide o que só contribuiu para aumentar o mistério.

Algumas circunstâncias contribuíram para aumentar o enigma. Primeiro o fato de que, pelas leis francesas de então, não foi realizada nenhuma necropsia no cadáver, já que a causa da morte aparentemente foi natural. Segundo os relatos, o médico francês que assinou o atestado de óbito, um tal de Dr. Vassille, jamais foi encontrado. Também há de se notar que supostamente uma semana (ou três dias, dependendo da versão que se escuta) antes de sua morte, Morrison adquiriu sua futura sepultura. Siddons confessaria mais tarde a Manzarek que ele não quis ver o interior do caixão por uma questão pessoal: ele não via os cadáveres de conhecidos para que pudesse se lembrar de como eles eram quando vivos.

O mistério aumentou ainda mais quando o médico pessoal de Morrison, o Dr. Derwin, declarou à imprensa que "Jim Morrison estava em excelente saúde antes de viajar para Paris." Então o que teria acontecido por lá para levar a uma morte prematura como essa?

Para entender o boato, é necessário verificar mais alguns fatos. Como as mortes de Jimi Hendrix (em 18 de setembro de 1970) e de

Janis Joplin (em 4 de outubro de 1970) aconteceram em pleno julgamento do incidente de Miami, isso só contribuiu para exaurir Morrison, que se apresentava deprimido ao extremo. Em determinada ocasião ele chegou a comentar com algumas das pessoas mais próximas que eles estariam "bebendo com o número três", numa clara alusão de que ele seria o próximo. Os conspirólogos, que defendem a teoria do envolvimento da CIA nas mortes dos três Js (como muitos historiadores do rock se referem ao grupo Hendrix-Joplin-Morrison), vêem aí um forte indício de que Morrison sabia que seria mesmo a próxima vítima, embora tenha morrido quase um ano depois dos outros dois.

Aqui vale um parêntesis. A fama de louco de Morrison, acentuada depois do filme de Oliver Stone, contribuiu para o surgimento de outras hipóteses mais recentes. Um exemplo disso é um artigo publicado em 1991 numa revista de *avant-garde* chamada *Mondo 2000*. Aparentemente, o autor do artigo teve acesso a um raro arquivo médico de Morrison, que dizia que o cantor sofria de várias doenças sexuais e descrevia o tratamento pelo qual ele supostamente passava. Segundo ele, havia poucas pessoas na UCLA que sabiam que Morrison se tratava para curar uma gonorréia em 1970 e que o acúmulo de doenças poderia tê-lo lançado numa tentativa de suicídio. Como Siddons nunca viu o corpo, não foi feita nenhuma necropsia, o caixão estava lacrado, Pamela em estado de choque e o mundo esperando para saber se o líder dos Doors havia mesmo falecido, não dá para se saber nada ao certo.

Muitas biografias sobre o assunto afirmam que, ao contrário do que se esperava, a estadia de Morrison na Europa não surtiu um efeito regenerativo, e sim o deixou numa depressão muito profunda. Alan Ronay, um dos que foram chamados por Pamela naquele fatídico dia, também contribuiu para o mistério. O Cemitério do Père Lachaise, para onde o corpo foi levado, é um monumento nacional, com nomes importantes lá enterrados como Sarah Bernard, Oscar Wilde, Marcel Proust, Molière, La Fontaine, Champollion e Chopin. Porém, mesmo para quem não acredite nas teorias de conspiração, presta atenção nesse detalhe insólito: parece um tanto estranho que um norte-americano famoso, que não obteve nenhum tipo de

cidadania francesa, tenha sido enterrado em Paris ao invés de ter seu corpo trasladado de volta para seu país de origem.

John Densmore, o baterista dos Doors, relata em sua biografia *Riders on the Storm: my Life with Jim Morrison and The Doors* (também inédita por aqui) que achou a sepultura do cemitério francês "pequena demais" para ser de Morrison e que começou a entender o porquê de os boatos sobre a suposta morte do cantor terem ganhado tanta força.

Siddons, por sua vez, apareceu numa edição da revista *Bam!*, em 1981, em que afirmava que o modo como tudo aconteceu em Paris "ainda não está totalmente claro para mim".

Supostamente apenas duas pessoas viram o corpo de Morrison: Pamela e o tal Dr. Vassille. Algumas pessoas afirmam, em vários textos que circulam por Internet, que conseguiram localizar o tal médico, mas que este simplesmente se recusa a falar sobre o assunto. E para piorar um pouco a situação, Pamela Courson, que se tornou assim a única herdeira dos escritos e dos bens de Morrison (que na época estava brigado com seus pais), morreu em 1974 de overdose de heroína.

Esse foi um fato que despertou muita atenção. Afinal, Pamela sempre foi chegada naquela droga, ao passo que seu namorado, embora experimentasse de tudo, supostamente não se metia com heroína porque tinha aversão a agulhas. Muitas pessoas ligadas ao cantor, incluindo Manzarek e Densmore, confirmam essa informação. Um detalhe que foi divulgado sobre o estado do corpo era o de que havia um filete de sangue que saía do nariz, o que levou muitas pessoas a especular que Pamela estava brigada com Morrison e que naquela noite havia saído para se encontrar com um suposto Conde, um nobre europeu que a apresentara para a heroína e que seria também seu fornecedor. Receosa de que o namorado descobrisse, Pamela teria escondido a droga que, naquela noite, teria sido encontrada por Morrison. Este, usando a droga por cocaína, teria cheirado-a e entrado em coma. Isso bate com o relato de Manzarek que diz que, quando ela voltou para os Estados Unidos, eles se encontraram e ela tremia muito dizendo que a culpa pela morte de Morrison era somente dela.

O detalhe da banheira também é intrigante. Enquanto Manzarek delira e vê a imersão na água como uma espécie de renascimento e limpeza, os demais conspirólogos já afirmam que mergulhar alguém na água faz parte de um tratamento para controle de overdoses. Aparentemente, Morrison era freqüentador assíduo de um clube noturno conhecido como Rock'n'Roll Circus, um lugar barra pesada que misturava drogas e bandas de rock. Assim, ele teria cheirado algo que o fez passar mal e foi levado por três cavalheiros desconhecidos de volta para seu apartamento na Rue Beautrellis, onde foi encontrado por Pamela que, com medo que descobrissem que estava ausente atrás de heroína ou mesmo que tenha visto o suposto Conde, inventou toda a história.

Mas absolutamente nada se compara com as teorias de que Morrison forjou a própria morte. A mais mirabolante delas deixa claro que ele estava cansado pelo fato de que o apelo ao julgamento de Miami ainda demoraria muito para sair e que ele não queria mais continuar como cantor de uma banda de rock. Assim ele teria incluído Pamela no plano para forjar sua morte e assim poder recomeçar sua vida em algum lugar diferente. Dessa forma teria pedido dinheiro para o escritório dos Doors, comprado o jazigo do Père Lachaise e preparado tudo para forjar sua morte. Com a ajuda de seus associados de clubes como o Rock'n'Roll Circus, ele teria encontrado um sócia com mais ou menos sua altura e peso. Ofereceu assim uma droga qualquer para o pobre coitado (ou, em alguma versões, feito ele cheirar heroína pensando ser cocaína). A vítima entrou em overdose e morreu. Foi então carregado pelos três misteriosos cavalheiros (sendo Morrison um deles) até o apartamento da Rue Beautrellis e colocado na banheira, onde Pamela já esperava para fazer sua parte. O resto bate com a história mais oficial. Em algumas versões, Agnes Varde e Alan Ronay seriam os cúmplices que ajudariam Morrison no transporte do corpo.

Assim Morrison escaparia do peso de ter o julgamento de Miami marcando toda sua vida pessoal e profissional. Também poderia desaparecer e recomeçar em algum lugar distante (provavelmente não na África) e ser qualquer outra pessoa. Quanto a essa possibilidade, Manzarek afirmou diversas vezes que, se alguém

poderia ser capaz de forjar sua própria morte, esse alguém seria Jim Morrison.

## OUTRAS VERSÕES

É claro que a tal morte forjada é apenas uma das muitas versões que correm por aí para explicar o ocorrido. Como nunca foi aberta uma sindicância ou realizada uma investigação, tudo o que se fala sobre as circunstâncias da morte de Morrison é levado a sério. E isso tem origem na mitologia criada pelo próprio cantor durante sua carreira com os Doors.

A maioria sabe, por exemplo, que ele acreditava que tinha o corpo possuído pelo espírito de índios que viu morrer num acidente de caminhão numa estrada quando era pequeno. E Morrison sempre manifestou também grande interesse pelo oculto de diversas formas, inclusive um relacionamento com Patricia Kennealy, editora da revista *Jazz & Pop*, que também era ligada a uma ordem pagã chamada Ordo Supremus Militaris Templi Hierosolymitani, sendo alta sacerdotisa na tradição celta pagã. Também era membro da Mensa International, a maior, mais antiga e mais famosa sociedade que reúne pessoas com altos quocientes de inteligência do mundo. Eles teriam se casado no auge da carreira de Morrison por meio de um ritual pagão, o que daria a ela o direito de assinar seu nome como Kennealy-Morrison.

Mas isto é apenas um detalhe dentro da complicada vida do líder dos Doors. O que ninguém consegue negar é seu interesse pelo oculto. E em vários livros, como o de J. Prochniky, há a descrição de supostos rumores que afirmam que Morrison foi morto por "meios sobrenaturais". Um deles diz que o suposto espírito do xamã que habitava seu corpo o levou a extremos tão grandes que o abandonou depois de Miami, o que o deixou física e mentalmente exausto.

Outra variação dessa história é a de que Morrison fazia parte de um círculo de adoradores dos Mistérios de Orfeus (que são melhor explicados em meu livro *Seitas Secretas*). Durante alguns rituais de iniciação, que aconteciam à base de veneno de aranha, foi liberado o que se chama de um "deuende", que, na tradição cigana, é uma

alma negra que queima intensamente e imola o corpo que a possui,  
preparando para o sacrifício final.



# APARIÇÕES APÓS A MORTE

Porém o que mais atrai a imaginação dos fãs é mesmo a possibilidade de Morrison ter enganado a todos com sua suposta morte. E o fato de que não só os boatos sobre as circunstâncias permitirem histórias absurdas como também algumas supostas “aparições” do cantor ajudam a botar mais lenha na fogueira.

Nos primeiros dois anos após 1971 houve muitos relatos de pessoas que viram Morrison vivo aqui e ali. Por exemplo, a agência de notícias LA Free Press e muitas outras relatam que alguém apareceu, durante 1973, várias vezes em San Francisco. Esse suposto Morrison se envolveu em várias transações bancárias e comerciais com o Banco da América de San Francisco. O funcionário que cuidava dessas transações, Walt Fleischer, confirmou várias vezes que alguém com a aparência de Morrison usava seu nome verdadeiro (James Douglas Morrison) para realizar seus negócios.

Em outras ocasiões, o morto foi visto em alguns lugares barra pesada em Los Angeles, usando a calça de couro preta que tantas vezes foi sua marca registrada nos shows dos Doors. Para alguns, estes “lugares barra pesada” aos quais os boatos se referiam eram apenas boates gay, onde os frequentadores usavam de fato vestimentas de couro.

No estado da Louisiana, por sua vez, também houve aparições do cantor, Mas desta vez ele chegou a dar várias entrevistas para rádios. Numa obscura rádio no oeste do estado, “Jim” teria aparecido no meio da noite e dito tudo o que acontecera. Depois da suposta entrevista ele desaparecera e desde então nenhuma testemunha confiável foi encontrada para corroborar esse fato. Até um boato de que Morrison seria candidato ao posto de governador do estado correu...

Em 1974, um álbum, chamado *Phantom's Divine Comedy*, foi lançado. Rumores diziam que era Morrison quem cantava, acompanhado do baterista X, do baixista Y e do tecladista Z. Ninguém conseguiu saber algo sobre esta obscura banda e os nomes dos músicos que acompanhavam o vocalista, que de fato

tinha a voz semelhante, ficaram no anonimato. Já o tal Phantom não era outro senão Iggy Pop, que chegou a ser cogitado por Manzarek para substituir Morrison no grupo.

O mais estranho de tudo foi quando começaram a surgir boatos sobre os múltiplos Morrisons. Como no caso da morte de JFK, há a teoria (conspiratória, claro) de que o cantor não era uma pessoa, mas várias. Isso porque há rumores de que um tal de Richard Tanguay, um amigo íntimo de Mick Jagger, dos Rolling Stones, teria assumido o papel de Jim Morrison por diversas vezes, e até mesmo cantado com os Doors em sua turnê pela Europa, em 1968, quando o grupo teria viajado pelo continente com os Rolling Stones.

Tanguay, que ficara conhecido como JM2, declarou que, na verdade, havia vários Morrisons, que todos se conheciam uns aos outros e que se encontravam de vez em quando para aperfeiçoar seu trabalho. Essa encenação era parte de um experimento sociológico da CIA.

Seja como for, uma coisa é verdadeira: a música dos Doors ainda é reconhecida como uma das melhores da história do rock. Se Jim Morrison está vivo ou morto, bem, isso é apenas um detalhe...

# Capítulo 4

## John Lennon: a Origem da Fama dos Beatles

**Não há como negar** que poucas são as pessoas, mesmo hoje em dia, que nunca ouviram falar dos Beatles ou em uma de suas músicas. Mais de trinta anos se passaram desde que o grupo se separou, em 1970, e mesmo assim sua obra continua a ser revisitada por músicos respeitados das diversas correntes da música, do jazz ao blues, do rhythm-and-blues ao reggae etc.

Outros grupos dentro da história do rock conseguiram uma fama duradoura, mas nenhum ainda igualou o nível obtido pelos Beatles. O que levou vários pesquisadores acadêmicos (entre historiadores, antropólogos, sociólogos e músicos, entre outros) levantarem muitas hipóteses sobre o segredo de seu sucesso duradouro. Assim surgiram teorias como o fato de que foram precursores em diversas técnicas de composição como músicas que apresentavam solos de guitarra tocados ao contrário, ou o fato de serem, por natureza, pesquisadores de ritmos e introdutores de elementos da música oriental. Para alguns, o sucesso está no fato de que também foram os primeiros a introduzir na indústria fonográfica a confecção de álbuns conceituais como *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, considerado o melhor disco de rock de todos os tempos pela revista norte-americana *Rolling Stone* em 2003.

Porém, como todos os astros do rock, também os Beatles possuem sua própria mitologia. E chamaram a atenção dos conspirólogos muito antes de estes chegarem à conclusão de que

Paul McCartney tinha morrido num acidente de carro (sobre o qual já foi falado no [capítulo 2](#)). Assim, claro, a explicação para o segredo do sucesso da banda de Liverpool tinha que ter uma explicação maluca. Isto somado ao fato de certos detalhes e excentricidades de seu componente mais polêmico, John Lennon, deram origem a um dos mitos mais estranhos de todos, o de que o sucesso deles vinha de uma intervenção diabólica.

Em certos pontos, este mito se assemelha ao de Robert Johnson (descrito no [capítulo 1](#)), pois a maioria dos supostos “pactos” de músicos com o demônio envolve o fator fama. Porém desta vez haviam detalhes a mais, novamente espalhados pelas músicas não só dos Beatles como também da carreira solo de Lennon.

E por que o escolhido seria justamente o Beatle que foi assassinado em 1980? Não pense que os conspirólogos não pensaram nisso também. Há detalhes que foram colhidos pela polícia de Nova York naquele fatídico mês de dezembro que ajudaram a florescer a lenda e a torná-la mais consistente. Voltaremos a eles mais tarde.

Antes é necessário fazermos a retrospectiva de praxe sobre a carreira do grupo, uma vez que, por mais famosos que sejam, ainda há gente que desconhece os detalhes da carreira dos Beatles.

# MERSEY BEAT

Primeiro é necessário caracterizarmos o ambiente em que o som dos Beatles surgiu. O Mersey Beat (também chamado de Mersey Sound ou Liverpool Sound) foi o nome que os jornais e revistas especializados deram para a música criada por bandas que faziam parte do Merseyside (condado localizado no Noroeste da Inglaterra nomeado a partir do rio Mersey que compreende uma malha urbana de duas cidades no estuário – parte do rio que encontra o mar – de Mersey, centralizado do lado de Liverpool). O movimento foi vigente entre 1958 e 1964. Era caracterizado pela mesma formação padrão nas bandas: um guitarrista principal, um que fornecia o ritmo, um baixista e um baterista. O formato foi popularizado por grupos como os Beatles e o The Searchers.

Curiosamente esse ritmo é uma mistura do rock estilo anos 1950, *skiffle* (um tipo de jazz muito popular entre os jovens da década anterior) e o rhythm-and-blues. O movimento pegou rápido e começou a atingir outras cidades da região. Logo os principais grupos começaram a se destacar, entre eles nomes como The Dave Clark Five, Gerry & The Pacemakers, Herman's Hermits, The Hollies, The Searchers, The Zombies, The Yardbirds e até a formação original do The Who. Entre os nomes de Liverpool, além dos Beatles, claro, estão as bandas The Undertakers, The Big Three, Billy J Kramer with The Dakotas, Rory Storm and the Hurricanes, The Swinging Blue Jeans e The Fourmost.

O registro das bandas daquela época está num jornal chamado justamente *The Mersey Beat*, fundado e editado por Bill Harry, que foi justamente colega de John Lennon no Liverpool Art College. Seu foco era as bandas que se apresentavam na cidade e as convidadas que vinham de outras localidades no começo dos anos de 1960. Foi a primeira publicação a trazer os Beatles na capa.

E está enganado quem pensa que, hoje em dia, apenas os Beatles são lembrados em Liverpool. Daquela mesma época, a cidade ainda lembra a banda Gerry & The Pacemakers, que marcou com músicas como *How Do You Do It?* e *I Like It*. Sua maior

contribuição, entretanto, seria com a canção *You'll Never Walk Alone*, que se tornaria algum tempo depois o hino oficial do Liverpool Football Club.

A principal influência de John Lennon na década de 1950 foi Sir Lonnie Donegan (1931-2002), o mais famoso de todos os músicos de *skiffle*, responsável por mais de 20 músicas que chegaram ao Top 30 da difícil parada britânica. Donegan é chamado de Rei do Skiffle e é citado por muitos músicos da geração dos anos 1950 e 1960, entre eles Elvis Presley, Mark Knopfler (guitarrista do Dire Straits) e Cliff Richards.

Os *riffs* improvisados de Donegan foram o principal impulso que fez com que Lennon criasse uma banda composta por amigos da Quarry Bank School, que incluía seu melhor amigo na época, Pete Shotton.

A banda, originalmente chamada de Black Jacks, assumiu depois o nome de Quarrymen (em homenagem à escola), que seria o embrião dos Beatles. A primeira formação era a seguinte: Lennon cuidava da guitarra e dos vocais, enquanto Rod Davis tocava banjo, Bill Smith tocava um baixo improvisado com uma caixa de transporte de chá muito usada por músicos de quadrilha norte-americanos, Eric Griffiths era a outra guitarra e Pete Shotton na (acreditem se quiser) tábua de lavar roupa.

Em 1956, o rock explode de vez com Bill Haley e seu *Rock Around the Clock*. Com nomes como Elvis Presley cada vez mais em evidência, os Quarrymen adotam com tudo o ritmo como padrão e colocam de lado o *skiffle*.

Essa decisão mudaria o destino da banda. Na Igreja de São Pedro, em Woolton (subúrbio de Liverpool), em 15 de julho daquele mesmo ano, Lennon seria apresentado a Paul McCartney durante uma festa em que os Quarrymen eram a atração. Seu futuro parceiro musical tocou duas músicas (*Twenty Flight Rock* e *Be Bop a Lula*) e sabia a letra completa de cada uma, já que Lennon normalmente improvisava por não as saber direito. McCartney ainda ensinou ao novo amigo alguns acordes a mais. Paul entraria para os Quarrymen pouco tempo depois.

O próximo da lista era George Harrison, que McCartney conhecia do Liverpool Institute. Lennon inicialmente não queria aceitá-lo por causa da idade (era três anos mais novo), mas o fato de que tocava guitarra melhor que John e Paul juntos falou mais alto.

A presença dos novos membros fez com que a banda mudasse de nome. Vários foram usados, incluindo The Rainbows, Johnny and The Moondogs e Long John and the Silver Beatles. De acordo com declarações do livro *Antologia*, o nome Beatles veio à mente inspirado no grupo The Crickets. Diz Lennon:

*"Eu estava procurando um nome como The Crickets, com duplo significado, e a partir de crickets cheguei a beetles. Mudei para BEA porque beetles não significa duas coisas por si só. Quando se ouve 'beetle' pensa-se logo em algo que rasteja, mas quando se lê a palavra, você vê o 'beat' da música."*

Assim, beetles (besouros) passava a ser escrito com BEA para que lembrasse beat (batida). Esse é um detalhe importante que os conspirólogos abusaram para construir seu mito. Mas vamos, por enquanto, continuar a história.

Lennon sempre foi conhecido pela irreverência com que afirmava as coisas. Depois do fim do grupo, as entrevistas que ele dava sempre tinham a impressão de que o passado deveria ficar para trás. Mesmo assim, numa dessas oportunidades, soltou a informação de que o nome da banda havia surgido num sonho, em que aparecia "um homem numa torta flamejante, dizendo: vocês são Beatles com A". A imagem surreal seria mais tarde reutilizada por Paul McCartney em seu álbum solo, *Flaming Pie*, de 1997, e também se tornaria um "marco" na teoria de conspiração desse mito.

# FORMAÇÕES

Não foi apenas o nome da banda que mudou nesse meio tempo. Muitos componentes entraram e saíram, mas apenas John, Paul e George eram fixos. Como os três tocavam guitarra, havia a necessidade de um baixista para dar ritmo às canções. Como Lennon contava com 20 anos na época e estudava no Art College, convenceu um amigo a comprar um baixo e entrar para o grupo. Esse amigo também contribuiu para o mito: era Stuart (ou Stu) Sutcliffe, que por si mesmo não era grande baixista, mas queria agradar o amigo músico.

Ainda faltava um baterista, vaga que era suprida por profissionais que tocavam com eles em algumas ocasiões. Quando a banda foi se apresentar no pub Casbah, o baterista Pete Best, que era filho da dona do estabelecimento, começou a acompanhar o grupo.

Foi quando o primeiro empresário, Allan Willians, obteve um contrato para que os rapazes fossem tocar em Hamburgo, na Alemanha. Best foi contratado para a turnê e a partir de então se tornou membro efetivo.

Em 1960, o grupo fez sua primeira viagem e ficaram cinco meses tocando por lá em clubes noturnos como o Indra (o primeiro a recebê-los) e o Kaiserkeller. Porém o trabalho foi interrompido porque as autoridades descobriram que Harrison era menor de idade e foi deportado. Em seguida, foi a vez de mandar de volta Best e McCartney, que haviam provocado um pequeno incêndio onde estavam hospedados.

As apresentações eram puxadas: de 8 a 12 horas seguidas, o que os forçou a aperfeiçoar suas técnicas e improvisar. Foi lá que o grupo conheceu Klaus Voorman (músico e produtor musical, criador da capa do álbum *Revolver*) e a fotógrafa Astrid Kirschher, que registrou a banda naqueles dias.



# A ERA CAVERN CLUB

O famoso Cavern Club, de Liverpool, que alardeia ser o lugar onde os Beatles nasceram, só começou a recebê-los depois da fase Hamburgo. A primeira apresentação da banda por lá foi em 1961 e desde então foram 293 shows até o início do sucesso. Eles já eram o grupo de rock mais popular da cidade, juntamente com Rory Storm and The Hurricanes.

Naquele mesmo ano voltaram a Hamburgo por uma segunda vez. Tocaram no Top Ten. Foi um período em que Sutcliffe abandonou a banda porque estava apaixonado por Astrid Kirchherr e decidiu voltar a estudar arte, sua verdadeira vocação, na Alemanha. Por sugestão da fotógrafa, eles abandonaram o penteado topete estilo Elvis e adotaram o modelo para frente. Assim McCartney assumiu o baixo e o grupo passou a ser um quarteto. Pouco tempo depois Sutcliffe sofreu um derrame cerebral e morreu.

Ainda em Hamburgo, eles foram chamados para acompanhar um cantor local chamado Tony Sheridan em estúdio. Com ele gravaram *My Bonnie* sob o nome de Beat Brothers. Foi essa gravação, requisitada por um fã ao proprietário de uma loja de discos local que despertou a atenção ao som deles. O dono da tal loja era Brian Epstein, o principal responsável pelo sucesso dos Beatles.

O grupo voltou a Cavern e foi então que encontraram Epstein, que havia ido lá para vê-los, embora não fosse o tipo de música que gostasse. Mostrou-se impressionado com o grupo, principalmente com Lennon, e voltou ao local várias vezes até decidir finalmente se tornar o empresário da banda. Foi Epstein quem os aconselhou a mudar de comportamento e aparência. A partir daí eles passaram a não conversar, contar piadas, comer e beber no palco, programar com antecedência os shows e se vestirem com ternos.

Epstein era rico e mostrou-se ser a engrenagem que faltava para que o sucesso finalmente chegasse. O fato de que era judeu e homossexual foi, mais tarde, usado pelos conspirólogos para aumentar o escopo da lenda do pacto com o demônio. Mas já chegaremos lá...

Como o novo empresário trabalhava com música, tentou entrar em contato com alguma gravadora para obter um contrato. A Decca Records, uma gravadora fundada em 1929, hoje mais conhecida por seus álbuns de música clássica e trilhas sonoras orquestradas de filmes, foi a primeira. O teste aconteceu em janeiro de 1962 e o grupo só fez *covers* (interpretações de canções de terceiros). Porém, apesar dos esforços, a gravadora não os aceitou porque “conjuntos de guitarra estavam saindo de moda”. Pouco depois, o grupo faria sua terceira viagem a Hamburgo.

Epstein cuidou de transformar as fitas do teste num disco de vinil. Recebeu um conselho de procurar George Martin, da Parlophone, subsidiária da gravadora EMI, uma das maiores do mundo. Martin confessou anos depois que não se impressionou com os rapazes pelo ponto de vista musical, mas que simpatizara com eles como pessoas. Para ele, o grupo possuía um talento cru que precisava ser lapidado.

O produtor não havia, entretanto, gostado de Best e sugeriu que Epstein arrumasse outro baterista ou usasse um de estúdio. Os motivos que levaram a essa dispensa possuem várias versões, desde o fato de que Best não se misturava com os demais e não adotava nem mesmo o penteado, até a versão de que Martin não gostou do rapaz. Outra versão diz que Best era mais popular com as mulheres do que McCartney, que sentiria ciúmes, o que é desmentido pelos relatos da época que provam ser justamente o contrário. Um amigo do agora ex-baterista chegou a acusar Harrison de ser o principal motivo de sua saída.

Seja como for, logo depois o grupo chamou Richard Starkey, mais conhecido como Ringo Starr, que na época era baterista de outro grupo, chamado Rory Storm and the Hurricanes.

## PRIMEIRA FASE

A partir do lançamento do single *Love Me Do / PS I Love You*, o sucesso do grupo começa a se formar e a assumir uma trajetória meteórica. Veremos alguns dos pontos altos ligados à atividade do grupo que são importantes para se entender como essa lenda nasceu.

Após o lançamento de *Love Me Do*, em outubro de 1962, os Beatles apareceram pela primeira vez na televisão, no programa *People and Places* da TV Granada de Manchester. O estúdio só os veria novamente em 26 de novembro daquele mesmo ano para a gravação do segundo *single*, que traria *Please Please Me / Ask me Why*. A primeira canção alcançaria o topo das paradas inglesas no começo de 1963. Depois dos dois *singles*, o grupo iniciou sua primeira turnê pela Inglaterra, acompanhando Helen Shapiro. Pouco depois saía o álbum *Please Please Me*, que trazia composições originais de Lennon/McCartney e *covers*.

Na seqüência vieram os *singles From Me To You / Thank You Girl* e *She Loves You / I'll Get You*, ambos alcançando o primeiro lugar. Em 13 de outubro, a banda se apresentou no London Palladium, onde uma multidão enlouquecida os esperava. Começava a histeria que caracterizaria muitas de suas apresentações e geraria a chamada Beatlemania.

Um mês depois, eles se apresentaram no Royal Variety Performance na presença da rainha da Inglaterra, além de gravarem seu segundo álbum, *With the Beatles*, e lançarem outro *single* número 1, *I Want to Hold your Hand / I Saw her Standing There*.

Porém um detalhe é importante: embora fossem muito populares na Inglaterra, o mercado norte-americano ainda não abria suas portas. Pensando nisso, Epstein procurou a Capitol para lançar o último *single* e firmar um contrato com um popular apresentador de televisão norte-americano, Ed Sullivan, uma espécie de Silvio Santos que apresentava também artistas como os Rolling Stones e os Doors. Mesmo assim, os Estados Unidos não pareciam dispostos a

aceitar a banda e a rede de televisão *CBS* apresentou um pequeno documentário sobre o sucesso que eles faziam na Europa.

O efeito superou as expectativas. *I Want to Hold your Hand* vendeu um milhão de cópias e chegou ao primeiro lugar nas paradas de sucesso norte-americanas em 1964. Assim, quando a banda foi fazer sua primeira apresentação por lá, foi recebida por uma multidão que em nada devia à sua contraparte britânica. Quando, em 9 de fevereiro daquele ano, se apresentaram no *The Ed Sullivan Show*, o programa bateu recorde de audiência numa transmissão ao vivo, atingindo o pico de 73 milhões de telespectadores. O grupo faria ainda uma nova apresentação no Coliseum de Washington, que mostrou que a Beatlemania havia tomado as mesmas proporções na América que tinha na Inglaterra.

Quando voltaram para seu país, os rapazes gravaram seu primeiro filme, *A Hard Day's Night*, dirigido por Richard Lester (de *Superman II*). O filme hoje é considerado *cult* e precursor dos videoclips. Depois partiram em uma turnê pela Austrália e Nova Zelândia. Em setembro fizeram a primeira turnê pelos Estados Unidos (já que a anterior fora em lugares limitados e especialmente selecionados) e Canadá. Ringo foi substituído temporariamente por Jimmy Nicol, já que tivera que se afastar devido a problemas temporários com as amídalas. O álbum *Beatles for Sale* e o single *I Feel Fine / She's a Woman* saem logo depois.

O ano de 1965 encontra os Beatles envolvidos no segundo filme, *Help!*, absortos com a realização de várias turnês e a condecoração oferecida pela rainha da Inglaterra, que os presenteou com a ordem de MBE (Member of the Order of the British Empire) por sua contribuição à música britânica. Tal decisão foi polêmica e fez com que vários ex-combatentes de guerras já condecorados devolvessem seus MBEs em protesto.

*Rubber Soul* sai em dezembro do mesmo ano e é muito bem recebido pelos críticos musicais. Esse novo sucesso dá-lhes a confiança necessária para explorar ao máximo sua musicalidade no estúdio. O álbum traz a utilização de instrumentos novos, como a cítara, um instrumento de cordas, usado, sobretudo, na música

folclórica, mais comumente em países de língua alemã, nos Alpes e na Europa do Leste.

Pouco antes o grupo se encontrou com Elvis Presley numa visita doméstica e fechada, que não deixou nenhum tipo de registro além de uma foto de John Lennon saindo da casa de Elvis.

No ano seguinte, Lennon deu a polêmica declaração de que os Beatles eram mais populares do que Jesus. Protestos apareceram nos Estados Unidos e vários discos deles foram queimados em praça pública por fanáticos religiosos. A pressão foi muita e Lennon terminou por pedir desculpas, dizendo que havia sido mal interpretado.

Outras turnês, desta vez mundiais, aconteceram. Em Manila, nas Filipinas, outro tumulto: eles deixaram o país porque algumas pessoas tentaram agredi-los por não terem comparecido a um jantar oferecido por Imelda Marcos, a primeira-dama daquele país.

*Revolver* sai pouco depois. Nesse disco o grupo usa e abusa de técnicas inventivas, fitas invertidas, imagens sonoras, *loops* (trechos de música que são constantemente repetidos) e *overdubs* (técnica de gravação que consiste em adicionar novos sons a uma gravação já anteriormente realizada). Harrison cresceu como compositor e o disco foi considerado ainda mais inovador que *Rubber Soul*.

A última turnê aconteceu em 29 de agosto de 1966. As faixas de *Revolver* eram impossíveis de serem reproduzidas ao vivo e as vocalizações de músicas como *Paperback Writer* e *Nowhere Man* não tinham o mesmo efeito ao vivo. Como todos esses fatores exercendo pressão ao mesmo tempo, o grupo deliberou que não faria mais apresentações, decisão que deprimiu Brian Epstein ao máximo.

Como depois dessa apresentação eles tiraram três meses de férias e se separaram, começaram as especulações de que a banda se separaria. Lennon foi gravar o filme *Que Delícia de Guerra (How I Won The War)*, de Richard Lester, enquanto McCartney passava o tempo com sua então noiva Jane Asher, Ringo ficava em Liverpool com a família e Harrison partiu para a Índia para estudar cítara com o músico Ravi Shankar.

## SEGUNDA FASE

Em 1967, Brian Epstein pressionava o grupo para mais um *single*. Logo saiu *Strawberry Fields Forever / Penny Lane*, canções gravadas no final de 1966 mas excluídas do álbum lançado, o que foi considerado, por George Martin, um erro. Esse foi o exemplo mais nítido do que todos já sabiam: embora as canções viessem assinadas por Lennon/McCartney, já dava para se saber quem as compunha pelo vocal realizado. Curiosamente foi o primeiro *single* que não foi diretamente para o topo das paradas.

Em junho sai o cultuado *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*. Quando saiu logo conquistou os críticos. O álbum é um precursor de técnicas de gravação e de composição e foi o primeiro gravado em oito canais, ou seja, com dois consoles de quatro canais. Havia de tudo: rock, music hall, baladas, jazz e até música oriental. O disco ganhou o Grammy de melhor álbum do ano.

Lennon queria espalhar uma mensagem de amor em tempos de Guerra do Vietnã e por isso compôs *All You Need Is Love*, que foi apresentada no programa de televisão *Our World*, o primeiro transmitido via satélite para diversos países. O coro da canção possui as participações de nomes famosos do rock como Mick Jagger, Eric Clapton, Marianne Faithfull, Keith Moon e Graham Nash.

As coisas começaram a mudar quando Brian Epstein foi encontrado morto em sua casa em 27 de agosto daquele ano. Os boatos chegaram a dizer que ele havia se suicidado, mas a polícia concluiu que o empresário tomara uma overdose acidental de remédios. Os Beatles estavam em Bangor num encontro com o guru Maharishi Mahesh Yogi quando receberam a notícia.

No final do ano receberiam sua primeira crítica negativa com o filme para a TV *Magical Mystery Tour*, idéia de McCartney que desagradou tanto críticos quanto fãs. A trilha sonora do filme foi lançada somente nos Estados Unidos. Somente em 1976, este álbum sairia em diversos países.

Depois de mais um *single* (*Lady Madonna / The Inner Light*), a banda partiu para um retiro espiritual em Rishikesh, na Índia. Uma

semana depois, Ringo abandonou o retiro e Paul fez o mesmo depois de um mês. O tal retiro gerou polêmica quando o guru Maharishi foi acusado de tentar seduzir uma seguidora espiritual.

Após o incidente, Lennon e McCartney foram para Nova York anunciar a criação da Apple Corps, que englobava a Apple Records, a Apple Electronics, a Apple Films, a Apple Publishing, a Apple Retail e a Apple Boutique. Quase todos os empreendimentos foram um fracasso, apenas a Apple Records deu alguma receita. O elenco do selo incluía nomes como Badfinger, James Taylor e Billy Preston, além dos próprios Beatles.

O álbum seguinte, que trouxe muito material do retiro espiritual, já mostrava a independência entre os integrantes de maneira escancarada. A pressão da gravadora EMI era grande e a quantidade de material, enorme. Os componentes começaram a brigar entre si no próprio estúdio. O lançamento do álbum era constantemente adiado e o clima das gravações foi piorando cada vez mais, agravado pela presença da nova namorada de Lennon, a artista japonesa Yoko Ono, que se achava no direito de opinar em tudo, o que irritava McCartney e Harrison. George, por sua vez, estava cansado de não poder incluir muitas de suas composições nos álbuns dos Beatles e de ter as suas músicas preteridas nas gravações, já que só eram gravadas no final da madrugada, perto do fim dos ensaios diários. Ringo se irritava com o perfeccionismo de McCartney, que assumira o papel de líder após a morte de Epstein.

Assim sai o *The Beatles*, mais conhecido como *Álbum Branco* (pois tem uma capa branca apenas com The Beatles estampado), o primeiro duplo da banda. O problema foi que um maluco chamado Charles Manson começou uma série de assassinatos com sua "família", como se chamavam seus seguidores. Ele, mesmo um candidato a músico que se envolveria depois com os Beach Boys, pregava que um conflito apocalíptico entre brancos e negros aconteceria em breve e deu à sua crença o nome de *Helter Skelter*, justamente uma das músicas do *Álbum Branco*. A mulher do diretor Roman Polanski (de *O Bebê de Rosemary*), Sharon Tate, teria sido morta juntamente com outras pessoas pelos seguidores de Manson, que dizia receber mensagens ocultas dos Beatles somente pelas

músicas do Álbum Branco. Os críticos não foram tão bonzinhos com o álbum e acusaram a falta de unidade patente no trabalho. Mesmo assim, conquistou seu disco de ouro. Aqui há também o experimentalismo de Lennon em *Revolution #9*, uma colagem de sons que se tornaria o ponto de partida da lenda do pacto.

Nos anos seguintes saíram o desenho animado e álbum *Yellow Submarine*, o documentário e álbum *Let It Be* e o álbum *Abbey Road*, o último gravado pelos Beatles, embora *Let It Be* tenha sido o último lançado. Em 29 de setembro de 1969, Lennon anunciou que estava saindo do grupo. Porém os Beatles concordaram em não divulgar a notícia para não atrapalhar o desempenho de *Let It Be*. A última canção dos Beatles aconteceu em 3 de janeiro de 1970, quando *I Me Mine*, de Harrison, foi registrada já sem Lennon.

Porém McCartney furaria o acordo por causa de um desentendimento com o grupo que envolveu o lançamento de seu álbum solo, *McCartney*, e o de *Let It Be*. E assim o sonho acabou.



# O PACTO

Essa retrospectiva toda foi necessária para que o leitor entendesse o mito do pacto de John Lennon com o demônio. Como já disse no início deste capítulo, os conspirólogos sempre ressaltaram que, de todos os Beatles, Lennon seria o mais ambicioso e que faria de tudo para conseguir fama para sua banda e sair da cidadezinha operária de Liverpool.

Assim, nada mais lógico (para eles, pelo menos) do que apelar para o “coisa ruim”. Vejamos o que um artigo do site Prótons, de Brasília, fala sobre o assunto, baseado no que diz uma obra polêmica, o livro *Shout! The Beatles in Their Generation*:

*“Os Beatles começaram a se apresentar no final dos anos 50 em clubes de jazz na Inglaterra e na Alemanha Ocidental. Esses clubes, sempre localizados na parte mais degradada das cidades, serviam como ponto de prostituição e de circulação de drogas, além de ponto de encontro das mentes mais ‘ilustres’ dentro do satanismo. Phillip Norman, biógrafo dos Beatles, escreveu: ‘O único compromisso regular que eles (os Beatles) tinham era com um clube onde havia dançarinas seminuas. O dono do clube pagava dez shillings a cada um deles para tocar seus violões enquanto uma dançarina chamada Janice tirava lentamente suas roupas diante de um público formado por marinheiros, executivos e habitués envergonhados que deixavam suas capas de frio no colo’. Longe da figura de inocência, os Beatles, mesmo em suas primeiras apresentações, estavam sempre sob efeito de magia negra. As biografias da banda, porém, diziam o contrário – o comportamento estranho dos Beatles seria causado unicamente por ação de barbitúricos: ‘John Lennon soltava espuma pela boca, pois tinha tomado muitos comprimidos de Preludin. Ele começou a ter um comportamento estranho no palco, dando saltos e deitando-se no chão... O fato de o público alemão não conseguir entender nada do que ele cantava, fazia John Lennon gritar ‘Seig Heil!’ e ‘seus nazistas’*

*ao que o público invariavelmente respondia rindo ou batendo palmas'."*

Tudo isso porque o tal pacto teria acontecido antes das idas a Hamburgo. Para os conspirólogos, Lennon teria feito isso para garantir a fama do grupo, um pouco diferente da maioria dos pactos, que, em geral, mexem com a pessoa como indivíduo (como no caso de Robert Johnson).

Segundo essa teoria, Lennon teria oferecido Stu Sutcliffe como uma espécie de oferta em troca do sucesso. Isso explicaria a repentina morte do ex-baixista do grupo. Também fala que Best saíra do grupo não porque de fato não se misturava com os outros Beatles, mas porque sabia que tanto Lennon quanto Harrison e McCartney estavam envolvidos nessa história.

A entrada de Epstein, a mola que tirou os Beatles do anonimato, é vista diferente: ele seria uma espécie de agente diabólico, enviado para levar os Beatles para o auge. Um exemplo do quanto o preconceito pode ser disfarçado, já que apenas alguém judeu e homossexual poderia ser o tal "agente"...

O fato é que, como vimos, a fama demorou um pouco para chegar aos Beatles. E mesmo depois que a Beatlemania começou, a histeria que marcava as apresentações sempre foi considerada um fenômeno inexplicável. Isso porque, de acordo com vários sociólogos, por mais que eles fossem bons músicos, não passavam de um grupo que cantava canções de amor, praticamente nos mesmos moldes que milhares de outros. Então por que eles mereceriam tanta fama?

A lenta evolução de seus estilos musicais e o conseqüente afastamento dos shows seria um sinal de que o pacto estaria em funcionamento. Aos poucos, os dons dos músicos cresceram e se desenvolveram, afastando-os do seu público e colocando-os dentro de um estúdio.

Também, segundo esta lenda, Lennon começou a ficar incomodado com o fato de que logo precisaria pagar pelo pacto. Tentou assim entregar McCartney em seu lugar com o episódio do acidente de carro já relatado. Conseqüentemente, começou a

espalhar pistas por todos os álbuns para que alguém encontrasse e descobrisse a verdade. Como isso não aconteceu, ele apelou: na música *The Ballad of John and Yoko*, diz "The way things are going they're going to crucify me." A alusão à crucificação seria um sinal de que ele esperaria que alguém conseguisse redenção para ele.

Quando o *Álbum Branco* saiu, segundo os conspirólogos, e Charles Manson admitiu a inspiração para seus assassinatos, a coisa piorou, já que a suposta influência diabólica nele estaria "comprovada". Assim, ele teria inserido *Revolution #9*, a colagem de sons marcada pelo número 9 no título, uma obsessão de Lennon vista em outras músicas (na canção *One After 909*, dos Beatles, e em *#9 Dream*, de sua carreira solo).

Sobre esta última canção, vale a pena acrescentar alguns detalhes:

o álbum em que ela saiu, *Walls and Bridges*, de 1974, é o nono álbum solo (ele é precedido por *Two Virgins*, *Life with the Lions*, *The Wedding Album*, *Live Peace in Toronto*, *John Lennon/Plastic Ono Band*, *Imagine*, *Some Time in New York City* e *Mind Games*). A música possui o verso "Ah, bowakawa, pousse pousse", que não significa nada e que veio a ele num sonho. Para os conspirólogos, entretanto, o verso é composto por palavras de possessão demoníaca.

Para terminar este capítulo, uma curiosidade: há um número de telefone do tipo 0800 que é divulgado pela Internet. Quem consegue completar a ligação (que é um tanto difícil) ouve uma gravação que toca sem parar *Imagine*, do Lennon. Os conspirólogos atacam esse número de telefone dizendo que, se um milhão de pessoas ligarem ao mesmo tempo para esse número, a energia envolvida na ligação é capaz de ressuscitar Lennon. Uma segunda versão diz que a pessoa que fez esse serviço é o assassino de Lennon, que vai rastrear as ligações e ir atrás de cada um que ligou. Uma terceira pessoa diz que, se você conseguir transportar para um micro e usar um programa de processamento de sons, pode-se descobrir algumas mensagens subliminares. E tudo isso para explicar o sucesso de um grupo musical extinto e o de um músico que morreu há mais de trinta anos.

Quando Lennon foi morto, em 1980, o assassino insistiu que ouvia vozes que o mandavam matar o beatle. Seria esse o verdadeiro fim do pacto? Foi por causa disso que nem Lennon nem McCartney conseguiram de volta os direitos sobre as músicas que criaram no tempo dos Beatles? Seria isso um sinal de que Lennon finalmente pagou com a vida pelo que fez há tantos anos? Essas são perguntas que ficarão sem resposta, ainda mais que o sucesso dos Beatles deverá permanecer por muitos anos.

# Capítulo 5

## Pink Floyd: The Dark Side of Oz

**O ano de 2005** marcou um reencontro no mínimo inusitado para o mundo do rock. E isso aconteceu na frente de câmeras de TV do mundo inteiro quando o Pink Floyd, um dos grupos mais cultuados de todos os tempos, conseguiu se apresentar em sua formação clássica (isto é, com Roger Waters e David Gilmour juntos no mesmo palco) pela primeira vez em anos. Diz a BBC Brasil quando noticiou o show:

*"Muitos críticos consideravam essa a mais improvável e uma das mais aguardadas voltas da história do rock. A banda havia se separado em meio a acusações, muito ressentimento e guerras jurídicas em meados dos anos 1980. O baixista, vocalista e letrista principal, Roger Waters, declarou que a única possibilidade de voltar a tocar com seus ex-colegas seria se algum dia eles precisassem desesperadamente de dinheiro."*

Poucos sabem, mas o Pink Floyd é, segundo a BBC, a quarta maior banda a faturar muito na história do rock. Eles ficam atrás apenas de Beatles, Rolling Stones e U2. Mesmo assim, os ânimos dos componentes do grupo para se apresentarem novamente pareciam cada vez mais distantes. Mesmo David Gilmour, que ganhou judicialmente o direito de permanecer com o nome da banda (embora tivesse entrado depois que o grupo já tinha sido formado), sempre falou para a mídia em geral que "não via motivação para carregar esse peso". Só mesmo a intervenção de

Bob Geldof (compositor e ator, líder da banda Boomtown Rats e organizador dos festivais Live Aid, de 1985, e Live 8, de 2005) para conseguir este feito. Geldof é um velho conhecido da banda desde que o filme de Alan Parker, *Pink Floyd The Wall*, baseado no álbum de mesmo nome da banda, foi rodado em 1982. O cantor foi o personagem Pink, o protagonista do filme, embora não tenha falas e interprete como uma porta em meio aos delírios do diretor e da trilha sonora.

Muitos imaginaram o que faria o grupo se reunir de novo. Afinal, as relações entre Waters e Gilmour haviam se azedado tanto que mesmo quando preparavam edições especiais de seus álbuns clássicos para comemoração dos aniversários de lançamento, nunca se falaram diretamente, como, por exemplo, na Edição Superáudio CD de 30º Aniversário do álbum que marcaria a carreira do Pink Floyd, *The Dark Side of The Moon*, em 2003. Um engenheiro de som, responsável pela remasterização do trabalho, era o intermediário que levava o resultado para um e depois para o outro ouvir. Era mais uma briguinha de colegiais e o fato de quase 15 anos que haviam se passado naquela época sem que trocassem uma única palavra pessoalmente parecia ir contra um trabalho que, segundo o jornalista de rock John Harris em seu livro sobre o álbum, era “um disco parcialmente baseado no desejo de ampliar a compreensão humana”.

Quando os fãs são confrontados com este álbum e *The Wall*, as opiniões são bem divididas quando se trata de escolher qual seria a verdadeira obra-prima do grupo. A maioria se inclina para *The Dark Side of The Moon* pelo próprio clima do disco, que mostra uma banda mais entrosada e uma escolha de temas, produção e repertório que insistem em freqüentar as rádios até hoje. Músicas como *Money*, *Time* e *Us and Them* são bem conhecidas do público, que insiste em dissecá-las em todos os ângulos possíveis. E ainda há os dados de vendas, que colocam o álbum como um dos mais bem-sucedidos da década de 1970: estima-se, nas três décadas que se sucederam ao seu lançamento, nada menos que trinta milhões de unidades invadiram as casas do mundo todo. Quando entrou na lista dos mais vendidos nos Estados Unidos, ficou no primeiro lugar por

apenas uma semana, mas permaneceu entre os primeiros da parada da *Billboard* por impressionantes 741 semanas consecutivas e só saiu em 1988! Logo *The Dark Side* tornou-se o sexto álbum mais vendido no mundo e o 20º nos Estados Unidos. Na escolha da revista *Rolling Stone* dos melhores álbuns de todos os tempos, ficou em 43º lugar. A revista britânica *Q* calculou que, com tantas cópias vendidas, seria virtualmente impossível que se passasse um minuto sem que o disco fosse tocado em algum lugar do planeta.

Porém há um outro fator que inclina os pesquisadores (e o público em geral) para o lado deste álbum e que se tornou uma das lendas mais contadas do rock: o fato de supostamente haver uma sincronização entre *The Dark Side* e o filme *O Mágico de Oz*, de 1939, com Judy Garland. À primeira vista parece ser algo um tanto estranho e pouco provável. Mas o assunto foi levado a sério por pessoas do mundo todo a ponto de encontrar na Internet sites que vendem o vídeo do filme sincronizado com o álbum. De fato é possível verificar alguns trechos em sites de vídeos como o Youtube e o Google Vídeo. Mas seria essa a intenção dos seus criadores?

Antes de responder a essa pergunta precisamos fazer a retrospectiva do grupo e ver o perfil que a banda deixou dentro da história do rock. Com certeza, com os ânimos entre Gilmour e Waters cada vez mais complicados, seria muito difícil saber a verdade.

# A ORIGEM

O começo do Pink Floyd esteve ligado à figura de um de seus fundadores, o guitarrista original, Sid Barret, que morreu em 2006. O grupo surgiu de uma banda que foi formada originalmente em 1964 e que teve uma grande variedade de nomes, entre eles Sigma 6, The Meggadeaths, The Screaming Abdabs e The Architectural Abdabs.

Quando esse embrião inicial mutante se separou, alguns membros formaram um grupo chamado Tea Set. O grupo era formado pelos guitarristas Rado "Bob" Klose e Roger Waters, o baterista Nick Mason e o tecladista Rick Wright. Eles passaram um pequeno período usando um vocalista chamado Chris Dennis, que não deu certo e abriu caminho para a entrada do guitarrista e vocalista Syd Barrett, na mesma época em que Waters se tornou baixista.

A mudança de nome aconteceu quando descobriram que já havia um outro grupo que se chamava Tea Set. Foi Barrett quem deu a idéia de adotar o nome de The Pink Floyd Sound, que homenageava os músicos de blues Pink Anderson (1900-1974) e Floyd Council (1911-1976). Por algum tempo ambos os nomes, o velho e o novo, foram usados pelo grupo até que finalmente se decidiram pelo novo, com a subtração da palavra *Sound* do nome, embora o artigo *The* fosse usado regularmente (foram usados em seus primeiros dois *singles* nos Estados Unidos) até ser por fim descartado em 1968. O próprio David Gilmour se referiu ao grupo como *The Pink Floyd* até 1984.

A constituição original do grupo mudou depois que Bob Klose, que tinha uma formação e influência vindas do jazz, decidiu deixar o grupo após gravar apenas uma demo. Assim, Barrett assumiu a guitarra e os vocais principais, Waters, o baixo e os vocais de apoio, Mason, a bateria e a percussão, e Wright revezava nos teclados e nos vocais de apoio.

O rock psicodélico norte-americano e britânico estava em alta e Barrett logo se sentiu inspirado o suficiente para começar a compor. Suas estranhas experiências sonoras pontuaram principalmente o



álbum de estréia da banda, *The Piper at the Gates of Dawn*, de 1967, numa época em que o *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, dos Beatles, e o *Their Satanic Majesties Request*, dos Rolling Stones, estavam no domínio do cenário psicodélico.

Logo o som do grupo abriu as portas para apresentações em casas noturnas como o UFO Club, The Marquee Club e The Roundhouse. Um ano antes do lançamento de seu disco de estréia, o grupo apareceu num documentário em que, em janeiro de 1967, interpretou as músicas *Interstellar Overdrive* e *Nick's Boogie*. A crescente popularidade da banda fez com que seus membros formassem a empresa Blackhill Enterprises em outubro de 1966 juntamente com seus agentes Peter Jenner e Andrew King. Dois *singles* foram lançados nessa nova sociedade, que lhes rendeu sua primeira apresentação em cadeia nacional no programa de TV Top of the Pops.

Quando *The Piper* foi lançado, em agosto de 1967, foi muito bemrecebido pela crítica a ponto de ainda hoje ser considerado um dos melhores álbuns de estréia de todos os tempos. No Reino Unido ficou em 6º lugar nas paradas, mas não foi muito bem-recebido nos Estados Unidos, onde só atingiu a posição de nº 131. Nesse mesmo período eles fizeram uma turnê com ninguém menos que Jimi Hendrix, o que ajudou a aumentar sua popularidade.

Porém logo começaram a sentir o peso do stress da vida na estrada. Isso e mais o consumo cada vez maior de drogas começaram a afetar a mente se Syd Barrett, cujo comportamento foi se tornando cada vez mais imprevisível e estranho. Segundo alguns relatos, ele encarava algum ponto distante e ficava nele enquanto o resto da banda tocava. Por vezes apenas executava um único acorde ou desafinava aleatoriamente sua guitarra. Logo os demais decidiram não levar mais Barrett para os shows, o que ajudou a entrada de David Gilmour para a banda. Quando ele começou a se apresentar tinha como função apenas ajudar Barrett em suas tarefas. Antes de pensarem em Gilmour, os demais chegaram a oferecer o posto para Jeff Beck, dos Yardbirds (o mesmo grupo de onde saíram Eric Clapton e Jimmy Page). Ficaram com Gilmour

porque ele já era velho conhecido tanto de Barrett quanto de Waters.

Quando a alteração se realizou, os demais esperavam que Gilmour se apresentasse enquanto Barrett compusesse. Porém as composições que ele apresentava tinham progressões de acordes e melodias diferentes a cada *take*, o que fez com que o grupo desistisse da idéia e encarasse a realidade: Barrett não servia mais para o grupo naquele estado, o que os levou a fazer com que ele saísse de vez da banda, o que aconteceu em abril de 1968. Como os produtores Jenner e King decidiram continuar com Barrett, a sociedade na Blackhill Enterprises chegava ao fim. O grupo escolheu um novo gerente, Steve O'Rourke, que ficou nesse posto até sua morte, em 2003.

Barrett chegou a gravar dois álbuns solo, *The Madcap Laughs* e *Barrett*, em 1970, com participações e produções de Gilmour, Waters e Wright, o que lhe trouxe um sucesso razoável. Mas logo ele se decidiu pela "aposentadoria", por assim dizer, e viveu uma vida pacata em Cambridge até 2006, quando faleceu.

## A BANDA SEM BARRETT

A difícil tarefa de continuar sem Barrett pareceu de princípio difícil, o que os conspirólogos adorariam usar para justificar o nascimento do mito da sincronia, chamado informalmente de *The Dark Side of Rainbow* ou *The Dark Side of Oz*. Eles afirmam que a banda havia perdido sua principal fonte de criatividade com Barrett e que precisavam pensar em algo que fosse tão espetacular que ofuscasse seus sucessos iniciais.

Mas continuemos com a história. Após a saída de Barrett, cada integrante decidiu contribuir com músicas que tinham sua própria sonoridade e voz, o que gerava uma inconsistência visível no trabalho e que fazia com que se sentisse falta do toque de gênio de Barrett. Sem este, os encargos de compor material inédito ficaram para Gilmour, Waters e Wright, que dividiam também os vocais.

No geral, as composições de cada um tinham suas características distintas: Waters escrevia músicas mais lentas, com influências de jazz, linhas complexas de baixo e letras de valor simbólico, enquanto as composições de Gilmour mostravam *jams* de blues dominadas principalmente pela guitarra e as de Wright concentravam-se em melodias de teclado pesadas e psicodélicas. Tanto Gilmour quanto Wright tinham preferências por melodias com letras simples ou que fossem totalmente instrumentais. Um exemplo de experimentações dessa época é a faixa *Careful with that Axe, Eugene*, apresentada sob o nome *Come in Number 51, Your Time Is Up* na trilha sonora do filme *Zabriskie Point*, de 1970, do diretor italiano Michelangelo Antonioni (1912 -2007). A canção é levada por Waters com um improviso nas linhas de baixo e teclado, pontuados com uma bateria forte e gritos de Waters.

Em *A Saucyful of Secrets*, de 1968, Barrett participa de algumas composições, como *Set the Controls for the Heart of the Sun*, em que Barrett e Gilmour dividem as guitarras. O álbum foi lançado em 1968 e alcançou o nono lugar nas paradas britânicas, mas não se classificou nos Estados Unidos.

O próximo álbum foi a trilha sonora para o filme *More*, de 1969, do diretor Barbet Schroeder, de *Cálculo Mortal*, 2002, que foi lançada como um álbum da banda e atingiu o nono lugar no Reino Unido e o 153º lugar das paradas dos Estados Unidos naquele ano.

Depois veio *Ummagumma*, uma mistura de gravações ao vivo e experimentações de estúdio dos membros. Cada um gravou seu material em um lado do então vinil como um projeto solo. O título era uma gíria sexual de Cambridge e reflete a atitude da banda na época. Alguns dos trabalhos lá editados são no mínimo estranhos, como a faixa *Several Species of Small Furry Animals Gathered Together in a Cave and Grooving with a Pict*, que dura cinco minutos e é composta apenas pela voz de Roger Waters que é tocada em diferentes velocidades, o que gera barulhos que lembram roedores e pássaros. Aqui vale mais um aparte: os conspirólogos acreditam que com esses exemplos já seria o suficiente para acreditar que Waters e companhia pudessem fazer algo como *The Dark Side of Oz*, o que muitos contestam como sendo algo difícil até mesmo se fosse proposital. Mesmo com toda essa experimentação, *Ummagumma* chegou à quinta posição no Reino Unido e ao 74º lugar nos Estados Unidos.

Depois veio *Atom Heart Mother*, de 1970, a primeira gravação da banda com uma orquestra e a colaboração de um compositor de vanguarda, o também britânico Ron Geesin. Um lado do vinil era uma longa suíte de orquestração de rock (a faixa-título), enquanto o outro lado apresentava uma música de cada membro da banda, quando até então todos eram considerados vocalistas. A faixa *Alan's Psychedelic Breakfast* era uma colagem de som que contava a história de um homem que cozinhava, tomava seu café da manhã e mostrava a ligação entre seus pensamentos e os instrumentais. O disco foi considerado pela banda como um grande passo para trás e ainda hoje é considerado um dos mais difíceis álbuns de toda a carreira do grupo. Mesmo assim atingiu o primeiro lugar no Reino Unido e o 55º nos Estados Unidos. E trouxe subsídios suficientes para que a banda embarcasse em sua primeira turnê pelos Estados Unidos.

# O SUCESSO

O passo seguinte parecia ser inevitável: distanciar-se da cena psicodélica e tornar-se uma banda distinta. O desafio maior era juntar os estilos diferentes de composição de Wright, Waters e Gilmour em algo coeso. Aos poucos, o som tornou-se melhor trabalhado, com letras filosóficas e linhas de baixo mais destacadas de Waters, que combinavam com a guitarra “bluesística” de Gilmour e os teclados assustadores produzidos por Wright. Gilmour passou a ser o vocalista dominante e contribuições de vocais femininos e saxofones também se destacaram.

O sucesso começou com o álbum *Meddle*, de 1971, que traz uma canção de 23 minutos, *Echoes*, que abre o apoteótico show da banda nas ruínas de Pompéia, na Itália. *Echoes* começa como uma leve canção de rock progressivo com longos solos de guitarra e teclado para se metamorfosear numa seção com música sintetizada produzida por guitarras, órgãos, e sintetizadores. Nick Mason considerou o álbum como o “primeiro álbum real do Pink Floyd”, um trabalho que teria introduzido a idéia de um disco temático. O trabalho alcançou o terceiro lugar no Reino Unido e o 70º lugar nos Estados Unidos.

O trabalho seguinte, *Obscured by Clouds*, de 1972, saiu como trilha sonora do filme *La Valle*, também de Barbet Schroeder, e foi o primeiro trabalho a chegar ao Top 50 nos Estados Unidos, onde ficou no 46º lugar, enquanto chegava ao 6º lugar no Reino Unido. A letra de *Free Four* foi a primeira a apresentar o tema da morte do pai de Waters na Segunda Guerra Mundial, que voltaria em *Dark Side*, e também foi a primeira música do Pink Floyd a tocar mais freqüentemente nas rádios norte-americanas. Já a faixa *Childhood's End*, que fora inspirada no livro de Arthur C. Clarke de mesmo nome, foi a última contribuição de letra de Gilmour por 15 anos.

*The Dark Side of The Moon* foi o trabalho seguinte, que levou a popularidade da banda para as alturas. Eles ficaram sem lançar um *single* desde *Point me at the Sky*, de 1968. Apesar disso, *Money* invadiu as paradas norte-americanas e se posicionou entre o Top 20.

Ficou nas paradas britânicas por 301 semanas. O disco possui efeitos sonoros incidentais e apresenta também uma idéia completamente nova: partes de entrevistas que são apresentadas ao longo das músicas, a maioria gravada em estúdio. Essas entrevistas eram, na verdade, respostas a perguntas simples, como "qual é sua cor favorita?", "quando foi a última vez que você foi violento?", "você estava certo?" e "você tem medo de morrer?". As letras desse álbum falam sobre as diferentes pressões no dia-a-dia do ser humano. Um detalhe interessante: *Dark Side* foi gravado no mesmo estúdio Abbey Road que os Beatles fizeram vários de seus álbuns, item que chama atenção dos conspirólogos.

# *DEPOIS DE THE DARK SIDE OF THE MOON*

O problema maior de se obter tanto sucesso é tentar dar um rumo ao trabalho que esteja à altura do anterior. Um problema que estava na cabeça dos componentes da banda quando pensaram no que fazer após *Dark Side*. Começaram então a trabalhar num projeto, chamado *Household Objects*, composto por músicas que seriam tocadas literalmente em objetos caseiros. Porém, depois de começar o projeto, eles viram que era mais fácil mesmo tocar em instrumentos tradicionais e deixaram a idéia de lado. Porém alguns dos efeitos obtidos seriam usados no trabalho seguinte, *Wish You Were Here*, de 1975, que abordaria como temas principais a abstenção de qualquer humanidade dentro da indústria fonográfica e a ausência de Syd Barrett. O tributo ao ex-companheiro de banda se faz presente num instrumental de nove partes, *Shine on You Crazy Diamond* e na faixa-título. Foi o primeiro álbum do Pink Floyd a chegar ao 1º lugar das paradas do Reino Unido e dos Estados Unidos. Foi aclamado pelos críticos de maneira tão entusiástica quanto *The Dark Side*.

Uma história bem interessante circula sobre a confecção daquele álbum. Supostamente um homem gordo e com as sobrancelhas raspadas entrou no estúdio justamente quando a banda estava mixando *Shine on You Crazy Diamond*. Ninguém da banda o reconheceu até que um deles (não se sabe exatamente quem) o identificou como Sid Barrett. Perguntado sobre como ele engordara daquele jeito, o ex-companheiro respondeu que tinha uma frigideira grande na cozinha e que estivera comendo bastante carne de porco. Essa história foi confirmada no documentário produzido pela BBC durante 2001 por Rick Wright. Ele afirmou na ocasião:

*"Uma coisa que fica na minha mente, que eu nunca esquecerei; eu estava indo para as sessões de Shine On You Crazy Diamond. Eu fui ao estúdio e eu vi esse cara sentado no fundo, ele estava distante,*

*do mesmo jeito que eu de você. E eu não o reconheci. Eu disse 'quem é aquele cara atrás de você?'. 'Aquele é o Syd'. Eu não acreditei... ele havia raspado todo seu cabelo... Digo, suas sobancelhas, tudo... Ele estava pulando para cima e para baixo escovando seu dente, aquilo foi horrível. E ah, eu estava, quer dizer, Roger estava em prantos, eu acho que ele estava; nós estávamos em prantos. Aquilo foi realmente chocante... sete anos sem contato algum e de repente ele aparece enquanto estávamos fazendo aquela faixa. Eu não sei: coincidência, karma, destino, quem sabe? Mas aquilo foi, muito, muito poderoso."*



## COMEÇO DO DECLÍNIO

Em 1976, as coisas já não estavam tão boas assim para a banda. O rasgo de criatividade não correspondia às relações entre os componentes. Nessa época, Waters tomou conta da direção da banda e mostrava-se cada vez mais no controle do Pink Floyd. *Animals*, o trabalho posterior a *Wish You Were Here*, era mais orientado pela guitarra do que os trabalhos anteriores, mais pela influência do então movimento punk. Foi o primeiro trabalho a não contar com uma composição de Wright. Nesse álbum voltaram as músicas longas que eram ligadas por um só tema, no caso tirado parcialmente do livro *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell. Assim, porcos, ovelhas e cães eram usados como metáforas dos membros da sociedade contemporânea. Apesar da predominância da guitarra, não havia como não notar a falta de saxofones e dos vocais femininos que foram usados nos dois álbuns anteriores. O disco não foi bem-recebido pela crítica, que o considerou tedioso e vazado.

O ano de 1979 chegou e *The Wall*, obra concebida por Waters, vou a luz do dia. Lá podemos ver temas como solidão e falha de comunicação, expressos pelo uso do símbolo que era o tal muro do título, construído entre um artista de rock e sua audiência. A idéia veio a Waters quando, durante um show em Montreal, no Canadá, ele cuspiu num membro da platéia enquanto este tentava subir no palco. O único *single* do disco que galgou as paradas, foi o hoje clássico *Another Brick in the Wall (Part 2)*, apesar de o mesmo disco apresentar faixas que fariam parte das apresentações do Pink Floyd anos depois, como *Comfortably Numb* e *Run Like Hell*. Nessa época Waters tinha certeza sobre sua posição de liderança sobre a banda e usava a boa situação financeira do grupo a seu favor. É claro que foi aí que os conflitos com os demais integrantes começaram a tomar algumas proporções. Por exemplo, nesse álbum a influência de Wright foi completamente minimizada, a ponto de ele ser demitido da banda durante as gravações para retornar depois, com um salário fixo, só para tocar nos shows. O disco chegou ao terceiro lugar no

Reino Unido e permaneceu por 15 semanas no topo das paradas norte-americanas durante o ano de 1980.

O filme de Alan Parker baseado no álbum foi escrito por Waters e foi apresentado como “o maior vídeo de rock do mundo”, com uma arrecadação de mais de 14 milhões de dólares nas bilheterias norte-americanas.

Quando *The Final Cut* chegou, em 1983, era mais sombrio ainda do que o anterior. Apesar de ser um álbum do Pink Floyd, a capa deixava bem claro que era “Um réquiem para o sonho do pós-guerra por Roger Waters, tocado pelo Pink Floyd: Roger Waters, David Gilmour e Nick Mason.” Waters recebeu todo o crédito pelo álbum e alegou que pretendia lançar o trabalho como um álbum solo, o que foi desmentido por Nick Mason em seu livro *Inside Out*. Teve um sucesso moderado com os fãs (primeiro lugar no Reino Unido e sexto nos Estados Unidos).

Nessa época, as discussões entre Waters e Gilmour atingiram o limite. Eles não eram vistos gravando no mesmo estúdio ao mesmo tempo. Gilmour declarou que queria continuar a fazer rock de boa qualidade, e sentiu que Waters estava construindo seqüências de peças de músicas como um veículo para suas letras críticas e sociais. Já Waters dizia que os demais membros do Pink Floyd nunca entenderam completamente a importância dos comentários sociais que fazia.

A partir daí cada um seguiu um caminho. Gilmour foi o primeiro a lançar um álbum solo, *About Face*, em março de 1984. Wright formou uma banda nova, chamada Zee, que lançou o álbum experimental *Identity* um mês depois do álbum de Gilmour. Em maio foi a vez de Waters lançar *The Pros and Cons of Hitch Hiking*, um álbum conceitual que já havia sido proposto para o Pink Floyd e que ele havia composto ao mesmo tempo que *The Wall*. Por fim, um ano depois desses projetos, Mason lançou *Profiles*, que teve participações de Gilmour.

A partir de então apenas lançamentos de material ao vivo, projetos solo ou coletâneas saíram. Gilmour e Waters se enfrentaram nos tribunais pelo nome Pink Floyd, que foi usado por Gilmour ainda em *The Division Bell* (de 1994) e *P-U-L-S-E* (de 1995). E os fãs

nunca mais tiveram oportunidade de curtir o som do Pink Floyd ao vivo até o show de 2005.

# *THE DARK SIDE OF OZ*

Quando a história de que *The Dark Side* estava perfeitamente sincronizado com o filme *O Mágico de Oz*, muitos fãs se mostraram um pouco céticos sobre o assunto. Apesar de ser considerado como um mito, uma vez que essa história foi negada, diversas vezes tanto por Waters quanto por Gilmour, o fato é que há quem assista ao filme e reconheça que há uma certa sincronia entre as duas obras.

Mas como isso começou? Bem, as origens exatas de quem teria percebido essa conexão são obscuras e ninguém sabe apontar com certeza onde começou. Sabe-se apenas que, em 1994, os fãs da banda já discutiam o assunto abertamente no grupo de discussão da Usenet *alt.music.pink-floyd*. Desde então, o assunto foi estudado exaustivamente por músicos, pesquisadores da história do rock e até por profissionais de vídeo. Passou a ser uma referência de cultura popular já no ano seguinte, quando em agosto um jornal de Fort Wayne, no estado norte-americano de Indiana, publicou o primeiro artigo na grande mídia sobre a sincronicidade.

Não demorou muito para que os fãs começassem a criar sites em que descreviam suas experiências enquanto viam as coincidências entre as duas obras. A legião de interessados cresceu quase exponencialmente em 1997, quando o DJ de uma rádio de Boston discutiu o fenômeno no ar. Isso levou a mais uma chuva de artigos de revistas especializadas em rock e um segmento inteiro dedicado ao assunto no informativo da MTV norte-americana.

Interessado em atrair a atenção para o fenômeno, o canal por assinatura TCM (Turner Classic Movies) exibiu o filme *O Mágico de Oz* com *The Dark Side* como trilha sonora opcional. No mesmo mês, a série animada *Uma Família da Pesada*, da rede de TV Fox, exibiu um episódio em que fazia menção ao caso.

Interessados no efeito, vários grupos produziram trabalhos que faziam alusões ao *The Dark Side of Oz*, como a banda de rock alternativo Guster, que lançou, em 2003, um disco com uma canção, *Come Downstairs & Say Hello*, que abre com os versos "Dorothy moves / To click her ruby shoes / Right in tune / With Dark Side of

the Moon" ("Dorothy se move / Fazendo barulho com seus sapatos cor de rubi / Conforme à melodia / de The Dark Side of the Moon").

Enquanto os membros do Pink Floyd prosseguiriam em sua batalha para satisfazer seus egos inflamados, os fãs continuaram a explorar esse estranho fenômeno de maneira incansável. O fato de o grupo possuir uma história que leva à produção de álbuns considerados *sui generis* por si mesmos é um fator que os conspirólogos usam para afirmar que tudo foi planejado pela banda e que eles negariam isso apenas para escaparem de possíveis processos autorais contra o uso indevido de propriedades intelectuais que não lhes dizem respeito.

Enquanto isso, os fãs que se interessam por sincronismo falam que já juntaram mais de cem momentos de conexão entre o filme e o disco, incluindo alguns que são obtidos quando o disco é repetido para se encaixar com o excedente do filme. É claro que o álbum em si é de menor duração que o filme, por isso o correto é fazer com que o disco recomece depois que termine sua primeira execução. E, segundo os fãs, o fenômeno chega a se repetir.

Alguns exemplos de sincronismo estão nas seguintes passagens:

- O verso "balanced on the biggest wave" ("balanceado na maior das ondas") de *Breathe* é cantado enquanto Dorothy se balança em cima de um muro.
- O verso "who knows which is which" ("quem sabe quem é quem") de *Us and Them* é cantado enquanto as bruxas boa e má se confrontam.
- O verso "the lunatic is on the grass" ("o lunático está na grama") de *Brain Damage* é cantado enquanto o Espantalho, cujo corpo é preenchido com grama seca, age freneticamente como um louco.

Para aqueles que não acreditam nisso e que acham que tudo não passa de uma coincidência, isso pode ser explicado pela psicanálise de Carl Jung. Segundo essa teoria, tudo não passa de um fenômeno em que eventos coincidentes "parecem relacionados, mas não podem ser explicados pelos mecanismos convencionais de

casualidade". Assim, esse fenômeno seria resultado de "uma tendência da mente de pensar que reconhece padrões desordenados por descartar informações que não se encaixam", de acordo com alguns psicólogos que analisaram o assunto em diversos fóruns de Internet. Essa tendência, segundo eles, teria o nome técnico de Confirmation Bias.

Para David Gilmour, que falou sobre o assunto durante uma entrevista realizada durante o 25º aniversário de *The Dark Side*, alegou que "algum cara com muito tempo livre teve essa idéia de combinar *O Mágico de Oz* com *The Dark Side of the Moon*". Em 2002, os membros do Pink Floyd afirmaram num especial para a MTV que simplesmente não havia na época tecnologia que permitisse que o filme fosse reproduzido enquanto gravavam.

# REPRODUZINDO O EFEITO

Se você, que lê este trabalho, se interessa em ver por si mesmo e não quer acompanhar os vídeos que já estão sincronizados e são distribuídos pela Internet, pode tentar obter em casa o mesmo efeito. Basta para isso ter um aparelho de DVD, um de CD e os respectivos DVD e CD.

Primeiro coloque o CD no aparelho e aperte o Pause. Em seguida coloque o DVD no aparelho, aguarde ser carregado. Quando o filme começar, aguarde o leão da Metro rugir (detalhe importante: só dá certo na versão original, em que o começo do filme é em preto e branco. Se a versão for colorida não a use). Depois do terceiro rugido aperte o play de seu CD e acione a tecla mute (ou mudo) da sua TV. Para alguns dos que analisaram o fenômeno, uma sincronia maior é obtida quando acionamos o CD após o primeiro rugido do leão.

Basta perceber as sincronias conforme o filme avança. Não se esqueça de programar o CD para tocar de novo quando acabar. O filme inteiro equivale a pelo menos duas execuções e meia do CD.

A tabela abaixo mostra algumas das supostas coincidências, em duas categorias:

E se você acha que isto é demais... Bem, só posso afirmar que este é o caso mais famoso, mas não o único de sintonia entre um álbum de rock e um filme. Os fãs continuam a listar outras "estranhas coincidências", que fazem a festa dos conspirólogos. A tabela a seguir mostra uma lista de outros álbuns que supostamente trazem o mesmo efeito. Escolha o seu e boa sorte na obtenção do efeito!

<b>Tipo de coincidência</b>	<b>Descrição</b>
Áudio-visual	A introdução <i>Speak to Me</i> muda para <i>Breathe</i> de acordo com a mudança do nome

	nos créditos iniciais.
Áudio-visual	<i>Breathe</i> muda para <i>On the Run</i> quando Dorothy cai do muro.
Áudio-visual	A cauda do cachorro Totó se move conforme os ruídos em <i>On the Run</i> .
Áudio-visual	Quando Dorothy canta pela primeira vez no filme, ela olha para o céu enquanto são ouvidos sons de avião na música.
Áudio-visual	Os sons de relógios na introdução de <i>Time</i> começam a tocar assim que Elvira Gulch aparece na bicicleta, e cessam assim que ela desce da bicicleta. <i>The Great Gig in the Sky</i> se inicia assim que o tornado se aproxima, e suas mudanças de ritmo combinam com o clima no filme.
Áudio-visual	<i>Money</i> tem início logo quando Dorothy abre a porta para o mundo de Oz, e o filme deixa de ser preto-e-branco e se torna colorido.
Áudio-visual	As bailarinas dançam ao ritmo de <i>Us and Them</i> .
Áudio-visual	A tia de Dorothy aparenta dizer <i>leave (parta)</i> ao mesmo tempo em que é dito o verso <i>leave, but don't leave me (parta, mas não me abandone)</i> em <i>Breathe. Look</i>



	<i>around (Olhe ao redor)</i> – Dorothy olha ao redor
Letras	<i>Dig that hole (Cave aquele buraco)</i> – O fazendeiro aponta para o chão.
Letras	<i>Share it, fairly (Compartilhe, generoso)</i> – Um Munchkin dá flores para Dorothy.
Letras	<i>Moved from side to side (Se moveram de um lado para o outro)</i> – Os Munchkins correm de um lado para outro quando surge a Bruxa Má do Oeste.
Letras	<i>Black and blue (Preto e azul)</i> – Quando é dito <i>black</i> , a bruxa é vista, e é feito um close em seu rosto azul quando é dito <i>blue</i> .
Letras	<i>With... without (Com... sem)</i> – Em <i>with</i> , Dorothy está com Totó nos braços, e coloca-o no chão conforme é dito <i>without</i> .
Letras	<i>Home... home again (Em casa...em casa de novo)</i> – Quando Dorothy volta para casa.

<b>Álbum e artista</b>	<b>Filme com o qual faz sincronia</b>
------------------------	---------------------------------------

<i>Paul's Boutique</i> , dos Beastie Boys	Curtindo a Vida Adoidado
<i>Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band</i> , dos Beatles	Fantasia, da Disney
<i>Post</i> , de Björk	Star Wars – Episódio IV: Uma Nova Esperança
<i>About Face</i> , de David Gilmour	Blade Runner, o caçador de Andróides
<i>Waiting for the Sun</i> , dos Doors	Uma Noite Alucinante
<i>Fire on High</i> , da Electric Light Orchestra	2001: Uma Odisséia no Espaço
<i>The Lamb Lies Down on Broadway</i> , do Genesis	Tron, Uma Odisséia Eletrônica
<i>Three Friends</i> , do Gentle Giant	As Bicicletas de Belleville
<i>Ritual de lo Habitual</i> , do Jane's Addiction	Trainspotting
<i>Electric Ladyland</i> , do The Jimi Hendrix Experience	O Massacre da Serra Elétrica

<i>The Black Álbum</i> , do Metallica	Star Wars – Episódio V: o Império Contra-ataca
<i>Dummy</i> , do Portishead	Psicose
<i>A Night at the Opera</i> , do Queen	Cabaret
<i>Rage Against de Machine</i> , da banda de mesmo nome	Faça a Coisa Certa
<i>2112</i> , do Rush	Contato

# Capítulo 6

## Led Zeppelin, Jimmy Page e Aleister Crowley

**Excentricidades fazem parte do** universo do rock. Muitas das lendas que circulam nesse meio têm sua gênese em atos ou ocasiões em que os músicos (que abusam freqüentemente de sua posição como tal) se excedem e cometem verdadeiros atos de loucura. São histórias como a de Ozzy Osbourne arrancando a cabeça de um morcego ou a de que Marilyn Manson foi um personagem do seriado *Anos Incríveis* (trataremos de ambas as histórias e de outras no [capítulo 10](#) deste livro) que mexem com a imaginação e criam os boatos que logo viram lendas nas mãos dos fãs e mitos nas mentes dos conspirólogos.

Porém algumas bandas acabaram sendo marcadas como excêntricas por gostos pessoais. Esse é o caso do famoso grupo organizado pelo guitarrista Jimmy Page e que entrou para a história do rock como um dos precursores do heavy metal, o Led Zeppelin. Ao longo de sua história (como veremos na retrospectiva mais para frente neste capítulo), o grupo usou e abusou de sua condição de estrelas do rock e adquiriu alguns hábitos peculiares, como colocar suas *roadies* (pessoas que acompanham as bandas em turnês e trabalham para eles na organização dos shows, em geral ganhando pouco) em verdadeiras orgias, algumas em banheiras cheias de feijão ou mesmo realizando atos sexuais com o “auxílio” de um filhote de tubarão. Os membros do Led Zeppelin nunca desmentiram esses boatos, embora haja quem acredite que tudo isso são apenas histórias dos excessos típicos encontrados nas bandas dos anos 1970.

Mas o Led Zeppelin sempre foi diferente, não porque fez coisas estranhas, mas sim pelo grande nível cultural que seus componentes possuíam. Em especial, Jimmy Page, que tinha uma atração inusitada pelo oculto, um passatempo que o levou a colecionar objetos que teriam pertencido ao “homem mais perverso do mundo”, o mago Aleister Crowley, curiosamente usado como referência por outras bandas, como Ozzy Osbourne (em *Mr. Crowley*) e Beatles (que colocaram seu retrato em meio à multidão de rostos da capa do álbum *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*). E a lista de bandas que o idolatraram ou que pelo menos conheceram sua obra continua com Black Sabbath, The Clash, Rolling Stones, Iron Maiden e David Bowie. Até artistas plásticos que são, de alguma maneira, ligados ao rock chegaram a conhecer a obra do mago, como o célebre H. R. Giger, criador do *Alien* e responsável pelo visual do álbum *Brain Salad Surgery*, do trio Emerson, Lake & Palmer. Vale lembrar também que a influência de Crowley estendeu seus “tentáculos” até nos meios nacionais, com seu exemplo mais célebre sendo o de Raul Seixas.

Mas o caso que nos interessa é mesmo o do Led Zeppelin. Sabemos que, num determinado ponto de sua carreira, uma série de acontecimentos infelizes atingiu a banda, chegando a provocar episódios como o da morte de um filho de Robert Plant, Karak, em 1976, de uma doença súbita e desconhecida. Os conspirólogos se fartaram com esse material e logo começou a lenda de que todos os males que atingiram a banda teriam uma única origem: a obsessão que Page apresentava na época por Crowley e o fato de que o guitarrista adquiriu uma propriedade que pertencera ao mago, localizada na Escócia, chamada Boleskine House, perto de Foyers, numa região próxima ao Lago Ness, o mesmo do mítico monstro.

Muitas pessoas não acreditaram que houvesse uma relação entre os fatos, mas os conspirólogos adoraram a idéia de haver uma espécie de ligação entre uma maldição de Crowley e os fatos que atingiram a banda e culminaram na morte, em 24 de setembro de 1980, do baterista John Bonham. Foi este fato que resultou na separação da banda e no fim dos trabalhos com o nome Led Zeppelin.

Para entender este mito é necessário analisarmos duas histórias diferentes, a da banda e a do próprio Crowley. Só assim para saber se as histórias têm algum fundo de verdade ou não.

# A BANDA

A história do Led Zeppelin está intimamente ligada à de um outro grande nome do rock, os Yardbirds. Essa banda, que teve como guitarristas não só Jimmy Page como também Eric Clapton e Jeff Beck, surgiu em Londres em 1963, porém só se tornou conhecida quando Clapton, o primeiro dos três guitarristas a passar pelo grupo, começou a se apresentar com eles. No início, eram executados números de blues até 1964, quando a banda gravou um de seus maiores sucessos, a canção *For Your Love*. Foi seu maior sucesso comercial e, infelizmente, o principal responsável pela saída de Clapton e sua substituição por Jeff Beck, que imprimiu um ar psicodélico no grupo. Page entrou no grupo em 1966 e por um tempo conviveu com Beck, que sairia pouco depois. Apesar da excelente mistura de rock e blues que o grupo produziu entre 1965 e 1966, um sucesso comercial mais amplo não veio, o que gerou conflitos entre seus integrantes sobre os rumos que deveriam tocar do ponto de vista musical.

Terminaram por debandar. Page e o baixista Chris Dreja (de maneira relutante) foram os únicos que permaneceram. O problema é que o grupo ainda tinha algumas obrigações contratuais a cumprir – que estipulava a realização de shows na Escandinávia, assinado antes dos Yardbirds anteriores – e Page resolveu procurar novos músicos para formar os New Yardbirds. A primeira opção de Page era contatar o vocalista Terry Reid, que também era guitarrista. Reid recusou o convite e indicou uma banda que ele viu se apresentar, chamada Band of Joy, cujo vocalista, o jovem Robert Plant, poderia interessar. Um detalhe: Reid seria mais tarde lembrado como uma pessoa marcada duas vezes pelo destino, pois recusou ser tanto vocalista do Led Zeppelin como também do Deep Purple, já que esta banda o queria para o lugar do então vocalista Rod Evans, o que facilitou a escolha de Ian Gillian para o posto.

Plant se interessou pela proposta de Page e logo sugeriu um conhecido seu, o baterista John Bonham. Dreja viu que as coisas começavam a caminhar para Page e então saiu definitivamente para

se tornar fotógrafo. John Paul Jones, o quarto integrante do Led Zeppelin, que já conhecia Page uma vez que ambos foram músicos de estúdio, procurou-o incentivado pela esposa, e se ofereceu para tocar baixo.

A banda estava assim formada e começaram a se apresentar ainda como New Yardbirds. Mudaram pouco depois para Led Zeppelin depois que, numa conversa informal com Keith Moon e John Entwistle (ambos do The Who), estes dois comentaram que se fossem fazer um supergrupo (nome dado a bandas formadas apenas de músicos consagrados e experientes, geralmente criadas como projetos especiais) com eles, Page e Beck (que era a concepção original para os New Yardbirds) eles "cairiam como um zepelim de chumbo" (em inglês, lead zeppelin). A palavra "led" tem duas versões para uma possível explicação: uma diz que seria escrita de maneira errada de propósito para que a pronúncia correta seja usada, enquanto outra diz que pode ser lida como "lead", que se pronuncia "lid".

O primeiro álbum, *Led Zeppelin*, foi gravado pouco depois de sua primeira apresentação, na Universidade de Surrey, Guildford, em 15 de outubro de 1968. Lançado em 1969, o álbum mostrou uma poderosa combinação entre o blues, o rock e influências orientais com amplificações distorcidas. Para muitos historiadores do rock, essa seria a verdadeira origem do som hoje conhecido como heavy metal. Para Robert Plant, entretanto, essa rotulação seria no mínimo injusta, já que muito do som do Led Zeppelin é mesmo acústico.

O disco foi muito bem-recebido nos Estados Unidos, o que os levou a iniciar turnês naquele país, embora sempre lutassem para atuar freqüentemente numa época em que os Beatles, já sem se apresentar ao vivo há alguns anos, freqüentemente ultrapassavam suas vendagens. O segundo álbum, *Led Zeppelin II*, foi também lançado em 1969 e seguiu o mesmo estilo do anterior.

Era evidente, nos dois primeiros trabalhos, o fato de Page e Plant terem muitas raízes ligadas ao blues. No primeiro álbum havia muitas reinterpretações de clássicos, enquanto no segundo havia semelhanças entre *Whole Lotta Love*, seu maior sucesso, e *I Need Love*, de Willie Dixon. Isso foi um erro, pois 15 anos depois a



gravadora de Dixon processou a dupla, que terminou por dar os créditos ao músico. Mais tarde, os dois e Dixon se tornariam bons amigos.

Outra grande influência em seu trabalho foi o rock norte-americano. Eles tocavam músicas de Elvis Presley e Eddie Cochran em seus shows. Essas performances duravam duas ou mais horas, tendo ocasiões como no Texas Pop Festival, de 1969, em que se apresentaram por nada menos que quatro horas seguidas.

O terceiro álbum foi mais elaborado. A banda foi para Bron-Yr-Aur, uma cabana remota localizada em Snowdonia, no País de Gales, sem nenhum recurso como eletricidade ou água encanada. O resultado gerou músicas mais acústicas e uma influência das músicas celta e folk. Em 1970, a gravadora Atlantic publicou uma das músicas do álbum, *Immigrant Song*, em *single* sem a autorização da banda, fato que ocorreria pelo menos mais nove vezes, o que os enfureceu, já que os componentes viam seus álbuns como indivisíveis. Eles se manifestavam contra os *singles* pelo fato de a gravadora ter feito uma reedição de *Whole Lotta Love*, que havia sido cortada de 5:43 para 3:10 minutos. Além disso, sempre evitaram fazer aparições na TV, preferindo que seus fãs os vissem pessoalmente.

Chegamos ao auge da banda, quando o álbum sem nome (também conhecido como *Quatro Símbolos*, pois introduziram as runas que seriam os nomes dos integrantes) foi lançado. Não havia o nome da banda ou do álbum em lugar algum, mas a sonoridade de clássicos como *Black Dog*, a mística de *The Battle of Evermore* (com a letra totalmente inspirada em *O Senhor dos Anéis*, de JRR Tolkien) e o superclássico *Stairway to Heaven* não deixavam dúvidas sobre a autoria do trabalho. Essa seria a música preferida dos conspirólogos, que viram mensagens subliminares aos montes em sua mixagem, tanto tocada normalmente quanto de trás para frente, um dado que é citado em várias obras de ficção e nos quadrinhos (experimente procurar a referência em *Batman – O Cavaleiro das Trevas*).

Em 1973, o grupo lançou *Houses of the Holy*, com músicas mais longas e experimentais, uso de sintetizadores e de arranjos de cordas feitos por Jones em músicas como *The Song Remains the*

*Same, No Quarter* e *D'yer Mak'er*, uma referência direta à Jamaica e ao reggae. O disco bateu recordes de audiência e foi ouvido por mais de 50 mil pessoas. Três apresentações dessa época no Madison Square Garden foram gravadas para mais tarde se tornarem o filme *The Song Remains the Same* (que por aqui ganhou o nome ridículo de *Rock é Rock Mesmo*).

No final de seu contrato com a Atlantic Records, em 1974, o grupo decidiu lançar seu próprio selo, chamado Swan Song Records, seguindo assim o exemplo de Beatles (com a Apple) e os Rolling Stones (com o Rolling Stones Records). Swan Song era o título de uma música do Led Zeppelin que nunca foi lançada, gravada muitos anos depois com o nome de *Midnight Moonlight* no primeiro trabalho da banda *The Firm*, criada por Page depois do fim do “zepelim de chumbo”. Além dos trabalhos do Zeppelin, o selo editou álbuns de artistas como Bad Company (de Paul Rodgers, também do Free, que hoje excursiona com o que restou do Queen), Pretty Things, Maggie Bell, Detective, Dave Edmunds, Midnight Flyer, Sad Café e Wildlife. O símbolo do selo, inspirado no quadro *Fall of Day*, de 1869-1870, do pintor britânico naturalizado norte-americano William Rimmer (1816-1879), que retrataria Apolo, o deus greco-romano do Sol, da música e das artes. Este foi um ponto em que os conspirólogos simplesmente piraram: para eles era um retrato de Lúcifer caindo do céu após perder a batalha com Deus. O pior é que Rimmer era natural de Liverpool, o que criou um link com os Beatles vai Deus saber por que...

No ano seguinte, saiu *Physical Graffiti*, o primeiro álbum duplo da banda, inteiramente gravado com sobras dos três álbuns anteriores (foi aqui que a música *Houses of the Holy* saiu e não no disco de mesmo nome). Mais uma vez a banda mostrou sua versatilidade musical. Daqui saiu também a faixa *Kashmir*.

Depois deste último álbum, a obra do Led Zeppelin atingiu a lista dos 200 álbuns mais vendidos, um grande feito. No auge de sua carreira e em plena turnê pelos Estados Unidos eram considerado “A Maior Banda de Rock do Mundo”.

Foi durante essas turnês que as lendas dos excessos começaram. Viajavam num jato particular com o logo da banda pintado do lado

de fora, começaram a causar danos em quartos de hotéis (inclusive atirar TVs pela janela para vê-las se espatifando) e geraram histórias de comportamentos sexuais estranhos.

## O FIM

Em 1976, a banda começaria a gravar alguns segmentos para *The Song Remains the Same*. Alguns deles deram o que falar, como o fato de Karac aparecer com o papai Plant no filme pouco antes de sua morte e o fato de Page gravar a seqüência em que subia um morro e encontrava a figura do Eremita do Tarô (referência ao arcano que aparece na parte interior do álbum sem nome) já na propriedade que adquiriu na Escócia de Crowley. Nesse meio tempo, o envolvimento de Page com o oculto já era conhecido de todos e o guitarrista aproveitou a fama e o dinheiro para adquirir objetos que teriam pertencido ao mago.

Foi aí que os acidentes começaram. Plant quebrou o tornozelo num acidente de carro e ficou impedido de fazer apresentações. Aproveitando o intervalo, a banda resolveu entrar novamente em estúdio e gravar seu sétimo álbum, *Presence*, que conquistou disco de platina antes de chegar às lojas, algo inédito para a época. Depois disso, durante uma turnê norte-americana, Karac morreu de complicações estranhas e desconhecidas. A versão oficial fala sobre uma infecção estomacal, mas a maioria dos livros sobre a banda afirma que a verdadeira causa é desconhecida. O filme tornou-se assim o único registro de Karac com o pai.

No final daquele ano, saiu finalmente o filme e a trilha sonora, que se tornariam o único registro ao vivo disponível da banda por anos até 1997, quando saiu o registro da BBC.

Os problemas continuaram, agora com Page cada vez mais envolvido no consumo de drogas. Independente disso, a banda entrou no estúdio em 1979 e gravou *In Through the Out Door*, o último álbum oficial com a banda ainda em atividade. O disco foi lançado no dia do aniversário de Plant, em 20 de agosto. O destaque foi para a faixa *All my Love*, que foi dedicada a Karac. O trabalho mostra um predomínio grande do teclado e uma participação bastante tímida da guitarra. Mesmo assim os oito discos da banda continuavam a transitar na lista do Top 200 da *Billboard* e os shows se esgotavam. Apesar da participação de Page reduzida, o álbum

(que teve capas alternativas com a mesma cena com fotos tiradas de ângulos diferentes) alcançou o primeiro lugar nas paradas norte-americanas.

O golpe maior, entretanto, veio em setembro de 1980, quando John Bonham morreu asfixiado pelo próprio vômito em um quarto da mansão de Jimmy Page, em Windsor, na Inglaterra. Bonham havia consumido 40 doses de vodca com suco de laranja. Apesar do alarido da imprensa, a autópsia não encontrou no corpo do baterista nenhum traço de drogas, o que lhe deu uma morte parecida com a de Jimi Hendrix.

Abalados com a perda do amigo e com os problemas consecutivos, os três membros originais decidiram se separar. Muitos projetos surgiram depois, como o *Honeydrippers* de Robert Plant ou a junção de Jimmy Page com o ex-vocalista do Deep Purple e líder do Whitesnake, David Coverdale. Mas os fãs sempre se mostraram carentes do Led Zeppelin até que Page e Plant gravaram o show *Unledded* para a MTV em 1994, em que revisitaram vários sucessos do Led Zeppelin com o acompanhamento de músicos árabes. Em 2007, Page, Plant e Jones, acompanhados de Jason Bonham, filho de John que já tocou com grupos como UFO e Foreigner, apresentaram-se como Led Zeppelin para 20 mil pessoas em Londres, num show em homenagem a Ahmed Ertegun, o falecido fundador da Atlantic, que morreu em 2006.

# *ALEISTER CROWLEY*

Resta saber agora quem é essa misteriosa figura que consegue tanta atenção dos músicos de rock muito tempo depois de sua morte. Seu nome original era Edward Alexander Crowley, nascido em Warwickshire, Inglaterra, em 12 de outubro de 1875. Seu pai era um rico cervejeiro que pertencia a uma das mais puritanas seitas cristãs da época, chamada de Irmãos de Plymouth, que impunha uma educação religiosa rigorosa.

Fala-se muito sobre a genialidade de Crowley, que teria se manifestado desde cedo. Para se ter uma idéia, ele lia a Bíblia aos quatro anos e era um excelente jogador de xadrez aos seis. Pouco depois ingressou no Trinity College, onde aprendeu hebraico, grego e latim. Na mesma época começou a se interessar por ocultismo.

Em 1898, ele abandonou o colégio e foi admitido na Ordem Hermética do Amanhecer Dourado (também conhecida com seu nome em inglês, Golden Dawn), onde foi iniciado em várias modalidades, incluindo magia cerimonial, cabala, consagração de talismãs, invocação de espíritos, entre outras.

Em seguida, assumiu como nome Aleister Crowley e publicou poemas e vários textos que são considerados até hoje como pornográficos. O futuro mago já era conhecido por levar uma vida sexual bem desregrada. Sua rápida ascensão no ranking da Golden Dawn provocou ciúmes nos integrantes mais antigos e logo começaram a surgir histórias sobre seus feitos. Uma delas conta que ele adquiriu um apartamento em Londres com o nome de Conde Vladmir Svaref. Naquele local, ele usou dois quartos para construir um Templo Branco e um Negro. Certa noite, no Templo Negro, ele e um associado, usando trajes cerimoniais, teriam invocado espíritos com a utilização de um pentagrama mágico traçado no chão. Os dois teriam acendido incensórios no altar e jogado folhas de meimendo, datura e incenso, que produziram uma fumaça espessa e de aroma forte. Desse ritual teriam aparecido, segundo testemunhos, 316 demônios que giraram sem parar em volta do círculo sagrado.

Isso, certamente, foi parar nos ouvidos da Golden Dawn, em que os tais superiores que o odiavam e o perseguiram não gostaram nada. Nos dias seguintes seriam travadas (pelo menos é o que contam os relatos) “fabulosas batalhas entre hordas demoníacas”, de acordo com seus seguidores, que eram conjuradas por Crowley contra seus inimigos e vice-versa. Uma versão mais amena desse conflito foi usada por Neil Gaiman no primeiro arco de histórias de seu personagem *Sandman*, publicado com o nome *Prelúdios e Noturnos*. Como resultado dessas constantes brigas terminou por ser expulso da Golden Dawn.

Livre de seus inimigos, Crowley foi para Nova York e depois para o México, onde travou contato com a maçonaria local. Quando foi para o Ceilão, em 1900, conheceu e experimentou os segredos da ioga e da filosofia budista. Depois desse período ele fez uma viagem ao Egito, onde estabeleceu contato com seu Anjo Guardião, que o ajudou a conceber a doutrina da Thelema.

Quando voltou para o Reino Unido, adquiriu a mansão que depois foi de Jimmy Page, Boleskine House. O agora mago teria adquirido a propriedade para realizar um encantamento encontrado no *Livro da Sagrada Mágika de Abra-Melin o Mago*. Um detalhe interessante: o termo mágika (com k mesmo) é definido como “a arte e ciência de causar mudanças de acordo com a vontade por meios não físicos”. A mágika, assim, é associada com todo o tipo de fenômenos ligados ao paranormal e ao oculto, incluindo (mas não se limitando a) itens como PES (percepção extra-sensorial), projeção astral, curas psíquicas, cabala, chakras, e a utilização de vários símbolos, como o pentagrama, bem como comportamentos rituais simbólicos com o fim de obter poderes que permitam vencer as leis da física, química e outras forças naturais.

Crowley considerava Boleskine como a Kiblah telêumica. O termo Kiblah é uma palavra árabe que se refere à direção de Meca, a cidade sagrada dos islâmicos. Porém, a Thelema (nome da doutrina ou filosofia religiosa difundida por Crowley a partir de 1904 nos moldes propostos pelo Liber AL vel Legis, publicação recebida por uma entidade autodenominada “Aiwass”, ministro de cultura de Hoor-par-Kraat, ou seja, do deus Hórus) possui um significado

diferente, sendo apenas uma espécie de ponto de referência para se localizar o leste, o ponto focal de energias mágicas do Aeon de Hórus, algo que caracterizaria o local como fonte de energias místicas similares à Jerusalém (para os cristãos) e Meca (para os islãs). A casa inclui o hall de entrada, cinco quartos, três banheiros, uma sala de desenho, uma de jantar, uma de estar, cozinha e adegas, entre outros cômodos. A proximidade com a água também gerou uma história em que Crowley teria invocado e travado uma batalha contra um grande número de demônios que resultou no desabamento de um pico próximo ao local. Depois desses episódios, em 1907, Crowley fundaria sua própria sociedade secreta, chamada Astrum Argentum ou Ordem da Estrela de Prata.

Os livros que o mago escreveu são procurados até hoje e podem ser encontrados (no original) em diversos sites e em listas de discussão na Internet. Entre eles destaca-se o *Liber 333* (também chamado de *Livro das Mentiras*), uma obra que impressionou o líder da Ordo Templi Orientis (O.T.O.), na Alemanha, uma seita que se autoproclamava a verdadeira herdeira dos Cavaleiros Templários. Por causa disso, Crowley foi nomeado representante da O.T.O. para os países de língua inglesa.

Em 1920, fundou a Abadia de Thelema, na localidade de Cefalu, na Sicília, Itália. Esse local foi, durante muito tempo, alvo de boatos nunca confirmados sobre certas atividades suspeitas sobre missas negras e orgias de sangue. Mesmo assim, foram suficientes para que Crowley fosse expulso de lá por Mussolini três anos depois.

Não dá para negar que a personalidade de Crowley não era lá muito confiável. E os boatos sobre seus supostos sucessos no mundo da magia nunca passaram disso.

Porém não se pode deixar de levar em conta que os comportamentos de Crowley são mesmo excêntricos. Se foi por causa da Thelema, não se sabe ao certo, mas o fato de o mago ser bissexual é algo que chama a atenção. Sabe-se que ele viveu com diversas mulheres e homens, além de ser envolver com drogas como morfina.

No início, esse envolvimento foi por conta de ele sofrer de asma, mas depois, com o incentivo de um de seus associados, Alan



Bennett, passou a utilizar drogas para finalidades ritualísticas, o que o levou nos anos posteriores a uma verdadeira batalha para reconstituir sua saúde e se livrar do vício em seus últimos anos de vida.

Alguém com uma fama dessa não poderia servir de modelo para nada, seria o pensamento de qualquer leitor. Porém essa fama que Crowley adquiriu de possuidor de conhecimentos transcendentais aos quais ninguém mais teria acesso. Essa aura de mistério seguiu inclusive uma filha dele de seu primeiro casamento, que atende pelo nome de Nuit Ma Ahathoor Hecate Sappho Jezebel Lilith Crowley, um nome que é um verdadeiro panteão que reúne alegorias representativas de justiça, amor, beleza, face negra da Lua, poetisa, adoradora de baal e rainha dos demônios e dos mundos infernais. Quando Crowley morreu, foi Lilith (com o nome reduzido por razões óbvias) quem assumiu o legado oculto do pai.

Crowley morreu em 1 de dezembro de 1947, aos 72 anos de idade, com seu estado de saúde debilitado a tal ponto que a asma crônica que o atormentava finalmente venceu. Passou para a história com uma série de apelidos e alcunhas, como Perdurabo (termo em latim que significa "eu perdurarei até o fim"), Parzival (outra forma do nome Percival, um dos cavaleiros da Távola Redonda), Baphomet (nome do suposto ídolo que era adorado pelos templários, denominação que ele usava como líder da O.T.O. em países de língua inglesa), Deus est Homo (como chefe da O.T.O. mundial), Mago das Mil Faces, Grande Besta (To Mega Therion, em grego) e o mais famoso deles, dado por seus detratores, O Homem Mais Perverso do Mundo.

# AS LIGAÇÕES

Teria sido mesmo a ligação com os objetos de Crowley que atrapalhou a carreira do Led Zeppelin e, mais tarde, do próprio Jimmy Page? Aparentemente os conspirólogos adoraram a idéia e resolveram criar o mito de que a ligação entre os dois teria provocado as mortes de Karak Plant e de John Bonham. E as pistas, como já vimos em outras histórias neste livro, estariam o tempo todo na nossa frente.

Há algum tempo circula na Internet um artigo hipoteticamente assinado por um tal de MacGregor Mathers (nome original de um líder da Golden Dawn que morreu em 1918 depois de supostamente realizar um duelo mágico com Crowley pela liderança daquela sociedade secreta). O artigo, que foi divulgado e traduzido em diversos lugares, apareceu num texto um pouco mais amplo no site pessoal do engenheiro mineiro Toninho Buda. Vamos ver alguns trechos:

*"Tanto Jimmy Page como Aleister Crowley são individualidades controvertidas, diferentes e de estilo próprio. Este ensaio versa sobre as semelhanças entre os trabalhos de ambos. Eu acredito que – embora Jimmy Page tenha variados motivos que o inspirem – o trabalho de Aleister Crowley (e sua conseqüente influência) seja maior do que possa parecer. É importante acrescentar que qualquer pessoa pode utilizar os textos de Crowley para melhor entender o enigmático Jimmy Page. Para começar, Jimmy comprou o chalé de caça e abrigo escocês de Crowley, 'Boleskine House', em 1971. Situado às margens do lago Lock Ness, Boleskine House tem um isolamento perfeito e é um excelente lugar para se escrever ou meditar. Crowley originalmente comprou a casa visando realizar 'The Sacred Operations of Abramelin the Mage'. Jimmy Page nunca viveu ali; e recentemente ele se desfez do local. Em março de 1971, Jimmy foi agraciado com uma filha que ele chamou de Scarlet Lilith Eleida Page. Este nome tem alguma familiaridade com os pronunciamentos de Crowley sobre a 'Mulher Escarlate' ('Scarlet*

*Woman’). Certamente, o fato de ele ter escolhido chamar sua filha de Scarlet não foi inspirado pela Scarlet O’Hara, da novela ‘Gone with the Wind’... A ‘Mulher Escarlata’ era um termo técnico para identificar uma mulher inspirada e capaz de ser mediadora entre os homens e os deuses. Além disso, Crowley também chamou sua primeira filha de Lilith, no que parece que foi imitado por Jimmy.”*

O tal MacGregor Mathers (que, a esta altura, já dá para saber que é mesmo um pseudônimo) pega pesado nas análises que são a base deste mito do rock. Vejamos mais alguns pontos. O autor cita uma suposta imagem de uma vela mortuária no centro do álbum *Led Zeppelin III*, em que se encontra slogan telemita “do what thou wilt” (traduzindo num sentido mais amplo seria “faz o que tu queres, há de ser tudo da Lei”). Essa inscrição teria saído em todas as prensagens dos discos, com exceção de um disco promocional de selo branco do álbum. Cita também uma entrevista em que Page diz que a inscrição “foi ali colocada seguindo instruções, mas sob o manto do mais estrito segredo”.

Já o álbum sem nome (que também é conhecido como *Led Zeppelin IV*, embora de fato não haja nenhum tipo de identificação) teria mais dessas menções a Crowley. Diz o autor:

*“Crowley escreveu um poema chamado ‘The May Queen’ e alerta o leitor para que consulte ‘Frazer’s the Golden Bough’ (‘O Ramo de Ouro de Frazer’), para compreender melhor o assunto. Coincidentemente, Robert Plant cantou ‘May Queen’ no épico ‘Stairway to Heaven’, cujo significado é um permanente mistério na obra do Led Zeppelin. E tem mais: na obra ‘The Magician’ (‘O Mágico’), de W. Somerset Maugham, a personagem Oliver Haddo foi baseada em Aleister Crowley. As cenas de abertura se passam no ‘Chien Noir’ (em francês, ‘Cão Negro’). O cachorro negro desta novela foi baseado no verdadeiro ‘Chat Blanc’ (‘Gato Branco’), um pequeno restaurante em Montparnasse (França). Mas ‘Black Dog’ (em inglês, ‘Cão Negro’) é uma das produções do Led Zeppelin,*

*supostamente inspirada por um verdadeiro e velho lavrador negro que apareceu no pedaço.”*

Calma, caro leitor, a coisa não pára por aqui. Em 1973, Page teria oferecido a Kenneth Anger, um famoso cineasta *underground* homossexual que fez vários filmes considerados *sui generis*, todos eles inspirados na obra de Crowley, um livro de autoria do mago chamado *The Scented Garden of Abdullah the Satirist of Shiraz a.k.a. Bagh-i-Muattar* (algo como *O Jardim Perfumado de Abdullah, o Satírico de Shiraz Também Conhecido como Bagh-i-Muattar*). Esse livro foi escrito em 1914 e é um texto sobre práticas homossexuais disfarçadas como misticismo sufi.

No mesmo ano, Page adquiriu um espaço chamado Plumpton Place e distribuía um cartão pessoal com endereço e telefone, com a imagem de Pan impressa, que é um atributo do Capricórnio e do Caminho de Ayin, uma letra do alfabeto hebraico que, quando pronunciada, tem o mesmo som da palavra inglesa que significa “olho”. E Page nasceu em 9 de janeiro de 1944, portanto, é do signo de Capricórnio.

Por fim vem a parte mais significativa: a que explica a relação de Crowley com o símbolo do já citado selo do Led Zeppelin, o Swan Song. O artigo diz:

*“Quando o Led Zeppelin criou a sua própria gravadora, foram cogitados vários nomes para ela. Jimmy sugeriu ‘Swan Song’ (baseado na lenda de que o tal ‘Canto do Cisne’ é uma referência ao grito que o animal solta pouco antes de morrer), que fora anteriormente o título de um partitura para guitarra que ele escrevera. Coincidentemente, Aleister Crowley chamou-se a si mesmo de ‘Paramahansa’, que quer dizer ‘O Cisne Divino’.”*

Um detalhe que não foi citado, mas é um dos prediletos dos conspirólogos, é sobre uma livraria que Page abriu em 1976 chamada The Equinox (O Equinócio), em que eram vendidos todos os tipos de objetos que eram, de uma maneira ou de outra,

associados a Crowley. Reza a lenda que lá foi colocada à venda uma cópia da Estela da Revelação, uma reprodução da famosa "Stella 666", que Crowley encontrou no museu do Cairo, no Egito, em 1904 e que lhe deu o caminho para o encontro com o seu Anjo Guardiã, quando recebeu os ensinamentos que compõem a Thelema. Fora que o nome da livraria era o mesmo de uma série de livros do mago que colecionavam os informativos oficiais da Ordem, que traziam poemas, músicas, histórias curtas e várias matérias ocultistas, tudo ligado a Astrum Argentum. Page também usava supostamente o desenho original da capa do Equinox no emblema de sua loja.

As tais coincidências continuam por muitos outros pontos que, se colocarmos todos por aqui, com certeza cansarão o leitor mais atento. O interessante, nesta história, é ver que nem mesmo as carreiras de Page e Plant pós-Led Zeppelin escaparam do fantasma crowliano. Por exemplo, o já citado show *Unleaded* foi lançado em 12 de outubro de 1994, que, por um acaso, era o aniversário de nascimento de Crowley. O mais curioso está no trecho que fala da criação da empresa que controla os direitos autorais de Page:

*"Quando Jimmy Page criou uma empresa para controlar seus direitos autorais e royalties, ele escolheu para ela o nome de Succubus Music (Súcubo Música). Súcubo é um espírito ou demônio do sexo feminino, que busca os homens à noite para copular. O súcubo ainda é mencionado num poema bem ao estilo de Crowley (página 145 de Trabalhos Seleccionados). Uma linha deste trabalho pode ser citada, para mostrar as relações entre o amor e os ladrões: 'Eu vou deixar que vocês ponderem sobre como todas as músicas atraem os ladrões do amor...'"*

É bom lembrar que o artigo citado acima é apenas um dos muitos que correm sobre as estranhas coincidências entre Page e Crowley. Provavelmente, como em toda teoria de conspiração, jamais se saberá ao certo se os males que afligiram o Led Zeppelin a partir de 1976 foram mesmo obra da influência maligna que Crowley exerceu sobre o grupo por meio de seus objetos e de sua mansão, todos nas

mãos de Page. Mas que o assunto dá para se levar a sério, isso ninguém nega...

# Capítulo 7

## Elvis Presley: Ainda Vivo

**Não é de hoje** que se ouve a célebre frase “Elvis não morreu”. Se você, leitor, achou estranhas as histórias das mortes de Paul McCartney (que é uma completa ficção) e de Jim Morrison (que foi real), a de Elvis consegue misturar esses dois aspectos de uma maneira tão intrincada que se torna difícil entender como tal mito do rock nasceu.

A frase citada acima é mais fácil de ser lembrada quando assistimos a filmes como *Homens de Preto* e *A Morte lhe Cai Bem*, que satirizam a história até os limites. Enquanto no primeiro filme o agente K (feito por Tommy Lee Jones) afirma, em determinado momento, que “Elvis não morreu, só voltou para o planeta dele”, no segundo o cantor aparece entre outros convidados ilustres numa festa em que aqueles que supostamente enganaram a morte comparecem (se olhar com atenção poderemos inclusive ver também Jim Morrison na multidão).

Qualquer um pode pensar que esse mito nasceu em uma hora de desespero, quando as pessoas que tiveram a oportunidade de ver Elvis ao vivo e a cores não se conformaram pelo fato de que seu rei morrera, em 16 de agosto de 1977. Um observador mais atento que tivesse acompanhado a carreira do cantor notaria sua fase de decadência nos últimos anos de vida, quando já estava bem acima do peso e perdia visivelmente terreno para as bandas mais agressivas do rock, incluindo o surgimento do heavy metal da década de 1970.

E assim teriam começado os boatos. Para os fãs, é mais fácil acreditar que ele foi capaz de simular a própria morte (num processo similar ao que supostamente aconteceu com Jim Morrison, mas lembrem-se de que o cantor dos Doors morreu seis anos antes).

É difícil para alguém na faixa dos vinte ou trinta anos entender por que um ídolo antigo causa tanta comoção e por que os boatos de supostos avistamentos de Elvis perduram atualmente. Com certeza trata-se de algo que fascina as pessoas ainda hoje e que há sites na Internet dedicados somente ao assunto e que o levam a sério a ponto de afirmarem que o corpo que foi sepultado em Graceland, a mansão de Elvis localizada em Memphis, Tennessee, não ser o original. Os fãs já chegaram ao cúmulo de organizar um abaixo-assinado para exigir a exumação do cadáver para realização de exames de DNA. Claro que o intento, não importasse quantas assinaturas conseguissem, nunca seria levado em consideração, visto a popularidade do cantor e o horror que a maioria sente ao pensar em ver o túmulo de seu ídolo profanado dessa maneira.

Em 2007, as comemorações dos trinta anos de sua morte tomaram alguns países. Segundo notícia publicada na página de música do portal UOL, Memphis foi palco de uma série de eventos, entre eles a final de um concurso de imitadores do rei do rock e uma vigília na mansão Graceland. Além disso, do outro lado do Atlântico, em Berlim, na Alemanha, aconteceu a maior exposição de objetos pessoais de Elvis fora dos Estados Unidos. Na ocasião, foi apresentado ao mundo um clip de Lisa Marie, a ex-esposa de Michael Jackson, que apareceu num dueto virtual com o pai, cantando *In the Ghetto*. Tudo bem que, nessa mesma época, os tais boatos sobre aparições de Elvis subiram vertiginosamente, mas aparentemente ninguém conseguiu uma prova cabal de que isso era uma verdade.

A pergunta que nos vem à mente é se é possível para um ídolo, que teve seu auge durante os anos 1950 e 1960, ainda manter o mesmo nível de popularidade por tanto tempo após sua morte. A julgar pelas comemorações de 2007, com toda certeza pode. O trecho seguinte pertence a uma notícia veiculada na época pela



agência de notícias Reuters, que registra a reação dos fãs das Filipinas às comemorações:

*"O filipino Chito Bertol não se parece em nada com Elvis Presley, e sua voz também é totalmente diferente, mas ele continua a cantar os sucessos dele, 30 anos após a morte do rei. Apelidado de o primeiro Elvis Presley das Filipinas, Bertol vem apresentando sucessos de Elvis desde que tinha 15 anos. 'Elvis vive conosco', disse o sócio de 64 anos, vestindo camisa vermelha estampada com o rosto de seu ídolo. 'Elvis é minha paixão'. Bertol dedicou a Elvis um quarto inteiro de seu apartamento em Manila, recobrando suas paredes com DVDs, álbuns, CDs, relógios, pratos, gravatas e estátuas do cantor. Apesar de ter morrido há anos, Elvis Presley continua a ser imensamente popular nas Filipinas, onde seus sucessos são cantados em karaokês, com graus diversos de êxito."*

E para quem acha que algo assim nunca aconteceria em países mais afastados, está enganado. A mesma notícia traz a seguinte descrição:

*"No início da semana, fãs japoneses transformaram um cantinho de Tóquio em Memphis, rebolando pelas ruas durante um evento comemorativo intitulado 'Good Rockin' Elvis'. Japoneses com cabelos penteados como os de Elvis, costeletas e sapatos como os usados pelo Rei dançaram com japonesas de rabo-de-cavalo e meias soquete ao som de Hound Dog e Jail House Rock. O fã-clube Elvis Presley oficial do Japão se considera um dos maiores do mundo, e muitos fãs japoneses inveterados viajaram a Memphis para prestar seus respeitos a seu ídolo."*

Com todo esse nível de adoração, que alguns consideram mais forte do que o de qualquer banda do rock, não é de se espantar quando os fãs levam a sério as teorias de conspiração que envolvem Elvis. E os conspirólogos aproveitam para divulgar suas idéias sobre as circunstâncias que levaram à morte do chamado rei do rock.



# VIDA E MORTE DE ELVIS

Para entender bem o terreno onde essas idéias cresceram e criaram raízes tão fortes é necessário fazermos a retrospectiva da carreira do cantor. Um detalhe interessante vem de Alain Dister, autor de *The Story of Rock*. Ele afirma que a data exata do nascimento do rock é difícil de determinar. Há pelo três acontecimentos que concorrem ao título, embora cada historiador esteja tentado a assumir um diferente. O primeiro seria quando um cantor chamado Johnnie Ray começou a imitar gritos de dança em suas músicas em 1951 (naquela época, nos primórdios do rock, era comum que as pessoas dançassem músicas de outros estilos, como o rhythm-and-blues e soltassem gritos enquanto pulavam).

O segundo seria quando saiu o filme *Sementes da Violência* (*Blackboard Jungle*, de 1955), dirigido por Richard Brooks, com Glenn Ford, Anne Francis e Louis Calhern, que apresentou a famosa (*We're Gonna*) *Rock Around the Clock* e o grupo Bill Haley and His Comets para o mundo. Quanto a este assunto, vale a pena um rápido lembrete: muitos acham que musicalmente falando quem primeiro definiu o estilo rock foi Bill Haley, que, baseado principalmente no country, criou uma batida diferente acentuada no segundo e quarto tempos de uma marcação 4x4. Assim, a data mais comumente aceita para a "criação" do rock foi quando o grande sucesso do grupo foi apresentado, em 12 de abril de 1954.

O terceiro fato, que é o que realmente nos importa, aconteceu em julho de 1954, quando Elvis bateu na porta do Sun Studios, de Sam Phillips, com a idéia de gravar um disco para dar para sua mãe de aniversário, já que naquela época era comum prensarem pequenos discos de vinil com gravações personalizadas. Para os historiadores em geral pouco importa qual foi o fato que originou o rock, mas para os fãs esse destaque é por direito do rei do rock, o que garantiria para ele tal título.

Mas vamos conhecer a vida deste ícone do rock. Elvis possuía ascendência escocesa por parte do pai, cujo primeiro integrante da família se estabeleceu, no século XVIII, nos Estados Unidos, mais

precisamente no estado da Carolina do Norte. O nome Presley era originalmente grafado como Pressley, o que foi modificado pelo pai de Elvis quando este nasceu, em 8 de janeiro de 1935.

Os pais do cantor se conheceram em 1933 e se casaram em junho do mesmo ano na cidade de Pontotoc, no estado do Mississippi que, como já vimos, foi palco da história do Robert Johnson.

Elvis Aron (mais tarde alterado para a forma Aaron) nasceu em East Tupelo, no Mississippi. Foi lá que ele teve uma instrução rígida e apreendeu a ter respeito de maneira geral e sem discriminações, independente de fatores étnicos, sexuais, sociais, econômicos ou financeiros. Os registros indicam que passou os primeiros anos de sua vida em meio aos destroços de um furacão que devastou sua cidade em 5 de abril de 1936. Curiosamente, apesar de ser uma época em que os Estados Unidos sofressem de racismo declarado, essa tragédia serviu para juntar as populações branca e negra da pequena cidade. Todos deixaram de lado (pelo menos temporariamente) o conflito racial para poder se dedicar à reconstrução da cidade.

O futuro cantor teve uma figura paterna ausente, já que seu pai havia sido preso, em 1937, juntamente com seu cunhado, por estelionato. Além disso, a família foi despejada da casa onde morava e Elvis e sua mãe foram morar com os pais de seu pai, que só seria libertado em 1941.

O jovem começou a dar mostras de seu talento quando participou de um concurso de novos talentos na Feira Mississippi-Alabama, onde conquistou o segundo lugar e o prêmio de cinco dólares mais ingressos para as atrações do evento. A canção que ele interpretou na ocasião foi *Old Shep*, que falava sobre o desespero de um menino pela perda de seu cão. Entusiasmado pelo talento do filho, seu pai comprou-lhe um violão, que se tornou sua companhia constante, inclusive na escola.

Em 1948, a família se mudou para a cidade de Memphis, onde morou por muito tempo em condições precárias. Entre 1948 e 1954, Elvis resolveu trabalhar e teve várias ocupações, de lanterninha de cinema a motorista de caminhão. Mesmo assim conseguiu terminar seus estudos em 1953, numa rotina diária que incluía, também,

cantar e tocar violão, além de arriscar alguns acordes ao piano. Diz a lenda que ele gostava de cantar até anoitecer e também quando a escuridão tomava conta.

Como estamos falando de uma época em que o rock não existia, é necessário sabermos quais eram as influências do futuro rei do rock. Aparentemente era a música pop da época, especialmente as canções de Dean Martin (parceiro por algum tempo do comediante Jerry Lewis), além do country, da música gospel que era ouvida na 1ª Igreja Evangélica Assembléia de Deus da sua cidade, do rhythm-and-blues e da música erudita, em especial a ópera, com seu maior ídolo o tenor Mario Lanza (1921-1959).

Como já foi dito, numa bela manhã de julho de 1954 ele foi gravar um disco para dar de presente à mãe no Memphis Recording Service, pertencente à gravadora Sun Records. Alguns historiadores dizem que ele gravara algumas demos já em 1953 e em pelo menos outras duas datas antes do mês de julho. Seja como for, o fato é que o dia 5 de julho de 1954 é um dos chamados marcos zeros do rock. Reza a lenda que Elvis ensaiava algumas canções até que, num momento de descontração, cantou *That's All Right, Mama*, performance que chamou a atenção de Sam Phillips, o dono da gravadora. Depois de gravada a música, Elvis teria cantado *Blue Moon of Kentucky*, que também impressionou Phillips. Na sessão participaram também o guitarrista Scotty Moore e o baixista Bill Black, além do próprio Sam Phillips.

Apenas dois dias depois, as canções apareceram pela primeira vez numa rádio de Memphis, o que gerou grande sucesso. Apanhado completamente de surpresa, Elvis é então convidado para dar uma primeira entrevista já como cantor profissional. A parada country recebe *Blue Moon of Kentucky*, que atinge o primeiro lugar. A outra canção também se classifica, ficando no quarto lugar.

Em 17 de julho, ele realizou seu primeiro show em Memphis e em 2 de outubro ele vai para Nashville, a capital do country. Quatorze dias depois ele realizou um espetáculo em Shreveport, no estado da Louisiana, transmitido pela rádio local num programa de sucesso, onde foi recebido entusiasmamente pela platéia.

No ano seguinte, o sucesso nacional do cantor toma forma. *Mystery Train* alcança o 11º lugar na parada nacional country da *Billboard*, enquanto *Baby, Let's Play House* fica no 5º posto. O primeiro lugar veio com *I Forgot to Remember to Forget*. No mesmo ano, conhece Tom Parker, que agenciaria sua carreira. Parker, cujo verdadeiro nome era Andreas Cornelius van Kuijk, era um holandês que teve uma vida polêmica e controvertida.

Em novembro daquele mesmo ano, Elvis assinou contrato com a sua gravadora oficial, a RCA Victor. No ano seguinte já era uma sensação nacional, com um estilo que muitos definiram como síntese das diversas influências e uma ameaça à sociedade conservadora de então. Não demorou muito para que seus álbuns se tornassem grandes sucessos e registrassem recordes de vendas no mundo todo. Elvis, inclusive, foi considerado um dos primeiros mega stars do rock, inclusive em termos de marketing. O cantor tornar-se-ia um ícone do rock porque muitas bandas que vieram depois, de Beatles a Led Zeppelin (só para citar algumas), declaravam-se fãs dele.

Porém nem tudo era um mar de rosas, pois Elvis era muito perseguido e combatido por vários segmentos reacionários nos Estados Unidos e também por representantes de várias etnias. Os brancos de então, lotados da psicologia racistas, o consideravam vulgar, já que popularizava um ritmo negro que nenhum branco deveria representar. O tal ritmo, claro, era o rock, que consideravam como filho do rhythm-and-blues. Os músicos deste movimento, por sua vez, o desconsideravam por ser um representante de algo originalmente negro e cujo faturamento lhes havia sido tomado.

No fundo, Elvis tornou-se representante de uma verdadeira batalha de raças. Foi perseguido e virou vítima de preconceitos, sendo taxado de "caipira sulista". Muitos fãs daquela época afirmaram que somente o talento e a perseverança do cantor o mantiveram na lembrança dos novos fãs até os dias atuais. E também diziam que ele só fazia um sucesso mais amplo por possuir "uma aparência de certa forma agradável", algo que, embora os biógrafos insistam em lembrar, não é levado a sério pelos historiadores.

Isso não impedia sua popularidade de crescer por meio de aparições em programas de TV como os de Ed Sullivan e Milton Berle. Com certeza teve muitos casos de censura em torno de suas apresentações televisivas. Um exemplo disso foi quando apareceu apenas da cintura para cima (já que suas danças requebradas eram consideradas obscenas) em 1956 no The Steve Allen Show e outra em 1957 no The Ed Sullivan Show. Outro exemplo foi no mês de abril, quando Elvis gravou um clip de *Blue Suede Shoes*, que era parte de um teste feito pela 20th Century Fox para o filme *Ama-me com Ternura* (*Love me Tender*) mas que não foi utilizado na época. O tal clip permaneceu nos arquivos da Fox até o final da década de 1980.

Assim não era de se espantar que tudo que o cantor fizesse virasse polêmica. Em outubro daquele mesmo ano, ele realizou um espetáculo na cidade de Dallas no estádio Cotton Bowl, que recebeu um público de aproximadamente 27 mil pessoas, algo bastante incomum para um artista da época, embora fosse algo bastante comum para as grandes bandas que viriam depois. Em janeiro do ano seguinte, mais uma polêmica: em sua última apresentação para Ed Sullivan, o cantor, contra a vontade do apresentador, interpretou a música gospel preferida de sua mãe, *Peace in the Valley*. Isso resultou numa grande repercussão que o levou a gravar um *single* duplo com quatro músicas do gênero. No final de 1957 um novo show, desta vez no Pan Pacific de Los Angeles, teve o que seus biógrafos consideram um dos maiores momentos de sua carreira, com uma performance sensual e arrebatadora que conquistou a raiva dos puritanos da época.

Curiosamente Elvis, apesar do sucesso que já desfrutava, nunca se apresentou em turnês mundiais. Apenas se restringiu a cinco shows no Canadá. Também em 1957 adquiriu Graceland.

No ano seguinte veio a convocação para o exército, algo que era fácil de ser descartado, mas que seu empresário aproveitou para expandir seu público. Foi então transferido para a Alemanha, onde ficou entre outubro de 1958 e março de 1960. Pouco antes, em agosto de 1958, veio a morte da mãe, que o afetou profundamente e que faria com que mudasse no quesito pessoal.





# A VOLTA E A DÉCADA DE 1960

Quando o cantor finalmente voltou da Alemanha, em 1960, aceitou o convite para participar do *The Frank Sinatra Show - The Timex Special* e gravou uma de suas melhores performances na TV. Desde então começou a fazer amizade com Sinatra e com Sammy Davis Jr., com quem ensaiou alguns números de orquestra, que duraria por toda sua vida.

No mesmo ano, lançou um álbum gospel, o que contrariou seu empresário e a gravadora, que não viam com bons olhos um trabalho nesse gênero musical. No ano seguinte foi para o Havaí, onde obteve grande sucesso com a crítica e com o público. Já nessa época, Memphis o homenageava com o Dia Elvis Presley, que estava vigente tanto na cidade quanto no estado do Tennessee.

O cinema também se tornou um grande veículo para suas apresentações. Entre 1960 e 1965, seus filmes tornaram-se um grande sucesso de público, embora os críticos afirmassem que a qualidade fosse duvidosa. E é bom lembrar que ele estava muito envolvido com sua carreira e nunca teve tempo para aprender artes cênicas, o que aperfeiçoaria sua interpretação nas telas. Curiosamente, a partir de 1965, seus filmes e trilhas sonoras perderam muita qualidade, de uma maneira que era impossível negar.

Em 1965, aconteceu um encontro histórico dos Beatles com Elvis num evento do qual, infelizmente, não se tem um registro de áudio ou vídeo. A única imagem que comprova de certa forma que o encontro aconteceu é uma foto que mostra John Lennon saindo da casa de Elvis. Na minissérie *Antologia*, McCartney, Harrison e Starr confirmaram jamais terem tocado com Elvis, algo que apenas Lennon fizera. Ringo, por sua vez, teria confidenciado a certos biógrafos que ele jogou futebol com o ídolo.

O ano de 1967 encontra a péssima qualidade de seus filmes, que não lembram as produções do primeiro período. Em compensação o disco gospel *How Great Thou Art* é lançado e tornou-se sucesso a ponto de ganhar um Grammy. Também foi o ano do casamento com

Priscilla Beaulieu, realizado na cidade de Las Vegas. Entre 1966 e 1967 são realizadas várias gravações caseiras que seriam redescobertas apenas no final da década de 1990. Entre 1967 e 1968 são lançados alguns *singles* elogiados.

Em 1968, ele grava um especial de Natal, apresentado pela rede de TV NBC. No ano em que Martin Luther King Jr. havia sido assassinado em Memphis, o que marcou o auge do racismo, Elvis apareceu com o grupo The Blossoms, composto por três mulheres negras, o que gerou mais polêmica.

Por fim, em 1969, voltou aos palcos depois de oito anos afastado. Ele escolheu Las Vegas e passou a se apresentar naquela cidade por pelo menos uma temporada anual. Para muitos biógrafos, foi nessa época que ele amadureceu sua performance e se tornou um cantor experiente e com domínio cênico.

# A ÚLTIMA DÉCADA

O ano de 1970 começa com novas temporadas em Las Vegas e mudanças radicais no repertório de Elvis, com shows descritos na maioria das biografias como “eletrizantes”, com muitas delas gravadas e lançadas como discos ao vivo.

Alguns críticos da época, entretanto, mostraram-se não tão confiantes e os comentários de que a rotina dos shows em Las Vegas poderia afetar Elvis a ponto de torná-lo alienado e desmotivado começaram.

No mesmo ano começou a produção do documentário *That's the Way It Is*, lançado por aqui em 1971. O filme foi um grande sucesso entre os fãs do mundo inteiro, principalmente no Japão. Em várias cenas podemos discernir o papel que o caratê, uma de suas paixões, passou a ocupar em suas coreografias. No fim daquele ano, num dos episódios mais controvertidos de sua vida, ele se encontrou com Richard Nixon, uma presença até certo ponto vista com hostilidade pelo cenário do rock da época. Nixon, inclusive, é o ponto-chave para os conspirólogos na teoria de que Elvis está vivo, pois dizem as lendas que teria sido o então presidente norte-americano quem teria dado os subsídios para Elvis “morrer”. Vale lembrar que Nixon foi também acusado pelos mesmos conspirólogos de arquitetar a chamada “conspiração dos Js”, que teria matado Brian Jones, Jimi Hendrix, Janis Joplin, Jim Morrison e até John Bonham e John Lennon.

Em 1971, Elvis recebeu duas importantes premiações: o prêmio concedido pela Câmara Júnior de Comércio Norte-americano, que o nomeou como uma das dez pessoas mais importantes da América em 1970. A segunda foi o Grammy Lifetime Achievement Award, um prêmio pelo conjunto de sua obra.

Entre 1970 e 1972, ele partiu em várias turnês pelos Estados Unidos. Foi quando idealizou um novo filme, que capturaria a intimidade e o ritmo frenético do cantor e de fãs. Em 1972, o documentário *Elvis on Tour* ficou pronto e o filme ganhou o Globo de Ouro. No mesmo ano, apresentou-se no Madison Square Garden,

onde novos recordes de público e arrecadação foram quebrados. Na época, grandes nomes do rock estiveram presentes a essas apresentações, como Art Garfunkel, Eric Clapton, John Lennon e David Bowie. Também naquele ano terminou seu casamento, o que lhe causou transtornos emocionais e pessoais.

Em 1973, os problemas pessoais e de saúde já eram visíveis, mas mesmo assim ele realizou o primeiro show via satélite do mundo em 14 de janeiro. Esse especial, chamado de *Aloha from Hawaii*, foi assistido por aproximadamente 1,5 bilhão de telespectadores no mundo todo.

Os problemas pessoais pioraram e Elvis ganhou muito peso. Mesmo assim, os fãs ainda compareciam aos shows que fez em 1974. Em suas apresentações em Las Vegas ele inovou em suas roupas e nas canções da época. No mesmo ano ele também voltou a se apresentar em Memphis, depois de 13 anos afastado de sua cidade natal.

Porém os biógrafos dizem que estava insatisfeito com sua carreira. Chegou inclusive a demitir Tom Parker, mas voltou atrás por influência de parentes. Em 1975, um novo show para 62 mil pessoas quebrou novos recordes. E, de acordo com as biografias, seria seu último ano artístico, com muitos relatos de que os shows daquele ano foram os melhores de toda a sua carreira.

No ano seguinte ele realizou mais de cem espetáculos e encerrou com um show em Pittsburgh. Em 1977, ele também fez shows, mas com a saúde visivelmente deteriorada.

# CURIOSIDADES

Ao longo de toda a sua vida, Elvis teve muitas curiosidades, tanto pessoais quanto artísticas. É claro que os conspirólogos usaram muitas delas para justificarem suas teorias. Olharemos em algumas que, com um pouco de criatividade, dá para usar num roteiro “conspirólogo” para mostrar que ele não morreu:

- Elvis teria um irmão gêmeo se este não tivesse morrido na hora do parto. Seu nome era para ser Jesse.
- Ele chegou a ter dois aviões. Um era de maior porte, um Convair 880 e o outro menor, um Jet Star. O primeiro foi batizado de Lisa Marie, o nome de sua filha, e o segundo de Hound Dog II.
- Há boatos de que Elvis tinha câncer nos ossos. Mas o que ele realmente tinha e que o prejudicou enormemente, gerando fortes dores a ponto de necessitar de uma medicação muito forte, foi o descolamento do cólon.
- Inicialmente o corpo de Elvis foi parar num cemitério comum, mas o FBI conseguiu descobrir uma tentativa de roubo do cadáver e impediu o crime a tempo. Assim, sua família solicitou que fosse enterrado em Graceland, onde permanece até hoje.
- Essa é a predileta dos adeptos da teoria da conspiração: Elvis era originalmente loiro e começou a pintar os cabelos ainda nos anos 1950.
- Há no mundo todo aproximadamente 625 fã-clubes oficialmente registrados na EPE (Elvis Presley Enterprises, Inc).
- - O diretor Martin Scorsese trabalhou com Elvis no documentário *Elvis on Tour* de 1972. Outros diretores que também tiveram oportunidade de trabalhar com ele foram Michael Curtiz (de *Casablanca*), Richard Thorpe (de *O Mágico de Oz*), George Sidney (de *Os Três Mosqueteiros*) e Don Siegel (de *Perseguidor Implacável*).
- O tema *Assim Falou Zarathustra*, composto em 1896 por Richard Strauss, mais conhecido por abrir o clássico *2001: Uma*

*Odisséia no Espaço* fez parte das aberturas dos shows do cantor em 1971.

- Elvis tornou-se figura de selos em vários países num número estimado de mais de 200 lançamentos. Os primeiros a serem lançados foram os das Ilhas São Vicente em 1985. O mais famoso é o lançado em 1993 nos Estados Unidos, o que já gerou boatos de que os sócios de Elvis é que são retratados por esses selos.

# *A MORTE DE ELVIS E OS BOATOS*

Na noite de 15 de agosto, Elvis foi ao dentista por volta das onze da noite. Voltou para Graceland de madrugada, jogou tênis e tocou algumas músicas ao piano. Foi dormir por volta das quatro ou cinco da manhã do dia 16. Por volta das 10 horas, o cantor teria se levantado para ir ao banheiro. A partir daí o que aconteceu até as duas da tarde permanece um mistério. Nem mesmo os biógrafos dele conseguem chegar a um acordo.

Seja como for, Elvis só foi encontrado morto de tarde por sua namorada na época, Ginger Alden. Foi levado pouco depois para o Memorial Baptist Hospital e foi lá que sua morte foi confirmada. A causa foi um colapso fulminante associado à disfunção cardíaca.

Quando o fato foi anunciado, causou uma comoção grande, com os fãs se acumulando em frente a Graceland para fazer vigília. As linhas telefônicas da mansão ficaram tão congestionadas que a companhia telefônica pediu aos residentes para não usarem o telefone a não ser em caso de emergência. Em pouquíssimo tempo as floriculturas venderam todo o seu estoque.

O funeral aconteceu no dia 17, quando os fãs puderam visitar o caixão por quase quatro horas. Às três da tarde do dia 18 houve uma cerimônia com a participação dos Stamps, um grupo gospel, e da cantora Kathy Westmoreland, que fizera parte do grupo musical de Elvis na década de 1970. Depois disso o corpo foi enterrado.

E então começaram os boatos dos avistamentos. O primeiro deles teria ocorrido ainda no dia da morte do cantor, quando um homem chamado John Burrows (que segundo testemunhos era incrivelmente semelhante a Elvis) foi visto comprando passagens para Buenos Aires, na Argentina, e pagando com dinheiro. Um fato que chamou a atenção os conspirólogos, já que John Burrows era um "alias" (ou seja, um nome falso) que Elvis usava muito quando fazia turnês.

O problema maior é que, dada a fama de Elvis, logo em seguida à sua morte começaram a aparecer os *impersonaters* (pessoas que imitam Elvis nos mínimos detalhes), o que faria com que essas

pessoas usassem inclusive detalhes como um “alias”, algo bastante comum no mundo do rock (Jim Morrison suava Mr. Mojo Risin’ e John Lennon chamava-se de Dr. Winston O’Boogie).

Vamos ver a seguinte lista, que traz alguns dos fatos mais utilizados pelos conspirólogos para justificar suas teorias:

- O atestado de óbito indica um peso corporal diferente do que o cantor na última vez que foi visto em público. O peso indicado pelo documento indica que o corpo pesaria pouco mais de 75 quilos, em vez de 110 quilos, peso calculado em cima da última aparição pública do cantor.
- A inscrição de seu nome no túmulo é Elvis Aaron Presley, que difere de seu registro, que grafa o nome Aron. Aparentemente o pai e a avó materna do cantor ainda estavam vivos quando ele morreu e que teriam comparecido ao funeral, o que, para os conspirólogos, seria um motivo pelo qual se poderia afirmar que o erro no nome não poderia ter passado assim despercebido.
- Elvis pediu, em vida, que fosse enterrado à direita do local onde estava sua mãe, um pedido que não foi atendido. Muitos lembram que ele era extremamente supersticioso, o que seria uma razão pela qual as pessoas que estavam ao seu redor não deixariam de cumprir seu desejo. Para quem não sabe, o corpo de Elvis está numa sepultura em Graceland.
- Um fato que parece ser bastante comum nos mitos do rock que envolvem mortes: o atestado de óbito original simplesmente desapareceu. O documento que é conhecido hoje foi emitido cerca de dois meses após a morte do ídolo.
- O caixão de Elvis pesava cerca de 408 quilos e possuía sistema interno de ar condicionado. O motivo pelo qual tal aparelho foi instalado lá não se sabe até hoje, mas estima-se que, para construir tal modelo, seria necessário mais de um mês, o que, com a tecnologia da época, não haveria como cumprir.
- Estaria o aparelho de ar condicionado ligado para dar ar a Elvis, que fingira sua morte e esperava as demais pessoas saírem de



perto para sair de seu esconderijo? Os conspirólogos acreditam piamente que sim.

- O corpo que estava no caixão possuía características supostamente diferentes no rosto e nas mãos que várias pessoas (muitas delas fãs) teriam notado. Para os conspirólogos, o corpo nada mais era do que uma imagem em cera, como aquelas apresentadas em museus como o famoso Madame Tussaud.
- O fato de que o enterro foi feito às pressas, o que teria impedido as pessoas de verificarem os detalhes referentes ao corpo do ídolo e, assim, descobrir a farsa.
- O boato mais interessante diz respeito a um grupo de livros que Elvis levava sempre com ele e que eram considerados como relíquias pessoais. Depois de sua morte, os tais livros (que ninguém sabe dizer bem quais são) simplesmente desapareceram.

Mas que motivos concretos o cantor teria para sumir? Para muitos que acreditam nessa teoria da conspiração, Elvis era refém de seu sucesso e sua vida pública se tornou um peso muito grande. O fato de que ele andava descontente com seu empresário e desmotivado por sua carreira não era nenhuma novidade e chegou a ser relatado antes de sua morte pelas pessoas que lhe eram mais chegadas. Há ainda rumores de que ele recebia ameaças de morte supostamente vindas de um grupo mafioso, embora nem mesmo os conspirólogos saibam dizer o motivo.

O mais hilário, entretanto, não são as ameaças mafiosas, mas sim o fato de que haviam várias supostas sociedades secretas que acreditam piamente nessas aparições. As Sociedades de Avistamento de Elvis (no original, Elvis Sighting Societies) atuam regularmente não apenas nos Estados Unidos como também em outros países e se dedicam a investigar e analisar todos os boatos que podem dar uma pista do “verdadeiro” paradeiro de seu ídolo. Para manter a comunicação entre seus sócios, eles possuem informativos, páginas na Internet e intercâmbio constante de seus associados que têm como objetivo colecionar evidências da presença de Elvis vivo. Uma

dessas sociedades reúne-se no Restaurante Newport em Westboro, distrito de Ottawa, Canadá. Duvida? Acesse o site deles em [www.elvissightingsociety.org](http://www.elvissightingsociety.org) e confira por si mesmo.

E ainda tem mais: o site de notícias Rockwave publicou a seguinte notícia em 2006:

*"O ator e produtor de cinema Adam Muskiewicz, de 28 anos, quer pôr um ponto final sobre a polêmica que envolve o mito da morte de Elvis Presley. Adam lançou um desafio e oferece um prêmio de US\$ 3 milhões (aproximadamente 6,5 milhões de reais) à alma viva que provar que o Rei está entre nós. Na real, o produtor procura pessoas para o seu documentário sobre um dos maiores mitos da cultura pop norte-americana. Segundo ele, já foram entrevistadas centenas de fãs de Elvis e cerca de 177 pessoas que o conheceram. Adam disse ainda que 75% dos entrevistados acreditam que Elvis realmente partiu dessa pra uma melhor, mas o restante tem convicção que ele está vivo e escondido em algum lugar, gozando do anonimato."*

Não há registros se alguma dessas ditas sociedades voltadas à procura de sinais "presleyanos" conseguiu entrar em contato e convencer o cineasta a pagar a prometida recompensa. Com certeza foi uma propaganda e tanto para o filme.

# Capítulo 8

## Rolling Stones: Mick Jagger e David Bowie

**Que a maioria das** pessoas adora ouvir boatos e lendas sobre famosos, isso não é de modo algum novidade para ninguém. As revistas de fofocas de celebridades vendem tanto que até a TV por assinatura resolveu criar um canal que se dedica somente a este tipo de informação. Porém nada ultrapassa o poder da Internet quando o assunto é criar um boato. Ainda mais quando essa história se transforma numa lenda que é contada insistentemente. E como diz o velho ditado, “quando uma mentira é contada mil vezes torna-se verdade”.

Um dos casos mais conhecidos no mundo do rock é o do suposto flagra que a esposa do roqueiro David Bowie, Angela, deu no marido num belo dia. Porém não era uma outra mulher que estaria na cama com Bowie, mas sim o cantor e líder dos Rolling Stones, Mick Jagger. O caso tornou-se um dos mitos do rock mais comentados de todos os tempos e selou de vez a imagem sexual de ambos os músicos.

Tanto Jagger quanto Bowie são conhecidos por suas apresentações durante os anos 1970, quando vestiam trajes de mulher e assumiam posturas andróginas no palco. Por muito tempo, fãs ou não dos dois músicos discutiram exaustivamente as “evidências” da suposta homossexualidade deles, mas nunca se chegou a uma conclusão palpável.

Algum tempo depois do tal flagra, Angela Bowie apareceu num programa de TV, apresentado pela comediantes norte-americana Joan Rivers, em 1990. Foi lá que ela confessou, para uma audiência atônita, que o boato era verdade. Apesar de muitas fontes criticarem

a maneira como Angela trouxe o assunto à baila (num programa de entrevistas), também concordaram que a ex-mulher de Bowie queria jogar um pouco de terra na fama dele, pois assinara um acordo que a proibia de falar alguma coisa e ficou no silêncio sobre o assunto por pelo menos dez anos. O suposto flagra teria acontecido em 1980, um ano no mínimo decisivo para os conspirólogos, já que havia pelo menos dois fatos que fariam a atenção dos fãs de rock se prenderem aos jornais, que eram as mortes de John Bonham do Led Zeppelin e o assassinato – apenas três meses depois – de John Lennon. E isto porque estamos falando de um período antes de 1985, quando, em plena campanha do Live Aid, Bowie e Jagger gravaram o *single Dancing in the Street*, uma canção original do grupo da gravadora Motown, Martha and the Vandellas, em 1964, que rendeu a Bowie seu último *single* a atingir o primeiro lugar nas paradas britânicas e o único sucesso da carreira solo de Jagger que conseguiu essa posição em seu país natal. Curiosamente, essa música, que já tem mais de vinte anos, não aparece como referência da carreira de nenhum dos dois ou é ao menos citada por seus respectivos fãs, embora tenha feito muito sucesso quando de seu lançamento. Ninguém sabe dizer se tal comportamento foi graças à lenda do suposto caso entre os dois músicos.

Para os historiadores do rock, esse episódio é um exemplo em que meias-verdades se transformaram em mitos inteiros.

Aparentemente, o flagra de Angela Bowie não era uma mentira e Bowie e Jagger estavam de fato nus na mesma cama, mas as exatas circunstâncias em que o suposto caso tenha acontecido ainda são consideradas como um verdadeiro mistério. Não há nenhuma confirmação ou mesmo vestígio de um suposto caso homossexual. E com certeza nenhum dos músicos tocará tão cedo no assunto. Na última vez em que Bowie aceitou falar sobre o assunto, em 1995, declarou:

*"Há 15 ou 16 anos atrás eu realmente me cansei de receber perguntas sobre o que fazia com o meu sexo no começo dos anos 1970. Minha sugestão para as pessoas com pudores é que leiam as*

*cerca de 30 ou 40 biografias que fizeram de mim e escolham o rumor que quiserem.”*

Do lado dos Rolling Stones a “ajuda” veio de Keith Richards, o eterno parceiro que já teve momentos de brigas com Jagger. Muita água já passou por baixo da ponte dos Stones desde que os dois se juntaram para criar a banda, mas aparentemente a amizade deles nunca desvaneceu. Numa matéria publicada no site da prestigiada revista *New Musical Express* (ou simplesmente *NME*), publicada no final de março de 2008, temos a seguinte história:

*“Keith Richards, dos Rolling Stones, revelou que o número de mulheres que Mick Jagger e ele mesmo compartilharam foi ‘estável’ – e também discutiu a sexualidade do companheiro de banda. O guitarrista disse que depois que Jagger roubou sua namorada Anita Pallenberg na década de 1960 ele se decidiu por tentar roubar as mulheres do cantor por vingança. Richards disse: ‘Roubei várias dele e, uh, ele forçou caminho até meu estoque, mas não significativamente. Depois do caso com Anita, decidi roubar cada uma que ele tivesse’. Quanto ao número de mulheres que os dois compartilharam, ele disse: ‘Depois de Marianne (Faithfull), foi estável’. Richards também discutiu a sexualidade de Jagger, dizendo: ‘Realmente não tenho idéia se alguém já empurrou algo para embaixo do tapete. Não observo isso todos os dias. Mas já houve, uma vez, um monte de coisas estranhas que aconteceram.”*

É claro que o leitor pode achar que o que os astros fazem ou deixam de fazer com a vida sexual deles é um problema que não nos diz respeito. Mas neste trabalho que você tem em mãos o objetivo é trazer as histórias mais estranhas que continuam na boca do povo. E de todas as histórias sexuais que rolam no mundo do rock, esta é, no mínimo, estranha justamente por misturar, em doses quase simbióticas, verdades e mentiras a ponto de ninguém mais saber com exatidão se tal acontecimento de fato ocorreu. E o leitor

um pouco mais velho deve se lembrar de que tanto Jagger quanto Bowie são suspeitos de serem mais do que admitem em público.

Mas vamos deixar de lado essa história cabeluda para fazermos a pequena retrospectiva das carreiras de Jagger e Bowie. Com os fatos mais claros em nossa mente é possível analisarmos esse mito com mais clareza e chegar a alguma conclusão. Afinal, Jagger é um membro do Império britânico (Member of the British Empire ou MBE, a mesma condecoração concedida pela rainha da Inglaterra a pessoas que se destacaram e que levaram o nome do Reino Unido para a fama mundial, como os Beatles, Elton John e Cliff Richards, entre outros).

Já Bowie, embora tenha sido indicado para receber a mesma condecoração em 2003, foi um dos poucos que declinou da homenagem. Em entrevista para o jornal britânico *The Sunday Times*, o músico declarou que nunca aceitaria uma condecoração de cavaleiro e que nem mesmo sabe para que ela serve.

# OS ROLLING STONES

Resumir quase cinco décadas de carreira não é bem uma tarefa fácil, por isso vamos rever de maneira bem sucinta os principais fatos que levaram à criação dos Rolling Stones. Para a maioria dos fãs (principalmente os mais velhos), a banda é um elo de ligação para uma época que foi conhecida como a invasão britânica, em que bandas britânicas faziam mais sucesso nos Estados Unidos que as de lá. Além disso, os Rolling Stones foram vistos, desde o início, como uma versão mais mal comportada dos Beatles, uma imagem que não podia ser mais enganosa, já que os dois grupos eram amigos e trocaram experiências musicais entre eles.

A epopéia de Jagger e companhia começou em 1960, quando Mick e Keith, dois amigos de infância, se reencontraram em um trem na estação de Dartford, na Inglaterra. Ambos tinham interesses musicais no blues e, claro, no então emergente rock. Eles receberam o convite do guitarrista Brian Jones dois anos depois para montarem uma banda de rythm-and-blues branca. O nome, The Rolling Stones, era inspirado na canção de Muddy Waters, *Rollin' Stone*. E foi com esse nome que eles se apresentaram pela primeira vez no Marquee Club de Londres em 12 de julho de 1962.

Diz o site Whiplash sobre a banda:

*"Na década de 1960, mais do que uma geração hippie e uma revolução musical, dois termos a tempos já tornados clichês para a indústria vender discos e quinquilharias, houve de fato uma revolução jovem, cortando uma linha bem definida entre a velha geração da Segunda Guerra e seus valores, e uma nova geração que buscava libertação dos traumatizados pós-guerras. Os pilares desse 'movimento', mesmo que inconsciente para alguns dos seus 'ativistas', foram Bob Dylan, os Beatles e os Rolling Stones. Por isso, falar de qualquer um desses três obriga também a falar em influências em um contexto social. Muitos intelectuais agiram para que a contracultura deslanchasse politicamente. Nomes como Abbie Hoffman, Jerry Rubin, Bobby Steale, e Angela Davis são apenas*

*alguns que fizeram as pessoas pararem para pensar diferente. Mas foram os Beatles, os Rolling Stones e Bob Dylan, através da música, que refletiram todas as tendências que repercutiriam entre a grande maioria dos jovens do primeiro mundo e, em seguida, no resto do planeta.”*

Até hoje há certas dúvidas sobre os verdadeiros idealizadores da banda. Brian Jones com certeza foi um deles, mas quem seriam os demais é algo que os historiadores não conseguem entrar num acordo. Uma das versões mais aceitas é a de que o pianista Ian Stewart, que era amigo de Brian, seria uma dessas pessoas, mas o fato é que ele logo foi descartado porque sua imagem pessoal não tinha o devido *sex appeal* que o grupo precisava. Como resultado, logo foi rebaixado para gerente de palco, com direito a gravar com a banda, mas não de posar como membro.

O baixista Bill Wyman foi uma aquisição que entrou pelo motivo mais estranho de todos: ele possuía mais de um amplificador. O fato de ele já tocar na noite a mais tempo do que os demais aparentemente não foi determinante. O último ingrediente a ser acrescentado para a banda foi o baterista Charlie Watts em janeiro de 1963.

As primeiras apresentações foram consideradas boas e logo uma gravadora se interessou por eles, a mesma Decca Records que havia algum tempo antes recusado os Beatles e amargava a ironia do sucesso que eles faziam e de a gravadora ser considerada a piada do ano (talvez do século) pela decisão que tomara. Com Andrew Loog Oldham como empresário, o grupo criou uma imagem de rebeldes e logo ganhou publicidade com cartazes que imprimiam a pergunta “você deixaria sua filha se casar com um Rolling Stone?”.

Os dois primeiros *singles*, um com um *cover* de uma canção de Chuck Berry e Muddy Waters de cada lado, *Come On/I Want to Be Loved*, e um segundo com uma música de John Lennon e Paul McCartney, *I Wanna Be Your Man*, regravada depois no álbum *With the Beatles* com o vocal de Ringo Starr, foram bem aceitos. O álbum de estréia da banda foi batizado apenas como *The Rolling Stones* e



foi lançado em abril de 1964. Continha apenas uma música composta por Jagger e Richards, que foram a principal força de composição da banda. Um *single* da banda teria uma canção original dos dois apenas em junho de 1964, quando saiu *Tell Me (You're Coming Back)*. Reza a lenda que o empresário teria posto Jagger e Richards numa sala, trancado a porta e dito que eles sairiam de lá apenas quando começassem a produzir material inédito, forçando assim a uma parceria nos moldes de Lennon e McCartney. No ano seguinte, com o álbum *Out of our Heads*, de 1965, é que começaram a aparecer os discos com músicas dos dois. Pouco depois eles lançaram seu maior sucesso de todos os tempos, a hoje clássica *(I Can't Get No) Satisfaction*.

Se as composições caíam sobre os ombros da dupla, os arranjos eram o campo de Brian Jones que, como músico, adorava explorar novos sons. A partir de *Aftermath*, de 1966, o grupo começou a trabalhar com músicas maiores e com arranjos mais elaborados. Eles também se renderam ao psicodelismo com o lançamento de *Their Satanic Majesties Request*, de 1967, um álbum injustamente tratado por muitos como cópia do bombástico *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, dos Beatles, que saíra na mesma época.

No ano seguinte, o disco *Beggars' Banquet* foi lançado e fez com que voltassem ao *rythm-and-blues* que os tornara famosos. O álbum trouxe a famosa *Sympathy for the Devil* (que os mais novos reconhecem pelo *cover* do grupo Guns'n'Roses, de 1994, gravado para o filme *Entrevista com o Vampiro*, do mesmo ano). Uma curiosidade sobre essa canção: Jagger afirma que foi inspirada numa visita que ele teria feito a um centro de *candomblé* na Bahia. Essa canção, em especial, traria problemas para a banda, já que foi o principal motivo pelo qual foi acusada de satanismo, algo que os conspirólogos usariam em outras lendas do rock.

Também é dessa mesma época o *single* *Jumpin' Jack Flash*, que reapareceu também no cinema no filme de mesmo nome (que por aqui se chamou *Salve-me quem Puder*), de 1986, com direito a uma participação-relâmpago de Keith Richards.

Mas voltemos aos Rolling Stones. O ano de 1969 foi um dos mais problemáticos para o grupo. Foi naquele ano que Brian Jones, já um

pouco desiludido com o grupo, anunciava sua saída. Ele seria encontrado morto pouco tempo depois numa piscina em sua propriedade chamada Cotchford Farma, em Sussex, antiga casa do escritor A. A. Milne, criador do Ursinho Pooh, personagem que o músico adorava. A polêmica da morte de Jones, que merece um capítulo à parte, foi exaustivamente usada pelos conspirólogos como parte integrante da chamada Conspiração dos Js, já comentada neste trabalho. O fato de que Jones morrera com 27 anos só serviu para aumentar a curiosidade sobre o tema. Em 2005, o site Terra Música noticiou que a morte do músico seria investigada 36 anos depois. O texto diz:

*"A morte de Brian Jones, integrante original dos Rolling Stones, vai ser investigada novamente. Uma nova pista indica que o músico foi assassinado por causa de uma dívida de US\$ 14 mil. Sua ex-namorada, Pat Andrews, convenceu a polícia britânica a exumar o corpo do guitarrista depois da divulgação de um dossiê de 150 páginas sobre sua morte por afogamento em um lago de sua casa, a Cotchford Farm, em 3 de julho de 1969, quando ele tinha 27 anos."*

Jones foi substituído por Mick Taylor, que tocara com o grupo John Mayall's Bluesbreakers, mais famoso por ter Eric Clapton como um de seus integrantes. Os Stones realizaram um show no Hyde Park, em Londres, para cerca de 300 mil pessoas, que serviu de pretexto para a apresentação de Taylor. No meio da apresentação, Jagger, que estava vestido de branco, leu o poema *Adonais* de Percy Bysshe Shelley, em memória a Jones. Depois mais de três mil borboletas brancas foram soltas do palco para a platéia emocionada.

Em dezembro daquele mesmo ano, porém, aconteceu o hoje infame Concerto de Altamont, na Califórnia. Era uma apresentação ao ar livre, com um público pelo menos duas vezes maior do que o de Hyde Park. Mas os problemas só haviam começado quando viram que a segurança era feita por um bando de motociclistas, o Hell's Angels de São Francisco, uma gangue composta por pessoas grossas e arrogantes que desprezavam a multidão de pelo menos 500 mil

hippies. Quem tentasse subir no palco vindo da platéia era agredido e escorraçado de volta para seu lugar pelos Angels que portavam tacos de sinuca. Durante a apresentação do Jefferson Airplane já havia pessoas que eram carregadas para as tendas da Cruz Vermelha. Quando os Stones finalmente se apresentaram, a multidão ficou histérica e os motoqueiros, mais selvagens. Durante a execução da canção *Under my Thumb*, um jovem negro, chamado Meredith Hunter, foi morto com uma punhalada nas costas. E a banda sabia que algo estava acontecendo, mas não podia dizer com certeza o que era, já que não conseguia ver nada do palco. Apenas no dia seguinte é que descobriram que quatro pessoas no total haviam morrido naquele dia. O ano terminou com o lançamento de *Let It Bleed* (título que é visto como sátira ao *Let It Be*, dos Beatles, que só seria lançado seis meses depois), com a canção *Gimme Shelter*. No ano seguinte saiu *Get Your Ya-Ya's Out*, o primeiro álbum ao vivo com estéreo autêntico e alta fidelidade, que fora gravado a partir de apresentações no Madison Square Garden, em Nova York.

No ano seguinte, eles estrearam na nova gravadora, a mesma Atlantic Records do Led Zeppelin. Num acordo com a nova casa, eles lançam seu próprio selo, o Rolling Stones Records, cujo símbolo é a boca carnuda com a língua para fora, produzido por John Pasche, embora sua criação seja atribuída erroneamente ao artista plástico Andy Warhol. Saiu então o álbum *Sticky Fingers*, cuja capa foi idealizada por Andy Warhol com uma foto de uma pélvis atribuída a Jagger. O LP original possuía um zíper que podia ser aberto.

Keith Richards foi para o interior da França e hospedou-se num castelo gótico para tentar se livrar das drogas pela primeira vez. Num determinado momento, ele chamou Jagger para compor e viu que o material poderia gerar um álbum triplo. Eles mandaram levar o estúdio móvel de gravação de seu selo, que na época tinha os equipamentos mais modernos e que foi usado também por outras bandas como o Deep Purple, conforme conta a letra de *Smoke on the Water*. É depois lançado o resultado das gravações, o álbum duplo *Exile on Main Street*, considerado por muitos, e pelo próprio Jagger, como o melhor álbum da banda pela sua consistência, plasticidade e versatilidade.

Em 1973, saiu *Goats Head Soup*, mais conhecido pela balada *Angie*, que muitos atribuem como tendo sido inspirada pela mesma Angela Bowie já citada. Em 1974, foi lançado *It's Only Rock'n'Roll*, álbum gravado no estúdio do guitarrista Ronnie Wood, que na época estava com a banda inglesa The Faces, que era liderada pelo cantor Rod Stewart. É quando Taylor anunciou sua saída da banda e Wood entrou em seu lugar, apesar de só se tornar um membro oficial do grupo em 1975. A turnê mundial dessa época estava programada para passar pelo Brasil e por outros países da América Latina, mas esses shows foram cancelados pelas restrições políticas dos governantes desses países, que estavam preocupados com a imagem de desordeiros e drogados que a banda poderia passar.

A segunda metade dos anos 1970 foi marcada pelos álbuns *Black & Blue*, de 1976, que trouxeram como convidado o tecladista Billy Preston (que fizera *Let it Be*, com os Beatles), e confirmou Ron Wood como o segundo guitarrista. Em 1978, saiu *Some Girls*, influenciado pelo movimento punk surgido na Inglaterra no ano anterior. No ano de 1980 foi lançado o álbum *Emotional Rescue*, que trouxe a música de mesmo nome e um balanço mais dance.

Em 1981 eles saíram da Atlantic e foram para a EMI. O primeiro álbum na nova casa foi *Tattoo You*, para muitos fãs o melhor álbum da banda de todos os tempos. Em seguida começaram com as turnês gigantescas que, em termos de produção, marcariam a carreira da banda até os dias de hoje. A primeira delas, nos Estados Unidos, foi registrada em filme (*Let's Spend the Night Together*, dirigido por Hal Ashby) e mostrou o vigor de Jagger e Richards reabilitado das drogas.

Em 1983, começaram rumores sobre a separação da banda. O álbum *Undercover* foi lançado e o fato de eles não saírem em turnê e ter cada componente trabalhando em projetos individuais só aumentaram as especulações. Em 1985 morreu Ian Stewart que acompanhara a banda esses anos todos como gerente de palco. Foi homenageado no álbum de 1986, *Dirty Work*, trabalho que também não gerou turnês.

O relacionamento entre os membros entrou numa fase azeda e houve grandes brigas entre Jagger e Richards. Jagger se lançou

numa carreira solo e gravou músicas no mesmo estilo das dos Stones, o que causou mais atrito com Richards.

Esse desentendimento seguiria pelo menos até a chegada dos anos 1990. Nesse mesmo ano eles foram para uma nova gravadora, a CBS (hoje Sony BMG) em meio a rumores de que Jagger e Richards não conseguiam mais estar na mesma sala. Esses constantes boatos ajudaram a manter o interesse na banda. Quando o álbum *Steel Wheels* saiu, as expectativas foram altas e deram para os Stones a alcunha de "maior da banda em todos os tempos". Os problemas pessoais ficaram de lado e eles se apresentaram numa turnê cheia de parafernália e participação da banda Guns'n'Roses como número de abertura.

A partir daí eles se tornaram *experts* nas turnês, tornando-se uma banda multimilionária, com administração autônoma e profissional, alcançando espaços na mídia até então nunca vistos.

Bill Wyman saiu do grupo em 1993, mas ainda mantém laços de amizade com o grupo. Depois de um período de inatividade, o ano de 1994 anunciou o lançamento de *Voodoo Lounge*, que foi seguido por uma turnê que passou por aqui. Os shows começaram em julho de 1994 em Toronto, Canadá, e terminaram em agosto de 1995 em Roterdã, na Holanda. O arrecadamento da turnê gerou cerca de 400 milhões de dólares. Nesse meio tempo, um outro projeto, *The Rock and Roll Circus*, foi finalmente lançado. O programa de TV de 1968 estava arquivado desde aquela época e trazia diversos artistas como Jethro Tull, The Who, Marianne Faithfull (então esposa de Jagger) e The Dirty Mac, um supergrupo composto por John Lennon, Yoko Ono, Eric Clapton, Keith Richards e Mitch Mitchell, baterista do The Jimi Hendrix Experience.

Em 1997, saiu *Bridges of Babylon*, álbum que foi acompanhado por uma excursão mundial igualmente cara e completa, que trazia dois palcos (um maior e outro menor, instalado no meio do público). Passou por aqui e trouxe Bob Dylan como número de abertura.

Em 2002, comemoraram os 40 anos da banda. Em 16 de agosto uma nova turnê, a *Licks Tour*, passou por todos os continentes do planeta e terminou em novembro de 2003, em Hong Kong.

Em 2004, o fim parecia inevitável com o anúncio de um câncer na garganta do baterista Charlie Watts diagnosticado em junho. Porém, com a cura da doença em 2005, o agora quarteto sessentão começou a produção de mais material de Jagger e Richards (conhecidos como *The Glimmer Twins* desde os anos 1970 pela ligação existente entre eles). O resultado foi o álbum *A Bigger Bang* e mais uma turnê, com o mesmo nome. Vale lembrar também que foi durante esta turnê que eles fizeram o memorável show gratuito na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro. O público, estimado em 1,5 milhão de pessoas, fez com que a banda entrasse inclusive para o livro *Guinness*.

# DOIS MÚSICOS FAMOSOS E OS BOATOS

Analisaremos agora os dois protagonistas desta lenda longe do ambiente dos Rolling Stones. Começemos com sir Mick Jagger, sagrado cavaleiro em 2003. Seu verdadeiro nome é Michael Phillip Jagger, nascido em Dartford, na Inglaterra, em 26 de julho de 1943.

A verdade é que os conspirólogos sempre usaram a figura de Jagger como um ponto focal de conspirações. A mais interessante delas aconteceu no final dos anos 1960 (claro) e envolveu uma tentativa de assassinato de sua pessoa que poderia ter dado certo se seus supostos agressores não tivessem sido atingidos por uma tempestade. E um detalhe: tal história não foi veiculada por um e-mail ou um site de Internet, mas sim pelo jornal britânico *The Sunday Telegraph* em sua edição de 2 de março de 2008.

Essa operação encoberta foi revelada por um ex-agente do FBI a uma rádio que pertence ao grupo da BBC quando foi feita uma série de reportagens sobre o órgão norte-americano. O ex-agente confirmou que o plano seria de autoria dos Hell's Angels, os mesmos que fizeram a "segurança" do fatídico show de Altamont em 1969. Após o ocorrido, o qual já comentamos, Jagger declarou que não queria mais os serviços do grupo, o que os enfureceu a ponto de eles pensarem em matá-lo. Assim, os motoqueiros decidiram que matariam o líder dos Stones em sua casa de veraneio, nos Estados Unidos. Eles chegariam até o local pelo mar para que não fossem vistos, mas a providência divina impediu seus intentos enviando uma tempestade que virou a pequena embarcação em que os agressores viajavam. Todos os envolvidos sobreviveram e, aparentemente, desistiram do intento. Segundo o jornal, sir Jagger nunca tinha sido informado sobre essa tentativa de assassinato até aquele momento. Um detalhe curioso: muito antes de o tal ex-agente do FBI confirmar essa história isso já era conhecido entre os meios conspirólogos, tendo circulado como boato durante a década de 1980. Seria um indício de que nem tudo que se pensa ser um boato se revela uma história fantasiosa?

Jagger sempre foi visado pelos conspirólogos uma vez que foi reconhecido como uma das vozes mais influentes dos anos 1960. Um detalhe: ele não foi um sucesso imediato como vocalista, admitindo em público que ele tinha o dom de ouvir algo e copiar imediatamente. No começo da carreira do grupo, ele apenas abanava a cabeça e depois aprendeu com outros cantores a obter audiência. Quem assistiu a seus shows sabe que ele é dono de um carisma e um pique no palco que poucos possuem. O cantor se inspirou grande parte em James Brown para desenvolver seu estilo próprio.

Ele abandonou os estudos na London School of Economics para se dedicar à banda. E a escolha se mostrou certa, pois hoje se dedica exclusivamente aos negócios dos Stones. Eles, Beatles e Queen são os grupos que continuam a fazer sucesso hoje em dia, conforme atestam os 414,3 milhões de dólares ganhos na turnê *A Bigger Bang*.

Os casos de Jagger são famosos e fazem a festa dos conspirólogos, que sempre buscam objetivos escusos e ocultos neles. Oficialmente ele teve muitas mulheres e filhos, dos quais sete são reconhecidos. Estão na lista de namoradas Marsha Hunt, Jerry Hall e Luciana Gimenez. Sua mais recente "aquisição" é a estilista norte-americana L'wren Scott. Em suas entrevistas ele afirma que não acredita em monogamia e que nunca saiu com donas de casa e que nunca sairá. Quando perguntado sobre como suas filhas lidariam com homens como ele, ele respondeu: "Quando minha filha Jade ficar mais velha, vou mandar ela ter cuidado com homens como eu."

Sua filha mais velha, Elizabeth, mais conhecida como Lizzy Jagger, de seu casamento com Jerry Hall, é hoje uma das modelos mais famosas da Inglaterra e do mundo. Ela seguiu os passos do pai e largou seus estudos para começar no mundo da moda aos 14 anos, coisa que no início desagradou Jagger, que agora a apóia.

Em 2007, Jerry Hall anunciou o lançamento de uma biografia e que revelaria os detalhes sobre seu casamento com Jagger. Hall já publicou um livro anterior que é uma espécie de conto de fadas



sobre sua própria vida. A notícia, publicada no site do jornal *O Globo*, diz:

*"Pelo novo título, especula-se que ela deva receber aproximadamente R\$ 1,750 milhão. Nele, ela promete contar detalhes íntimos de sua carreira e do casamento de nove anos com Mick, pai de seus filhos Elizabeth, James, Georgia e Gabriel. Jerry conheceu o vocalista dos Rolling Stones quando ainda era noiva do músico Bryan Ferry. O casamento de Halle e Jagger terminou depois do affair do Stone com a apresentadora brasileira Luciana Gimenez, que com ele teve um filho."*

Assim, acreditar que Jagger pudesse ter um caso homossexual é fácil de ser propagado. Ainda mais com um músico do calibre de David Bowie, que já foi declaradamente andrógino.

Passemos agora para Bowie. David Robert Jones nasceu em Brixton, Londres, em 8 de janeiro de 1947. Trocou seu sobrenome para não ser confundido com o David Jones que havia na época no grupo The Monkees. É claro que os conspirólogos começaram a veicular teorias sobre essa a troca de sobrenome e muitas delas são completamente malucas. A mais popular era a de que o sobrenome Bowie foi escolhido por ser o do fabricante da faca que se supõe ter cegado seu olho esquerdo ainda na adolescência durante uma briga com um colega de escola, chamado Daniel Amboleg. Esse detalhe da paralisação do olho esquerdo é conhecido por poucos e boatos também afirmam que isso aconteceu numa disputa por uma namorada, quando seu antagonista acertou um soco em Bowie bem no seu olho.

No começo de sua carreira participou de vários grupos, onde ainda usava seu nome verdadeiro, como Davie Jones and the King Bees (em 1964) e Davy Jones and The Lower Third (em 1965). Com estes, chegou a gravar *singles* sem grande repercussão. Bowie já vendeu, sozinho, mais de 136 milhões de álbuns no mundo inteiro e continua sendo um dos músicos mais influentes do rock.

Sua carreira solo começou como cantor folk em 1966. Dois anos depois sua canção *Space Oddity* ficou entre as cinco primeiras na parada britânica. O mundo o conheceu pelo álbum *The Rise and Fall of Ziggy Stardust and The Spiders From Mars*, de 1972. É nessa época que começaram as apresentações extravagantes que marcariam sua carreira, todas ricas em figurinos, maquiagem e cenários extravagantes.

Bowie afastou-se do rock por um tempo durante os anos 1970, enveredando pelos caminhos do rythm-and-blues e do soul. Alcançaria o sucesso novamente apenas em 1983, com o álbum *Let's Dance*, voltado ao pop, com sucessos como *Modern Love*, *China Girl* e *Blue Jeans*.

Bowie trabalhou também em vários filmes, entre eles *O Homem que Caiu na Terra*, de Nicolas Roeg, *Fome de Viver*, de Tony Scott, *Apenas um Gigolô*, de David Hemmings, *Labirinto – a Magia do Tempo*, de Jim Henson, e *A Última Tentação de Cristo*, de Martin Scorsese. Fez ainda as trilhas sonoras dos filmes *Labirinto*, *Absolute Beginners*, e *Eu, Christiane F., 13 Anos, Drogada e Prostituída*. Foi o Homem-Elefante na montagem da história para os palcos da Broadway e fez a trilha para o jogo *Omikron: the Nomad Soul*, da Eidos, em que aparece como Boz, líder de uma banda de rock.

Bowie é casado com a modelo somali Iman Abdulmajid desde 1992. Tem dois filhos: Alexandria Zhara, nascida em 2000, e Duncan Zowie Haywood Jones, nascido em 1971, filho dele e de Angela Bowie. A mesma que resolveu jogar areia no caminhão de Bowie alardeando na TV que teria flagrado o marido na cama com Jagger.

Aparentemente, Angela teria mesmo sido vítima do sensacionalismo característico desse tipo de programa. A apresentadora Rivers prometeu detalhes picantes e Angela teria ficado com receio de dizer o que aconteceu. Como Rivers estava acompanhada do radialista Howard Stern, outro nome que adora uma polêmica e uma fofoca, ela repensou sua posição e resolveu dizer. O que mais chama a atenção (e faz a teoria da conspiração cair por terra) é que, além da falta de comentários dos envolvidos, a própria Angela falha em dar detalhes. Por exemplo, em momento algum de sua aparição ela cita quando esse episódio teria ocorrido.

Bowie sempre falou abertamente de sua bissexualidade e Jagger tem o constante boato ligado à sua pessoa de que supostamente não seria averso a experiências sexuais de qualquer tipo.

Jagger já comentou que a coisa toda era “uma tremenda besteira” e uma carta do advogado de Bowie dizia que “a sugestão de que há um caso gay entre Jagger e Bowie é uma total invenção”. De fato, uma semana depois da primeira veiculação do mito, Angela apareceu em outro programa duvidoso, do apresentador Geraldo, e confirmou que não havia pego ninguém no ato. “O que eu vi foram duas pessoas dormindo na minha cama. Eles estavam nus e eram Mick Jagger e David Bowie, o que não é grande coisa. Não significa necessariamente algum tipo de caso.” Por fim, alguns meses depois, ela declarou que a notícia estava ultrapassada e que os dois provavelmente só haviam desmaiado na cama.

Porém a lenda evoluiu de maneira a acrescentar Angela também. A ex de Bowie foi identificada pelos conspirólogos como a fonte de inspiração do hit *Angie*, do álbum *Goat Head's Soup*, de 1973, o que poderia significar que não seria bem um casal homossexual, mas sim o triângulo amoroso. A canção, de fato, fala sobre o fim de uma relação que não trouxe satisfações. E a culpada pelo boato é a própria Angela, que admitiu no programa de Joan Rivers que achava que, quando pegou os dois dormindo, estavam justamente compondo *Angie*, que é atribuída a Jagger e Richards como a maioria das canções dos Rolling Stones, portanto sem a participação de Bowie. Assim os conspirólogos afirmam que *Angie* era Angela e que ela mantinha um caso amoroso secreto com Jagger. Uma segunda versão diz que *Angie* seria o próprio Bowie.

Outras candidatas a *Angie* seriam Angela Richards, filha de Keith Richards com a atriz Anita Pallenberg (o que desqualificaria esta versão, já que esta Angela tinha menos de um ano quando os Stones gravaram a música), e a própria Anita Pallenberg, que teve casos com Brian Jones e o próprio Mick Jagger além da relação com Richards.

Seja como for, a lenda perdura até hoje e os conspirólogos ainda afirmam que isso pode ter colocado a carreira de Bowie no freezer,

uma vez que faz tempo que o músico não apresenta um novo álbum.

# Capítulo 9

## Nirvana: Quem Matou Kurt Cobain?

**Não se trata de** uma pergunta retórica, mas sim de uma indagação real. Pelo menos é o que os conspirólogos adoram afirmar. Depois de vermos casos estranhos de astros do rock que estavam mortos e que ficaram conhecidos como vivos (e vice-versa), temos um caso em que o morto continua morto. Mas a diferença é que este mito se tornou tão forte e poderoso entre os fãs que praticamente virou uma trama digna de Agatha Christie ou de qualquer outro escritor de romances policiais.

O impacto que a morte de Kurt Cobain teve na música foi significativo porque era um representante de um movimento cultural mais recente, o grunge. Curiosamente ele não foi a única vítima entre os representantes de tal tendência: Layne Stanley, o vocalista da banda Alice in Chains, foi encontrado morto em 20 de abril de 2002, vítima de uma overdose de heroína e cocaína. Porém as coincidências aqui com Cobain atingem níveis no mínimo de desconfiança quando sabemos um detalhe importante: a perícia forense aproximou a data da morte do cantor para o dia 5 de abril, já que o corpo havia sido encontrado em avançado estado de putrefação. E aquela era a mesma data da morte do vocalista do Nirvana, que acontecera oito anos antes. Coincidência? Ou conspiração, como os conspirólogos querem fazer crer? Pelo menos, ao contrário de Cobain, Stanley não morreu com os 27 anos que marcaram outras mortes famosas.

Mas o que realmente nos interessa é analisar as circunstâncias que envolveram a morte de Cobain. Até hoje se fala que ele teria

sucumbido às pressões que a fama excessiva do Nirvana lhe trouxera. Os historiadores e analistas musicais ressaltam que tal pressão não era maior que a que outros grandes destaques do grunge como o vocalista do Pearl Jam, Eddie Vedder, ou o do Soundgarden, Chris Cornell, recebem, o que poderia levar a pensar que haveria algo mais escuso por trás de sua morte repentina. Para entender mais a extensão do caso é necessário analisarmos pelo menos a vida e a carreira de duas pessoas: o próprio Cobain e sua esposa, a cantora e atriz Courtney Love. O relacionamento desses dois já é comparado ao de outro casal problemático do rock, Sid Vicious, do Sex Pistols, e Nancy Spungen, sua namorada. E a maioria dos interessados no cenário do rock sabe que uma esposa de um astro é a culpada predileta dos males que atingem a banda (que o digam Yoko Ono e Linda McCartney).

# *GÊNESE DO NIRVANA*

Devido à sua história bastante simples não há muito que falar sobre o Nirvana que os fãs já não saibam, mas mesmo assim vale a pena fazer a nossa retrospectiva. Cobain nasceu em 20 de fevereiro de 1967 em Aberdeen, no estado de Washington, Estados Unidos. Depoimentos de conhecidos seus afirmam que ele já era influenciado aos dois anos de idade pelos Beatles e que cantarolava músicas deles e dos Monkees.

Sua vida começou a mudar em 1975, quando seus pais se divorciaram, um evento classificado por ele mesmo como "impactante". Sua mãe, de fato, notou que a personalidade do filho havia mudado drasticamente e que ele se tornou tímido e quieto, o contrário do que era antes. Anos mais tarde Cobain daria uma entrevista em que afirmou que tinha vergonha dos pais e que não conseguia encarar os colegas de escola porque queria "voltar a ter desesperadamente aquele clássico sentimento de família, mãe, pai".

Ele viveu com a mãe após o divórcio por um ano e então se mudou para Montesano, também em Washington, onde morou com o pai. Naquela época sua rebeldia já se mostrava forte e logo desistiu de morar com ele para ir viver um pouco com amigos e um pouco com parentes.

Na escola, o rebelde logo se interessou por esportes. Entrou para o grupo de luta livre do ginásio por insistência do pai e, embora fosse um bom lutador, logo abandonou o grupo depois de um tempo. Também participou de uma equipe de atletismo e uma liga de beisebol.

A atração que sentia pelas artes logo substituiu os esportes. Ele desenhou muito durante as aulas e seus temas iam de caminhões e guitarras até pornografia. Quando completou 14 anos ganhou sua primeira guitarra. Os ídolos do rock de Cobain incluíam nomes como Aerosmith, Journey e AC/DC. Descobriu o punk quando foi assistir a um show do grupo Melvins, em 1983. Logo criou amizade com Buzz Osborne, cantor e guitarrista da banda, que retribuiu emprestando discos e revistas punk.

Em 1984, conheceu Krist Novoselic. Conhecido como um rapaz que ouvia e gostava muito de muito punk rock, Novoselic logo fortaleceu a amizade com Cobain, com quem compartilhava o gosto pelos Melvins. Ambos tinham amigos em comum e logo começaram a sair juntos.

O próximo passo foi dar a Novoselic uma fita demo de um projeto de banda que Cobain tinha então, chamado Fecal Matter. No início, o novo amigo sentiu-se indeciso sobre se devia ou não ouvir o trabalho até que, depois de alguns meses, ele tomou coragem, ouviu a gravação e gostou. Novoselic concordou em formar uma banda. Nascia aí o embrião do Nirvana.

Entusiasmado com o incentivo que conseguira e ciente de que não tinha notas o suficiente para se formar, Cobain decidiu abandonar a escola quando faltavam poucas semanas para se formar pelo Ensino Médio. Voltara então a viver com a mãe, depois de uma temporada em que morou ora num lugar, ora em outro.

Porém sua mãe dera um ultimato: ou arranjava um emprego ou seria expulso de casa. E foi o que aconteceu: uma semana depois ele encontrou suas coisas encaixotadas e se viu forçado a sair da casa de sua mãe. Alojado de novo em casas de amigos, trabalhou em vários lugares nas proximidades de Aberdeen até que conseguiu ganhar o suficiente para dividir um apartamento com outro amigo, em junho de 1985. Porém a situação financeira apertou e ele teve que sair do apartamento porque não conseguia arcar com o aluguel. Apenas no final do ano seguinte ele conseguiu se mudar para uma casa em que pôde finalmente viver sozinho, com um aluguel que pagava com o trabalho num resort em Washington. Quando podia, ele viajava para uma cidade vizinha, Olympia, para conferir shows de rock que haviam por lá. Teve uma grande quantidade de empregos e começou a namorar firme, em 1987, com Tracy Marander, sua primeira namorada, numa relação que durou até 1990.

Um ano antes o Fecal Matter debandou e Cobain continuou a tocar em *jams* (apresentações improvisadas) com vários colegas. Novoselic compareceu nessas apresentações com mais frequência, tocando seu baixo. No começo, o grupo de músicos adotou o nome de Stiff Woodies, depois mudou para The Sellouts, para obter alguns



trocados em bares enquanto faziam *covers* de Creedence Clearwater Revival. A formação era Cobain na bateria, Novoselic nos vocais e guitarra e um certo Steve Newman no baixo.

A partir de 1987, a bateria passou para Aaron Burckhardt e o grupo assumiu o formato permanente de trio. Até o ano seguinte trocaram novamente de nome e assumiram, pela ordem, as identificações de Skid Row, Bliss, Throat Oyster, Pen Cap Chew e Windowpane.

Com o nome de Skid Row (nada a ver com a banda de mesmo nome do vocalista Sebastian Bach), eles tocaram ao vivo numa rádio comunitária, a KAOS, ligada ao Evergreen State College, em Olympia. Essas gravações formariam a primeira fita demo do futuro Nirvana.

Em outubro do mesmo ano, Aaron saiu da banda e os remanescentes passaram a ensaiar com Dale Crover, ex-integrante dos Melvins. Pouco antes Cobain já namorava Tracy Marander, com quem foi morar, mas a falta de asseio e a ociosidade dele gerou atritos entre o casal.

Em 23 de janeiro de 1988, o trio gravou no Reciprocal Studios, mas estava sem nome quando fez estas gravações e registrou dez músicas em seis horas. Na mesma noite eles se apresentaram em Tacoma, outra cidade vizinha, com o nome de Ted Ed Fred.

No mês seguinte eles tiveram um golpe de sorte quando Jonathan Poneman, da gravadora Sub Pop (que ficou famosa por dar chances a bandas desconhecidas) ouviu a fita do trio e gostou. Ele marcou com Cobain uma conversa num café de Seattle e os dois acertaram a gravação de um *single*. Em março do mesmo ano, a banda escolheu Nirvana como nome definitivo, usado pela primeira vez num show em Tacoma, com Dave Foster na bateria, que não duraria muito e logo seria dispensado. Em maio, eles se prepararam para as gravações do primeiro trabalho com Chad Channing como baterista definitivo. No mês seguinte gravaram seu *single*, com as músicas *Love Buzz/Big Cheese*.

O bom desempenho do *single* logo fez com que a gravadora se interessasse por um álbum. E logo foi dado o sinal verde para as gravações, que aconteceram em dezembro de 1988. Em fevereiro do

ano seguinte, Jason Everman é escalado como segundo guitarrista da banda, um componente que emprestou 600 dólares para pagar o tempo de estúdio das gravações de *Bleach*, quantia que nunca seria reembolsada. Ele não tocou no disco, mas mesmo assim teve seu nome impresso como componente da banda. O álbum foi lançado em 15 de junho daquele ano.

Logo começou a primeira turnê pelos Estados Unidos. Durante o evento foram gravadas duas novas canções para um novo *single*. Pouco depois Everman foi dispensado. Entre outubro e dezembro, o grupo fez sua primeira turnê européia, com a banda Tad, também da Sub Pop. O interesse pelo som de Seattle (fonte principal do *grunge*) era tanto que a gravadora lançou Sub Pop 200, em dezembro de 1988, uma coletânea que apresentava gravações das principais bandas do selo, incluindo a faixa *Spank Thru*. Foi a gravadora que lançou o rótulo *grunge* e atraiu a atenção da imprensa britânica, que logo espalharia o termo para o resto do mundo.

Em 1990, a banda já se achava num dos períodos mais intensos de sua carreira. Depois de gravar uma música que ficou inédita até 1993 e que foi lançada como faixa secreta – de nome *Sappy* – numa coletânea de vários artistas chamada *No Alternative*, iniciaram os planos para o começo do segundo álbum. Em abril, Kurt e Tracy terminaram o namoro e ele se envolveu com Tobi Vail, da banda Bikini Kill, depois de um ano de amizade. Havia certa insatisfação com o baterista e eles dispensaram Chad Channing.

Entre julho e setembro Cobain e Novoselic mostraram-se insatisfeitos com a falta de atenção da Sub Pop. Numa ocasião eles foram forçados a entrar no estúdio durante uma hora em que uma das bandas saiu para um descanso, gravaram as melodias, guardaram os instrumentos e saíram para voltarem num outro dia a fim de colocarem os vocais. Enviaram uma fita demo para grandes gravadoras, receberam algumas propostas e passaram a estudá-las.

Em setembro, o baterista David Grohl recebeu a notícia do fim de sua banda, chamada Screem, um grupo de hardcore punk baseado em Washington D.C. Os dois "nirvanenses" já conheciam a atuação de Grohl no palco e aproveitaram para que fizesse um teste, no qual foi aprovado. Ele estreou com a banda em 11 de outubro no Noth

Shore Surf Club, em Olympia. Com ele, a banda saiu para novos shows nos Estados Unidos e na Europa. Ao retornarem, assinaram contrato para serem empresariados pela firma Gold Mountain, que também administra a carreira do Sonic Youth e de outras grandes bandas mais comerciais.

## A NOVA FASE

O ano de 1991 foi marcante para a banda. Cobain escreveu em janeiro o que seria seu maior sucesso, a canção *Smells Like Teen Spirit*, apresentada em 17 de abril num show no OK Hotel, em Seattle. Em abril assinaram contrato com a DGC, da gravadora Geffen (a mesma do grupo Guns'n'Roses) e receberam um adiantamento de 290 mil dólares. A Sub Pop recebeu uma indenização de 75 mil dólares e um acordo foi firmado para que o selo recebesse uma pequena percentagem sobre as vendas dos dois primeiros álbuns pela Geffen.

Entre maio e junho gravaram o segundo álbum, que seria o primeiro por uma grande gravadora. *Nevermind* teve como produtor Butch Vig, baterista do Garbage. Entre agosto e setembro, eles foram novamente para a Europa para uma nova turnê, onde abriram para o Sonic Youth. No dia 10 de setembro, saiu o *single* com *Smells Like Teen Spirit*, e o álbum saiu 14 dias depois, com uma prensagem inicial de 50 mil cópias.

É no dia 12 de outubro que Cobain iniciou sua relação com Courtney Love, a que os conspirólogos apontam como a principal suspeita no suposto assassinato dele. Um mês depois de lançado, *Nevermind* alcançou a marca das 500 mil cópias vendidas, que era a meta da gravadora num espaço de pelo menos um ano. Em novembro, o disco já estava entre os dez primeiros da *Billboard*.

No começo de 1992, o álbum já tirou Michael Jackson do topo das paradas. Três meses após seu lançamento já havia vendido dois milhões de cópias, o que equivale a dois discos de platina. No mesmo dia em que vem a confirmação o grupo se apresentou no programa de TV Saturday Night Live.

Em março, Cobain exigiu uma renegociação dos direitos autorais, pois alegou que compunha quase tudo de cada música lançada, o que não só enfureceu os demais membros como também foi apontado pelos conspirólogos como o começo da suposta influência de Courtney Love. A banda quase acaba devido ao ressentimento

dos demais, mas mesmo assim o tal acordo sai e dá 90% para Cobain e 10% para ser dividido entre os outros dois.

Em agosto, Cobain foi internado para tentar superar o vício em heroína. No dia 18 nasceu Frances Bean Cobain, filha de Kurt com Courtney. Ela dá à luz no mesmo hospital em que ele está internado. Durante a cerimônia de entrega dos prêmios da MTV, realizada em setembro em Los Angeles, a banda recebeu o aviso de que não podia tocar a música *Rape Me* por conter a palavra *rape* (estupro). No palco, Cobain toca os primeiros acordes dela, mas acaba se decidindo a mudar para *Lithium*.

Durante o mês seguinte, a banda gravou as bases das músicas do próximo álbum. No final do mês visitaram a América do Sul, onde se apresentaram na Argentina para 50 mil pessoas, que vaiaram o número de abertura, da banda feminina Calamity Jane. Por vingança, o Nirvana tocou várias músicas desconhecidas e provocou o público com apenas os primeiros acordes de *Smells Like Teen Spirit*. Em seguida saiu o disco *Incesticide*, uma coletânea de faixas lançadas em *singles* ou registradas em fitas demo desde os tempos da Sub Pop.

Em janeiro de 1993, eles vieram para o Brasil, onde fizeram dois shows no Hollywood Rock. Depois de se apresentarem para mais de 100 mil pessoas, Cobain e Courtney caíram na noite de São Paulo em companhia de João Gordo, do grupo Ratos de Porão. No dia 22 do mesmo mês, o grupo já estava no Rio de Janeiro, onde gravou algumas demos nos estúdios da BMG. No dia seguinte, eles se apresentaram num show inusitado, em que Cobain, durante a execução de *Scentsless Apprentice*, desceu do palco, cuspiu nas câmeras da Rede Globo que transmitia o evento e simulou masturbação diante delas. No fim do show o cantor mostrava-se visivelmente esgotado e saiu do palco engatinhando. Segundo entrevista de Courtney, a última vez que ela vira Kurt sorrindo foi durante a apresentação no Brasil, quando o casal pulou de asa delta e ele deu entrevistas para fanzines. Os biógrafos de Cobain (e os conspirólogos) afirmam que mesmo nessa época ele sofria com a abstinência de heroína, que não é fácil de ser encontrada por aqui.

Entre 14 e 24 de fevereiro, começaram, nos Estados Unidos, as sessões do álbum *In Utero*. Em março, o casal ganhou um litígio com a justiça norte-americana, que havia lhes tirado a guarda da filha e liberaram os dois de fazerem testes para detectar drogas em seu sangue.

Uma nova polêmica surgiu entre abril e maio quando o jornal *Chicago Tribune* e a revista *Newsweek* noticiaram que a gravadora Geffen teria achado o material de *In Utero* péssimo e pouco comercial. O próprio produtor do álbum, Steve Albini, declarou que a gravadora havia pressionado para refazer as músicas e deixá-las mais comerciais. Apesar de a banda ter declarado oficialmente que não sofria interferência da gravadora, as faixas *Heart-Shaped Box* e *All Apologies* acabaram sendo remixadas por Scott Litt, produtor do grupo R.E.M.

Os problemas de Cobain e Courtney começaram entre maio e julho daquele ano. Em maio ele sofreu overdose de heroína em sua casa em Seattle e teve sua vida salva apenas pela aplicação de um medicamento de emergência por Courtney. Em julho, ele foi detido por três horas pela polícia por uma briga caseira com ela. Cobain foi acusado de agressão física. Em julho, sofreu outra overdose, desta vez em um hotel em Nova York, e novamente teve sua vida salva pela intervenção de Courtney.

*In Utero* saiu finalmente em setembro, com a versão em vinil lançada no dia 14 e a em CD no dia 21. *Rape Me* é um entrave para que o disco seja vendido nas lojas de supermercados Wal-Mart e Kmart, que ameaçaram não o vender. O disco, apesar desses problemas, entrou diretamente no primeiro lugar da *Billboard* e alcançou um milhão de cópias vendidas em dois meses.

Em setembro, Pat Smear estreou oficialmente como segundo guitarrista do Nirvana no programa Saturday Night Live. Cobain e Courtney tinham grande amizade por Pat, que só entrou porque ele queria aprimorar seus vocais e se livrar um pouco do peso da guitarra nas performances ao vivo.

Quando foram convidados a se apresentar na MTV, na série de apresentações *Unplugged*, em 1993, Cobain logo fez suas exigências: não queria um desfile dos grandes sucessos do Nirvana

no repertório e incluiu *covers* que a banda nunca gravara antes. Nem tiveram participações especiais (chegou-se a cogitar que Eddie Vedder, do Pearl Jam, dividiria o palco com ele). Aqui temos um detalhe que intrigou os conspirólogos: supostamente quando a produção do programa perguntou como Cobain queria a decoração do set, ele afirmou que queria flores e velas. Quando lhe perguntaram, brincando, se queria o ambiente “como um funeral”, Cobain teria respondido que sim. Apesar das excentricidades dele, o show é considerado o *unplugged* mais conhecido.

# *O FIM DO NIRVANA*

Em 1994, eles partiram para uma nova turnê pela Europa. Em março, aconteceu o que seria o último show da banda, em Munique, na Alemanha, com um Cobain estafado e com a voz visivelmente desgastada. Ele queria férias imediatas e foi para Roma descansar e se encontrar com Courtney. Apesar de ela chegar na cidade e encontrá-lo no hotel, o casal passou várias semanas sem se ver, pois ela afirmava que estava exausta e que queria dormir. No dia seguinte, quando ela acordou, Cobain está no chão, com o nariz sangrando, já que havia tomado champagne e 50 pílulas de um calmante chamado Rohypnol. Ao seu lado uma carta de três páginas, o que levaria a uma suspeita de tentativa de suicídio. Posto na cama, ele afirmou que Courtney não o amava mais e que preferia morrer a passar por um novo divórcio, já que o primeiro teria sido o de seus pais. Ele foi para o hospital Umberto I, depois foi transferido para o American Hospital até receber alta. Voltou então para os Estados Unidos.

Em março, ela chamou a polícia e disse que Cobain se trancou num quarto com um revólver. Os policiais conversaram com ele e o músico disse que só queria ficar longe da esposa. Eles confiscaram quatro armas que o músico tinha na casa. No final do mesmo mês, era evidente que o consumo de heroína estava novamente descontrolado e Cobain perambulava pela cidade apenas para comprar a droga. Os traficantes, com medo de que ele morresse e que isso levasse a polícia até eles, mandaram o músico se injetar em outro lugar.

Nesse meio tempo os familiares e amigos fizeram uma intervenção para pressioná-lo a largar o vício. Cobain passa a acreditar que todos eram seus inimigos e que não tinha mais ninguém no mundo. Mesmo assim ele concordou em se internar numa clínica em Los Angeles. Pouco antes ele pediu para um amigo comprar uma arma para ele, já que a polícia levou as que tinha e que ele precisava de uma proteção contra invasores.



Em abril, ele ligou para Courtney e depois fugiu da clínica no começo da noite ao escalar o muro. Pegou um avião e voltou para Seattle. Nos dias seguintes circulou pela cidade de maneira discreta e continuou a comprar heroína. Ninguém conseguia saber onde ele estava.

No dia 5 do mesmo mês ele injetou uma dose grande o bastante para causar sua morte. E completou seu intento com a arma que seu amigo Dylan Carlson comprara uma semana antes. Assim, deu um tiro na boca no sótão de sua casa em Seattle.

O corpo de Cobain só foi encontrado por um eletricista que foi até lá para fazer alguns trabalhos na casa. Junto ao corpo havia um novo bilhete suicida, bem mais curto do que o que escrevera em Roma. Morria assim o ídolo e nascia o mito.

# A POLÊMICA DA MORTE DE COBAIN

É claro que uma atitude assim atrairia pelo menos algumas atenções. Primeiro porque o comportamento de Cobain era completamente contraditório. Afinal, como alguém que está disposto a admitir um segundo guitarrista na banda para se dedicar aos seus vocais não agüenta a pressão do sucesso? Afinal, se você se torna um vocalista, é de se esperar que as atenções de fãs e outros envolvidos se voltem para você.

Porém era necessário encontrar uma vilã para o assunto e a candidata mais provável ao cargo foi mesmo Courtney Love. E a polícia também foi acusada de ser parte da suposta conspiração que teria ocultado os verdadeiros motivos pelos quais Cobain se matara. Por exemplo, vejamos o seguinte trecho de um artigo publicado no site Rock On Line, de autoria de Lizandra Pronin:

*"Logo de cara surgiram histórias que traziam outra versão para a morte do músico. Algumas pessoas realizaram investigações, oficiais e não oficiais, e muitos acreditam que tudo possa ter sido uma conspiração, um assassinato, discordando da versão oficial da polícia. Vejamos alguns fatos. O corpo do vocalista foi encontrado por Gary Smith, um eletricista contratado dias antes para fazer alguns reparos na casa de Kurt e Courtney. Smith entrou pela garagem e viu, através de uma janela, o corpo estendido no chão com manchas de sangue na cabeça. Logo que a polícia chegou, o corpo foi identificado: era Kurt Cobain, líder do Nirvana, banda grunge conhecida no mundo todo, com milhões de álbuns vendidos e fãs espalhados por todo o planeta. A arma que matou Kurt foi comprada junto com um amigo. Dylan Carlson acompanhou Kurt a uma loja para comprar um revólver no dia 30 de março de 1994. Carlson diz que, mesmo percebendo o estado deplorável do músico (estava usando drogas em excesso nessa época), acreditou quando*

*ele disse que precisava da arma para proteger-se de ameaças de morte. Conta que nunca pensou que Kurt poderia cometer suicídio.”*

Essa seria apenas a ponta do iceberg. No bilhete encontrado na cena do crime, aparentemente escrito pelo amigo imaginário de infância de Cobain, chamado Boddah, o músico citou uma parte da letra da música de Neil Young, *Hey Hey, My My (Into The Black)*, que fala “It’s better to burn out than to fade away” (“É melhor se queimar do que desaparecer”). Esse detalhe causou grande comoção em Young, que gravou trechos de seu álbum de 1994, *Sleeps with Angels*, em memória de Cobain.

No dia 10 de abril, foi realizada uma vigília pública que apresentou mensagens pré-gravadas de Krist Novoselic e Courtney Love. Ela leu trechos da carta de Cobain para o público e chorou emocionada. Perto do fim da vigília ela distribuiu roupas de Cobain para os que ficaram. O músico foi cremado e o mistério continuou.

Suicídio é algo pesado demais para que alguém admita que conheceu uma pessoa capaz de realizar tal ato. Por isso é natural que Cobain fosse elevado ao *status* de ídolo depois de sua morte. E o mito de que ele não cometera tal ato foi alimentado principalmente por pessoas que estavam ao seu redor e que não acreditam até hoje que ele tivesse a mínima tendência de tirar sua vida, apesar das evidências de seu estado de saúde.

Courtney chegou a contratar um detetive particular, chamado Tom Grant, para encontrar o marido quando este havia fugido da clínica de recuperação. Os conspirólogos afirmam que ela fez isso apenas dois dias antes da morte dele e que Grant teve acesso a várias informações a respeito do ocorrido.

Grant é um dos que acreditam que Cobain foi assassinado. Ele afirmou em declarações e textos que mais tarde publicou que nenhuma pessoa com 1,25 mg de heroína no sangue misturados a Valium, um famoso calmante, conseguiria ter consciência suficiente para apontar uma arma para a própria cabeça e puxar o gatilho. Um detalhe é lembrado por muitos que investigaram o caso: Grant aproveitou a onda de boatos para ajudar no nascimento do mito, o

que o tornaria, no mínimo, uma fonte suspeita. Mesmo assim o que ele afirma ainda é levado em consideração. Outros pontos que ele levanta são o fato de que as digitais na arma do crime e na caneta usada para escrever a nota de suicídio nunca foram identificadas e que Dave Grohl teria sido convidado a negar as teorias de assassinato (obviamente para desmenti-las), mas aparentemente o ex-companheiro de Cobain se recusou a fazer isso.

Grant também disse que Courtney atrapalhou seu trabalho de todas as maneiras possíveis e que isto teria começado quando ele desconfiou de que Cobain teria sido assassinado e que ela teria algum tipo ainda não identificado de envolvimento.

Como se não bastasse o envolvimento da esposa, Grant acusa também outra pessoa na conspiração: Rosemary Carroll, advogada de Cobain. Segundo ele, Carroll está registrada numa série de gravações que ele fez e que ela mesma incentiva a investigação do caso, porque “duvidava que fosse um suicídio”. Numa dessas gravações a advogada teria dito que Courtney não tinha nada a fazer em Los Angeles na semana da morte de Cobain. Assim, ela estaria de alguma maneira forjando um álibi.

E qual seria o motivo para Courtney forjar tal desculpa? Segundo Grant, a advogada estava preparando os papéis do divórcio do casal e tirava o nome da esposa do testamento de Cobain. O livro de Ian Halperin e Max Wallace, *Who Killed Kurt Cobain?*, traz as investigações de Grant em detalhes, algumas delas verdadeiramente impressionantes.

Em 1998, houve uma nova investigação, também não oficial, desta vez por iniciativa do diretor inglês Nick Broomfield, que havia obtido um patrocínio da BBC de Londres. Seu objetivo: encontrar provas que demonstrassem que Courtney Love era a verdadeira assassina do marido. Ela foi procurada pela equipe, mas recusou-se a dar qualquer tipo de declaração, o que só serviu para aumentar a força do mito. Mesmo assim o documentário *Kurt And Courtney* saiu, mesmo com os protestos dela. Vale lembrar que Broomfield é famoso por produzir filmes sobre assassinos em série e sua “experiência” (que mais lembra a de um conspirólogo do que a de um investigador sério) considera que Courtney seria plenamente

capaz de cometer um assassinato ou, no caso, encomendar um, uma vez que estava em Los Angeles quando Cobain se matou. Para acirrar essa impressão o diretor selecionou apenas depoimentos de pessoas que são antipáticas à moça, entre eles o próprio pai dela e um ex-namorado. Apesar disso, o filme não provocou estragos à imagem de Courtney, que logo se tornaria uma pessoa com crescente influência na mídia.

Diz Lizandra Pronin em seu artigo:

*"Quem assistiu a esse documentário deve ter percebido a falta de seriedade. As pessoas entrevistadas parecem, quase todas, sob efeito de entorpecentes, dizendo coisas vagas, confusas, sem nenhuma certeza do que estão contando. Desse modo fica muito difícil tirar conclusões baseadas nesse filme. Com relação ao pai de Love, Hank Harrison (que foi empresário do Greatful Dead), ele não é exatamente uma pessoa do convívio de Love, muito menos foi próximo do casal (Kurt e Courtney). Ele aparece no filme dizendo barbaridades a respeito de Love. Está claro que ele não gosta de sua filha, ele abandonou a família quando Love era uma adolescente, mas daí a chamá-la de assassina... De modo geral pode ser considerado apenas um pai odioso, pois não tem prova de coisa alguma..."*

É claro que há dois lados da mesma moeda e no caso da polêmica sobre a morte de Cobain não podia deixar de ser o mesmo caso. Assim como surgiram os livros que falavam sobre a morte dele, apareceram alguns que se preocupavam em defender a honra dela. Os conspirólogos logo se colocaram na defensiva, afirmando que tais trabalhos eram encomendados por ela ou por pessoas ligadas a ela para fazer com que as suspeitas desaparecessem.

Mas os textos que sugerem conspiração são de fato mais incisivos e tornam o mito da morte de Cobain mais atrativo do ponto de vista psicológico. Por exemplo, há boatos de que um cantor chamado Eldon Hoke (também conhecido como El Duce) recebeu uma proposta de Courtney. Ela teria lhe oferecido 50 mil dólares para

matar o marido, El Duce teria inclusive passado por um teste no detector de mentiras (o famoso polígrafo) e o analista do aparelho, o Dr. Edward Gelb, que fez o mesmo trabalho no caso O.J. Simpson, afirmou que ele estava sendo sincero. Mas o cantor não viveu muito para acusar Courtney, já que morreu misteriosamente oito dias depois atropelado por um trem perto de sua casa, na Califórnia. Há também o nome apontado por ele como o contratado para fazer o serviço, um tal de Allen Wrench.

A análise grafológica da carta de Cobain joga mais lenha na fogueira. Claramente a letra das frases iniciais parece feita por outra pessoa e possui trechos confusos que podem ser interpretados tanto como uma despedida do meio musical quanto uma carta de suicídio. Um indício que, segundo Grant, é uma evidência inegável de que Cobain queria sair do showbiz e do casamento, não se matar.

Os conspirólogos continuam o longo rosário das supostas evidências da conspiração com alegações de que os motivos que Cobain teria para se matar são muito confusos. Para eles, o excesso de drogas, a depressão e o fato de se sentir mal com a fama alcançada seriam os principais fatores que poderia fazer com que ele apelasse para tal solução, mas não seriam suficientes. Afinal as declarações do músico são contraditórias: uma vez ele se sente depressivo com a fama, enquanto em outra entrevista ele declarou que "dentro de dez anos me imagino na minha casa com minha mulher e meus filhos. É mais que suficiente para a minha felicidade." Eles também lembram que o nome original do álbum *In Utero* era *I Hate Myself and I Want to Die* ("eu me odeio e quero morrer"), mas decidiram mudar para não enfrentar problemas de incitação dos fãs ao suicídio, como aconteceu com outros nomes do rock como Ozzy Osbourne e o grupo Judas Priest.

A Internet, para variar, contém uma impressionante quantidade de páginas dedicadas ao estudo do mito. Não faltam histórias sobre a "verdade" sobre sua morte, como a versão de que Courtney já matara antes e que isso se explicaria sua suposta personalidade psicopata. Alguns desses sites, inclusive, fazem abaixo-assinados para que uma "investigação apropriada" seja realizada. Outros lembram que o álbum *Live Through This*, o segundo da banda Hole,

da qual Courtney é a vocalista, foi lançado menos de uma semana depois da morte de Cobain. Isso seria uma "prova" de que ela tinha mais atenção aos negócios pessoais do que cuidar do marido e que a morte deste não a afetara de maneira alguma.

Os conspirólogos vão mais longe: aconselham os verdadeiros fãs de Cobain a boicotar os trabalhos do Hole, do Foo Fighters (a atual banda de Dave Grohl), do Flipper, a banda punk formada em 1979 em que Krist Novoselic toca atualmente. Curiosamente, lembra Lizandra Pronin, até o Smashing Pumpkins está no pacote, já que Billy Corgan produziu o álbum *Celebrity Skin* do Hole e mantém um caso amoroso com Courtney.

Ninguém pode dizer com certeza absoluta se havia algo mais escuso por trás deste caso. Pelo menos todos concordam com um ponto: Cobain nunca foi visto andando por aí após sua morte, o que já é um grande passo. Mas mesmo assim o estrago está feito e o mito está aí, o que deve garantir mais uns anos de interesse no Nirvana e talvez uma nova geração de fãs. Será que Cobain aprovaria o resultado disso?

# Capítulo 10

## Histórias Mal Explicadas

**Teorias de conspiração** à parte, o fato é que, quando estudamos as histórias que envolvem os astros do rock internacional, encontramos algumas anedotas no mínimo curiosas. Muitas delas, justamente por não possuírem uma explicação lógica, contribuíram enormemente para que muitos álbuns continuassem a vender mesmo em pleno século XXI, quando a maioria dos compradores nasceu anos depois de esses grupos terem atuado em estúdio ou ao vivo.

O interessante é notar que a mitologia do rock teve alguns altos e baixos com o passar dos anos. Essas histórias são contadas até hoje em grandes apresentações e já foram assuntos de documentários em canais de TV paga de renome. Como todo bom boato, claro, não se sabe ao certo como surgiram. Lembre-se de que estamos a falar de uma época em que a Internet estava ainda a engatinhar e que seu uso ainda era restrito, portanto, essas histórias com certeza começaram por obra e graça de fãs e de fofocas. Pense nelas apenas como uma espécie de *fan fiction* (histórias de personagens consagrados feitas extra-oficialmente por fãs) que se propagaram a ponto de não se ter mais certeza se eram verdadeiras ou não.

O aspecto de algumas dessas histórias é tão pitoresco que muitas obras da cultura popular, de livros a histórias em quadrinhos, já as citaram como se fossem fatos consumados. Com certeza você já ouviu alguma delas, mas lembre-se de que são apenas anedotas e que nunca nenhuma delas foi confirmada.

Sem mais delongas, vamos a esta no mínimo curiosa relação de excentricidades, colhidas entre as mais comentadas e discutidas nos fóruns e livros sobre a história do rock.





# *MAMA CASS MORREU COM UMA COXINHA DE GALINHA ENTALADA NA GARGANTA*

Antes de mais nada, você já deve ter ouvido uma balada simples e incrivelmente suave de um grupo dos anos 1960 chamado The Mamas & The Papas, intérpretes do sucesso *California Dreaming*. Essa música, que já chegou a ser tema de comercial de vinho nos anos 1980, é uma das mais famosas de todos os tempos e marcou a carreira deste grupo.

Vamos conhecer um pouco sua história. O grupo atuou entre 1965 e 1968, lançou cinco álbuns e emplacou pelo menos dez músicas nas paradas de sucessos desse período.

O grupo, composto por Denny Doherty, Cass Elliot, John Phillips e Michelle Phillips, foi formado depois que as duas bandas anteriores (The Mugwumps e The New Journeymen), que atuavam como grupos de folk ou de música popular, falharam em dar-lhes o sucesso.

Depois do final do The New Journeymen, Doherty, John e Michelle Phillips fugiram para as Ilhas Virgens (antes conhecidas como Ilhas Virgens Dinamarquesas, que pertenciam à Dinamarca antes de serem cedidas aos Estados Unidos) em janeiro de 1965, seguidos por Cass Elliott. Tinham no total nove mil dólares para sobreviver. Depois de algum tempo verificaram que o dinheiro estava acabando e que não tinham nem para comprar sua passagem de volta.

Quando ficaram apenas com vinte dólares, Phillips sugeriu que tentassem ganhar dinheiro no jogo. Foi Michelle quem conseguiu o feito de ganhar o suficiente para que pudessem voltar para Nova York (essa época ficou registrada na canção *Creeque Alley*).

Foi nessa época que começaram a vislumbrar uma nova versão para seu grupo. O nome dos "papais e mães" foi retirado de um *talk show* diurno. Antes que gravassem seu álbum de estréia, chamado *If You Can Believe Your Eyes and Ears* (de onde saíram pelo menos dois sucessos, *California Dreaming* e *Monday Monday*), o

grupo foi conhecido por um curto período como The Magic Circle. Mas o nome não pegava e começaram a fazer uma pequena reunião para bolar algo de novo. Alguém, que nunca se soube bem quem, ligou a TV e o tal *talk show* estava no ar, mostrando uma entrevista com um membro da gangue dos Hell's Angels (motoqueiros que só usavam Harley-Davidson e que ficariam conhecidos por serem contratados como guarda-costas em shows de astros como Janis Joplin e Rolling Stones). O entrevistado falava sobre as mulheres que os acompanhavam e teria dito: "Algumas pessoas chamam nossas mulheres de fáceis, mas nós a chamamos de mamas (no sentido sexual)." Cass teria gritado "Sim! Eu quero ser uma Mama!", seguida da mesma declaração de Michelle. Os homens se entreolharam e concordaram que eles seriam os "papas" ou o equivalente masculino para o termo.

O grupo seguiu para a Califórnia na esperança de conseguir destaque no cenário folk local. Cass, a mais gordinha das "mamas", mostrou-se meio relutante em se juntar ao grupo quando eles conseguiram um teste, mas com a ajuda do cantor Barry McGuire eles primeiro se lançaram como grupo de apoio, em que gravaram uma primeira versão de *California Dreaming*. Vendo que a canção era boa demais, Philips decidiu guardá-la para o grupo, e esta se tornou seu primeiro sucesso.

Em entrevistas da época, os membros da banda confidencalizaram que suas sessões de gravação, como não poderia deixar de ser, eram regadas a muitas drogas, uma presença quase constante no trabalho e na vida dos astros dos anos 1960. Esse detalhe é importante para entender o porquê a morte de Cass Elliott foi tão comentada...

Philips e Michelle se casaram em 1962, bem antes da formação do grupo. Em 1965, quando ainda eram o The Magic Circle ela e Doherty começaram a ter um caso, que ocultaram dos demais membros por algum tempo. Mas foi durante uma visita ao México que Doherty revelou tudo a Cass, que se enfureceu por justamente estar apaixonada por ele. Pouco depois disso, Philips apanhou os dois em flagrante, o que ocasionou o fim do casamento.

Ele não conseguiu mais viver com ela e foi justamente morar com Doherty. Michelle se envolveu com Gene Clark da banda The Birds, considerada como um grupo de amigos e rivais do Mamas & Papas, e foi vista beijando-o quando estavam na primeira fileira de um show, o que fez com que Philips declarasse que não queria mais atuar com ela num palco. Após consultar alguns advogados e a gravadora, a banda expulsou Michelle do grupo em 1966.

Jill Gibson entrou no lugar de Michelle, que era a namorada do produtor Lou Adler. O segundo álbum do grupo saiu com os vocais dela, mas provocou protestos dos fãs, que ficaram divididos entre ela e Michelle, que terminaria por voltar no final de agosto daquele ano. Gibson recebeu uma enorme quantia de indenização e mais tarde declarou se sentir traída por John Philips, um dos responsáveis pela volta de Michelle.

Ela e John compraram uma casa juntos em Bel Air e as coisas pareciam ter retornado ao normal. Gravaram o terceiro álbum em meio a crises de alcoolismo de Doherty, que tentava esquecer Michelle. A ponto de a performance do grupo no primeiro Monterey International Pop Festival, de 1967, ter sido considerada medíocre porque John e Michelle, que organizaram o evento, estavam tão envolvidos que, com a chegada em último minuto de Doherty do Canadá, deu numa das piores atuações do grupo.

O contrato estipulava mais um álbum e não havia progresso. Então os quatro foram para a Europa para incentivar a criatividade. Na Inglaterra, compareceram a uma festa dada pela gravadora e, quanto Cass conversava com Mick Jagger, Philips fez uma observação insultuosa na frente dos demais convidados. Enojada e humilhada, Cass abandonou a festa e anunciou que sairia do grupo. O contrato porém falou mais alto e ela teve que comparecer para as gravações de *The Mamas & The Papas*, o quarto álbum.

O ano de 1968 foi marcado pela dissolução do grupo e Cass anunciou para a revista *Rolling Stone* que queria mesmo fazer carreira solo, o que ajudou para o fim. Assim, foi durante o programa de Ed Sullivan que o grupo anunciou seu fim. Cass, vendo que Sullivan estava meio sem jeito, acrescentou que era uma

situação “temporária” e que os fãs deveriam “ter fé”. Foi a última aparição deles como grupo.

Os fãs sabiam, entretanto, que havia muitas situações particulares que rolavam entre os membros do grupo e que Cass, em especial, era muito sujeita a ser depressiva e triste, em parte por ser gordinha. Quando ela morreu, em seu apartamento em Londres, em 1974 com apenas 32 anos, o palco para mais um mito do rock estava montado. Tudo começou com uma declaração da equipe que atendeu o ocorrido de que ela havia engasgado com seu próprio vômito enquanto comia um sanduíche na cama. Ela pesava na época 108 quilos, segundo várias biografias importadas.

As pessoas foram mais além e disseram que Cass havia morrido na verdade enquanto assistia TV e mastigava uma coxa de galinha, o que dá para a cantora um ar de Salsicha e Scooby-Doo no mínimo.

Tudo isso foi desmentido pelo relatório do legista que examinou o corpo dela. Lá dizia que a causa da morte foi um ataque cardíaco fulminante causado pela obesidade e tensão da dieta. Embora um sanduíche e nenhuma coxa de galinha tenham sido de fato encontrados ao lado da cama, a autópsia não revelou sinais de comida na traquéia dela.

# MARILYN MANSON ESTRELOU O SERIADO ANOS INCRÍVEIS

Todo mundo já viu as exaustivas reprises do seriado *Anos Incríveis*, aquele que começava com a inesquecível interpretação que Joe Cocker deu a uma obscura música dos Beatles chamada *With a Little Help from my Friends*, gravada originalmente no álbum *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* e que consagrou a carreira do cantor durante o Festival de Woodstock. As aventuras de Kevin Arnold quando criança e de seu inseparável amigo Paul Pfeiffer foram a marca registrada do seriado do final da década de 1980.

A maior lenda está justamente no ator que interpretou Paul Pfeiffer. Para muitos, o dito cujo não é ninguém menos que o cantor de heavy metal Marilyn Manson. Isso porque o próprio teria admitido isso numa entrevista. E para piorar a semelhança física entre Manson, que sempre se apresenta lotado de maquiagem, com o ator que foi Paul Pfeiffer, tornou o boato ainda mais crível e foi uma das principais lendas urbanas que circulou na Internet por muito tempo.

Mas quem é Marilyn Manson? A aberração mais chamativa do rock, como define uma revista especializada norte-americana, chama-se na verdade Brian Hugh Warner e nasceu na cidade de Canton, no estado de Ohio, em 1969. É mais conhecido por sua personalidade escandalosa do que por seus trabalhos gravados. Ele é o líder de uma banda homônima (da mesma forma que Alice Cooper liderava uma banda com o mesmo nome dos anos 1970) cujo nome foi retirado da junção da atriz Marilyn Monroe e do maníaco Charles Manson. Essa justaposição dos nomes é o que o cantor considera como "o último e mais perturbante dualismo da cultura norte-americana".

Vejamos o que causou esse boato. Manson é filho único de Barbara Wyer e Hugh Warner. Seu pai era católico e sua mãe, episcopal. Foi educado como sua mãe mandava numa escola daquela religião. Em 1990, Warner (lembre-se de que este é o verdadeiro nome dele) estava matriculado no Broward Community College e batalhava por um diploma de jornalismo ao mesmo tempo

em que ganhava experiência ao escrever artigos sobre música para a revista *25th Parallel*. Foi nessa época que manteve contato com muitos músicos que seriam parâmetros de comparação de sua futura banda, como Trent Reznor, integrante do Nine Inch Nails.

Quando gravou o primeiro álbum, *Portrait of an American Family*, de 1994, teve de cara a censura no seu pé graças a duas fotos do encarte do álbum (incluindo uma de Manson ainda criança e nu) que foram cortadas. A alegação usada para isso foi a de que a divulgação era nacional e que não podia abusar tanto assim da polêmica. O primeiro *single*, *Get your Gunn*, foi boicotado por rádios e também pela toda-poderosa MTV, que somente exibia o clipe em horários que já passavam da meia-noite. Mesmo assim, o artista e a banda receberam dois prêmios Slammies (uma espécie de versão do mundo da luta livre norte-americano para os prêmios Grammy, do mercado fonográfico, e o Oscar da Academia de Artes Cinematográficas), um de melhor banda e outro melhor vocalista.

Essa associação com *Anos Incríveis* não poderia ser de outra maneira. Na época em que a banda começou a gravar, o seriado estava em evidência por ter se tornado um item *cult*, por assim dizer, e o aspecto cada vez mais exótico de Manson incitava comparações com o personagem de Josh Saviano que, hoje, não só não grava mais como também se tornou um advogado de sucesso. Porém é quase impossível pegar uma das fotos do cantor e não notar a semelhança com o ator.

# *A TRANSFUÇÃO DE SANGUE DE KEITH RICHARDS*

Essa consegue ser mais absurda que as anteriores. Já falamos sobre a história dos Rolling Stones no capítulo 8, por isso vamos pular diretamente ao que nos interessa, que no caso é o guitarrista e um dos fundadores do grupo, Keith Richards.

Ele sempre foi considerado um dos componentes mais excêntricos do grupo, tanto é que serviu de inspiração declarada para o ator Johnny Depp para criar os jeitos e visual de seu inesquecível personagem, o Capitão Jack Sparrow da trilogia *Piratas do Caribe*.

Richards nasceu em 1943 e é compositor, cantor, produtor e membro fundador dos Rolling Stones. Juntamente com Mick Jagger escreveu e gravou milhares de canções e se tornou conhecido por seu modo inovador de tocar guitarra, o que lhe rendeu o 10º lugar na relação dos “cem maiores guitarristas de todos os tempos”, feita pela revista *Rolling Stone*. É posto lado a lado com nomes como Pete Townsend (do The Who) e Jimi Hendrix.

Uma das lendas mais interessantes sobre ele é a da origem da dupla Jagger/Richards. Rezam os relatos que os dois teriam sido trancados numa sala pelo seu empresário e proibidos de colocar os pés fora de lá enquanto não comessem a produzir canções. Na verdade isso teria começado de maneira similar quando o então empresário Andrew Loog Oldham via pouco futuro para a banda recém-formada dos Stones, que nos primeiros álbuns só gravaram *covers*. Para incentivar a formação da dupla (que deveria entrar numa competição amigável com Lennon e McCartney), Oldham teria mesmo colocado os dois numa sala, mas dito que só sairiam de lá quando tivessem as canções prontas. Disso a cena se transformou numa espécie de masmorra com Jagger e Richards passando dias trancados e alimentados apenas a pão e água.

Seja como for, a estratégia parece ter dado certo, já que a banda se consagrou até hoje como “o maior grupo de rock da face da Terra”, como se anunciou quando se sua passagem por nossas bandas. *(I Can't Get No) Satisfaction* foi o primeiro *hit* internacional



da banda e estabeleceu as influências nos Stones de ritmos díspares entre si como o blues, o rythm-and-blues, o soul, o folk, o pop, o country, o gospel, e, claro, o rock. A atividade já rendeu a indicação de Richards para o Hall da Fama dos Compositores em 1993 e, a exemplo do que ocorre com os Beatles, qualquer música dos Stones é creditada a Jagger/Richards, independente da real participação de cada um.

Porém sua imagem pública ultrapassa sua fama como membro dos Stones ou mesmo como compositor respeitado. E como não poderia deixar de ser, muito dos boatos tem a ver com seu envolvimento com as drogas, o que contribuiu para um estabelecimento de uma imagem pública de *bad boy*. Começou com duas prisões no espaço de dez anos. A primeira foi em 1967 e envolveu Jagger e alguns amigos que estavam em sua propriedade em Sussex, na Inglaterra. A prisão o colocou sob custódia e julgamento ante um tribunal público. O jornal *The Times* ajudou a voltar a opinião pública contra o julgamento quando Richards ficou dois dias detido.

Em fevereiro de 1977, uma nova prisão aconteceu por causa da posse de 22 gramas de heroína em Toronto, no Canadá. O guitarrista foi acusado de importação de narcóticos e condenado a uma sentença mínima de sete anos de prisão. Pelos próximos três anos Richards viveu sob a ameaça de um processo criminal enquanto buscava tratamento médico nos Estados Unidos por dependência de heroína. Foi durante esse período que os Stones lançaram seu álbum mais vendido até então (oito milhões de cópias no total), *Some Girls*. Depois de um processo arrastado, ele conseguiu ser sentenciado a realizar dois shows beneficentes para o Instituto Nacional Canadense para os Cegos em 1979, que contou com a participação dos Stones e da banda The New Barbarians, que Ron Wood formara para promover seu álbum, *Gimmie Some Neck*.

Esse período foi o suficiente para que os boatos e lendas começassem a serem espalhados. Assim, rezam as histórias, ele teria ficado ansioso para se livrar da influência das drogas e procurado uma clínica de saúde na Suíça em setembro de 1973 para fazer uma transfusão de sangue, onde o seu, que possuía grande

índice de drogas que não eram eliminadas, seria substituído por sangue saudável, um processo supostamente ainda inédito na época. Uma segunda versão afirma que o sangue cheio de substâncias ruins tinha sido substituído por um "suprimento infundável" de sangue com drogas já diluídas, o que garantiria que o músico ficasse longe de consumir drogas pelos "métodos tradicionais" ou de ingerir álcool. O problema nessa lenda é que tudo não passou de uma hemodiálise simples. Richards comentou na época:

*"Alguém me perguntou como eu me limpei, então respondi que tive meu sangue completamente modificado."*

O guitarrista teria confessado algum tempo depois que respondeu isso apenas porque estava cansado desse tipo de pergunta. O que não impediu que as lendas continuassem...

Mais recentemente, em 2006, Richards estava nas Ilhas Fiji, na Oceania, quando caiu de uma árvore. Quase um mês depois um comunicado oficial dizia que ele já tinha voltado para sua casa nos Estados Unidos e que descansava para a turnê dos Stones programada para 2007. Até aí nada de mais, se não fosse o detalhe de que uma nova lenda nascera. Os fóruns dos fãs afirmavam que Richards tinha sofrido uma nova transfusão de sangue, pois caíra da árvore (ninguém nunca afirmou o que ele fazia lá) porque estava novamente drogado. Assim os médicos supostamente decidiram tentar uma nova técnica: realizar uma transfusão com sangue de cavalo. Esse boato ganhou força quando Richard declarou, em 2006, que estava deixando as drogas "não por motivos de saúde, mas sim porque não eram fortes o bastante".

Por fim, em 2007, Richards, já cansado dos boatos que envolviam seu sangue, deu uma declaração para a revista britânica *New Musical Express (NME)* em que aconselhava outros músicos a não seguirem seu exemplo de uso de drogas, pois ele "tinha muita sorte em estar vivo depois de anos de abuso". Nunca se soube se realmente é sangue eqüino que corre em suas veias...



# *O TRANSPLANTE DE LÍNGUA DE GENE SIMMONS, DO KISS*

Esta é uma tentativa dos fãs para explicar o porquê o baixista e um dos vocalistas do grupo Kiss, Gene Simmons, tem uma língua tão comprida. Para muitos estudiosos da história do rock, o grupo, que foi formado em 1973 em Nova York, ficou famoso justamente por usar fantasias e maquiagens no rosto, que seriam o material perfeito para o nascimento de certas lendas.

Gene Simmons é, de longe, o integrante mais excêntrico da história da banda. Por exemplo, uma das lendas mais insistentes que rolam sobre o baixista é a de que ele teria transado com nada mais nada menos do que quatro mil mulheres, o que ele, claro, não desmente nem confirma. Trata-se de uma imagem no mínimo curiosa, já que ele estrela o *reality show* Gene Simmons Family Jewells, transmitido no Brasil pelo canal a cabo A&E, que o mostra como um pai de família dedicado e preocupado com sua esposa e filhos. O programa, que vai na linha do The Osbournes, da MTV (estrelado pelo também astro do rock Ozzy Osbourne), é sucesso em várias partes do mundo e um dos mais assistidos pela comunidade roqueira, incluindo os fãs do Kiss que, na década de 1970, imaginavam como alguém poderia ter uma língua tão comprida.

Mas falemos do mito que envolve Simmons. Há duas versões que insistem em ser as oficiais para o comprimento excessivo. Uma diz que, como o Kiss é uma banda que ressalta as performances teatrais, nada mais natural do que o membro do grupo fazer tudo ao seu alcance para se destacar. Isso se aplicaria para os fundadores da banda, Simmons e Paul Stanley (guitarra rítmica e também vocal), que ficaram frustrados com o fim de sua banda anterior, conhecida como Wicked Lester. Esse seria o motivo principal pelo qual decidiram usar suas fantasias e pintar o rosto, pois achavam que quanto mais diferente, melhor. Quando, ao colocar um anúncio procurando novos integrantes nas revistas *Rolling Stone* e *Village Voice*, apareceram Ace Frehley (guitarra solo) e Peter Criss (bateria) e a formação clássica da banda estava composta, Simmons teria

decidido radicalizar cortando a parte de baixo de sua língua para deixá-la ainda maior e assim poder montar seu personagem, conhecido como o demônio.

A segunda versão afirma que o baixista teve exatamente essas motivações, mas que decidiu, em vez de cortar a parte de baixo da língua, passar por uma cirurgia em que costurou uma língua de vaca à sua própria, o que a deixaria com o aspecto que tem hoje.

O que aconteceu mesmo é que a língua de Simmons é resultado direto de sua carga genética. Curiosamente seus filhos não demonstram ter a língua de tamanho anormal, o que aumenta ainda mais as desconfianças em cima do músico. Médicos já se manifestaram em artigos pela Internet sobre o assunto e um deles, especialista em transplante de órgãos, afirma que tal pensamento seria inconcebível, uma vez que não havia tal tecnologia nos anos de 1970 e que, mesmo que houvesse, uma língua de vaca não seria, nem de longe, confundível com uma humana.

A história da suposta origem da língua de Simmons, que começou com algumas alegações do colunista do jornal *Ottawa Citizen*, Lynn Saxberg, espalhou-se como pólvora pelos fãs e se tornou a lenda urbana mais conhecida na mitologia do Kiss. Com toda a carga teatral que o grupo carrega até hoje não é de se espantar que muitos acreditem nisso.

# *GRACE SLICK TEVE UMA FILHA QUE CHAMOU DE GOD (DEUS)*

O que um avião e uma nave espacial têm em comum? Nada, se forem os objetos autênticos, mas tudo se forem nome de banda de rock. A banda de rock que ficou conhecida por sucessos como *Somebody to Love*, de 1966, um dos grandes clássicos do rock, e mais recentemente por *We Built This City* e *Sarah*, começou sua carreira com o nome de Jefferson Airplane e tem suas origens em São Francisco durante o auge do que se pode considerar como um “verão psicodélico”, em 1965, quando as experiências com drogas e as várias manifestações artísticas (música, canto, dança e teatro) eram muitas vezes fundidas numa coisa só.

A origem da banda foi a reunião de alguns músicos que tinham influência forte de outras bandas como The Byrds e, claro, os Beatles. Tudo começa quando o cantor Marty Balin reúne-se com o músico folk Paul Kantner, o guitarrista de blues Jorma Kaukonen, a vocalista de jazz e folk Signe Toly Anderson, o baterista Jerry Peloquin e o baixista Bob Harvey. Apresentaram-se pela primeira vez em 13 de agosto de 1965 no clube The Matrix, em São Francisco. Naquele mesmo ano assinaram um contrato com a gravadora RCA Victor e lançaram seu primeiro trabalho após algumas substituições de última hora.

No ano seguinte, a vocalista Anderson deu seu lugar para Grace Slick, que com sua voz contralto combinada com a música psicodélica do grupo, gerou os primeiros sucessos.

Quando o Festival de Monterey aconteceu, em junho de 1967, a cobertura oferecida pela TV projetou vários dos participantes, incluindo o Jefferson Airplane. Eles se apresentaram no show de Ed Sullivan, onde foi usada a técnica do *chroma key* para simular a iluminação psicodélica das apresentações ao vivo. Em 1970, já haviam gravado cinco álbuns, sendo o mais famosos deles *Surrealistic Pillow*, de 1967, que trazia os sucessos *White Rabbit* e *Somebody to Love*. O nome do álbum foi sugestão de um dos

produtores, Jerry Garcia, que afirmou que “o álbum era tão surrealista quanto um travesseiro”.

A fama seguiu por mais algum tempo. Eles se apresentaram no Festival de Woodstock, em agosto de 1969, e quatro meses depois em Altamont, na Califórnia, que passaria para a história do rock pela violência que levou à morte de um adolescente negro, Meredith Hunter, que fora agredido em frente ao palco por Hell’s Angels, motoqueiros contratados como seguranças.

As idas e vindas de músicos da banda tornaram-se freqüentes a partir de 1970. Com uma nova formação, em 1973, a banda mudou seu nome para Jefferson Starship, numa fase que muitos consideram boa e outros, péssima.

O que nos interessa, neste caso, é mesmo Slick. A cantora é considerada até hoje uma figura importante no desenvolvimento do rock no final da década de 1960. Assim como Janis Joplin, sua contemporânea, Slick imprimiu em suas gravações um estilo único que ajudou a abrir as portas para a entrada das mulheres no mundo do rock.

Porém, também como Joplin, Slick era dada a excessos. Ela tinha sérios problemas de alcoolismo, que geraram duas noites desastrosas em shows realizados na Alemanha em 1978. Na primeira noite, os fãs da banda se revoltaram porque ela não conseguia se apresentar, e na noite seguinte foi ainda pior, pois estava completamente bêbada e passou o show inteiro fazendo referências sexuais em suas canções. Também lembrou os alemães que eles eram responsáveis pela Segunda Guerra Mundial e culpou-os pelas atrocidades cometidas nesse período. Depois disso, ela resolveu deixar a banda. Ela voltaria algumas vezes, mas sem o destaque que tinha anteriormente.

Entre as lendas do rock corre uma que envolve Slick de maneira no mínimo curiosa. Em 1971 ela deu à luz uma menina. Reza o mito que ela teria dito à atendente do hospital que sua filha seria chamada *deus* (com d minúsculo), em respeito ao significado religioso. A menina teria então o nome em inglês god Slick.

O episódio seria constantemente lembrado pelos colunistas de revistas especializadas em música quando qualquer celebridade

feminina ligada à música (não necessariamente ao rock) dá à luz. Por exemplo, diversos artigos registraram a preocupação de que Madonna, quando deu à luz em 1996, seguisse o exemplo de Slick e colocasse algum nome excêntrico em seu rebento.

Algum tempo depois, Slick admitiu, em várias entrevistas diferentes, que a história nada mais era do que uma lenda urbana. Ela de fato havia admitido que fez a observação para uma enfermeira que usava um crucifixo, mas que o fizera na base da brincadeira. Porém, dado o histórico e o constante uso que a cantora fazia na época de bebida e drogas, misturado com o psicodelismo da banda, mesmo as pessoas próximas a ela acreditaram que o comentário fosse verdade.

Antes que alguém pergunte, a tal filha existe de fato, porém se chama China Kantner, não god Slick ou algo semelhante. Difícil saber se, caso algo assim de fato tivesse acontecido, como os seguidores das religiões do mundo todo reagiriam a uma excentricidade dessas...



# *UM VIGÁRIO ACONSELHOU ERIC CLAPTON A PRATICAR GUITARRA ANTES DE SE APRESENTAR EM SUA PARÓQUIA*

Um dos mitos mais curiosos diz respeito àquele que é considerado, pela grande maioria dos músicos atuais, como um dos maiores guitarristas de todos os tempos: Eric Clapton. Para um músico que passou por muitos dos grandes grupos da história do rock (incluindo Yardbirds, John Mayall's Bluesbreakers, Cream, Blind Faith, Derek and the Dominoes) e tocou com outra boa parte deles (Beatles, Roger Waters, John Lennon, Tina Turner, Delaney & Bonnie, entre outros) é quase dispensável fazer uma apresentação da vida dele, mas mesmo assim vamos fazer um resumo rápido.

Clapton nasceu em 1945 e foi criado por sua avó e pelo segundo marido desta. Na verdade, ele cresceu achando que sua avó era sua mãe, enquanto a verdadeira progenitora (que tinha apenas 16 anos quando ele nasceu) se passava por sua irmã. Descobriu a verdade quando tinha nove anos e o fato tornou-o um garoto calado, tímido e solitário. Aos 13 anos de idade, quando já trabalhava como carteiro, ganhou sua primeira guitarra. Teve certa dificuldade para aprender a tocar o instrumento e quase desistiu. Mas influenciado por antigas canções do blues, conseguiu tirar seus primeiros acordes. Passou então a dedicar várias horas diárias ao aprendizado e domínio do instrumento.

Entrou para os Yardbirds em 1963, mas logo se sentiu desestimulado pelo rumo comercial que a banda tomava. Saiu dela em 1965, quando passou algum tempo com empregos temporários. Em seguida entrou para o John Mayall's Bluesbreakers, onde se estabeleceu como músico de blues. Inspirou um grupo de jovens a picharem Londres com os dizeres "Clapton is God." (Clapton é deus).

Largou o Bluesbreakers em 1966 e formou o Cream, considerado como um dos primeiros "power trios" do rock. Nessa época ele

começou a se desenvolver como cantor, embora fosse Jack Bruce, que era um dos melhores vocalistas da época, quem fizesse a maioria dos vocais nos álbuns do grupo.

Em 1966, Clapton ganhou um adversário: Jimi Hendrix. A concorrência, embora amigável, teve profundo impacto na próxima etapa de sua carreira. O Cream teve vida curta por causa das intermináveis brigas entre os outros dois componentes e foi no último álbum que começaria uma amizade entre Clapton e George Harrison, a ponto de este último convidá-lo para tocar no *Álbum Branco* dos Beatles. Como Harrison estava muito envolvido pela música indiana, a esposa dele na época, Pattie Boyd, sofria muito porque se sentia abandonada, o que levou o músico a se apaixonar pela esposa de seu melhor amigo. Esse amor gerou uma das canções mais conhecidas do rock, *Layla*.

O primeiro disco solo saiu em 1970 e daí para frente colecionou alguns grandes sucessos. Mas sua vida foi muito marcada por tragédias pessoais que o desgastaram, como a morte de seus colegas Jimi Hendrix e Duane Allman (que participou com ele do grupo Derek and the Dominoes, que gravou *Layla*) e seu problema com o álcool e drogas. Durante esse período, ele só fez duas participações: no Concerto para Bangladesh, organizado por George Harrison, e no Rainbow Concert, organizado por Pete Townshend, do The Who, justamente para ajudar Clapton a largar as drogas.

Outras desgraças ainda ajudariam a derrubar o músico, como a morte de seu também amigo Steve Ray Vaughan, em 1990, que estava numa turnê com Clapton. No ano seguinte, a maior de todas as fatalidades: Conor, filho de quatro anos com a modelo italiana Lori Del Santo, morreu depois de cair da janela de um apartamento. O episódio gerou a canção *Tears in Heaven*, uma das mais tocantes de seu repertório.

A lenda que ronda o nome de Clapton apareceu pela primeira vez na imprensa britânica em junho de 1994. Curiosamente foi divulgada pela agência de notícias Reuters, que a torna ainda mais interessante. Reza a história que um clérigo (identificado depois como o padre Dennis Ackroyd, de Ewhurst, Inglaterra), em visita à casa de um componente de sua paróquia notou que o homem

possuía uma guitarra e perguntou se ele não se importaria em tocar um dia para a congregação. Quando o cavaleiro concordou, o religioso não se fez de rogado e aconselhou-o a praticar por alguns meses antes de se apresentar. Apenas algum tempo depois é que o padre descobriu que aquele membro de sua paróquia era o próprio Eric Clapton.

O problema maior é que, mesmo sendo uma história divulgada por uma agência de notícias confiável, os detalhes mostram certas inconsistências. Por exemplo, a maior parte dos relatos não menciona quando o encontro entre o padre e Clapton teria acontecido. Um deles, datado de 1994, diz que o encontro teria ocorrido “no começo do ano”. Se isto é verdade, então o padre Ackroyd não poderia ter conhecido Clapton antes de 1994, mas outras fontes já afirmam que o mesmo padre conhecia o músico bem antes daquele ano, principalmente pela tragédia ocorrida com Conor, quando o padre teria declarado que “conhecia Clapton muito bem”. Seria esse um exemplo prático do poder que a imprensa possui para criar boatos?

Há muito mais a relatar nesse mundo, mas guardaremos o material para uma segunda edição deste trabalho. Afinal, muitas dessas histórias, por mais absurdas que possam parecer, fazem a cabeça não só dos fãs como daqueles que se dedicam a perpetuar os nomes dos astros que hoje fazem parte do Hall da Fama do Rock.

# *BIBLIOGRAFIA CONSULTADA*

BEATLES. *Antologia*. Cosac & Naify, 2001.

BERGAMINI, Andrea & STALIO, Ivan. *History of Rock Music*. Barron's, 2003.

BOWIE, Angela. *Backstage Passes: Life on the Wild Side with David Bowie*. Putnam, 1993.

CHARTERS, Samuel Barclay. *Robert Johnson*. Music Sales Corporation, 1979.

DAVIS, Francis. *The History of the Blues*. Da Capo Press, 2003.

DAVIS, Stephen. *Hammer of The Gods – The Led Zeppelin Saga*. Harper USA, 2001.

DENSMORE, John. *Riders on the Storm: my Life with Jim Morrison and the Doors*. Delta Publishing, 1991.

DIMERY, Robert. *Rock & Roll Heaven*. Barron's, 2007.

DISTER, Alain. *The Story of Rock – Smash Hits and Superstars*. Thames and Hudson, 1992.

DUNLEAVY, Steve. *Elvis: What Happened?* Ballantine Books, 1977.

ERNESTO, Assante. *Legends of Rock*. Random House, 2007.

GOLDMAN, Albert. *Elvis: the Last 24 Hours*. Pan Books, 1991.

HALPERIN, Ian & Wallace, Max. *Love & Death: the Murder of Kurt Cobain*. Atria, 2004.

–. *Who Killed Kurt Cobain? The Mysterious Death of an Icon*. Citadel, 2000.

HARRIS, John. *The Dark Side of the Moon – os Bastidores da Obra-Prima do Pink Floyd*. Jorge Zahar Editor, 2005.

MANZARERK, Ray. *Light my Fire: my Life with the Doors*. Berkley Boulevard Books, 1998.

MASON, Nick. *Inside out: a Personal History of Pink Floyd*. Chronicle Books, 2005.

MOORE, Donald. *All About the History of Rock and Pop Music*. Alfred Pub Co., 1994.

NORMAN, Philip. *Shout: the Beatles in their Generation*. Fireside, 1996.

SMITH, Chris, Scrivani-Tidd, Lisa & Markowitz, Rhonda. *The Greenwood Encyclopedia of Rock History*. Greenwood, 2005.

# *SITES CONSULTADOS*

BBC Brasil

([www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2005/07/050703\\_pin\\_klfloydrc.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2005/07/050703_pin_klfloydrc.shtml))

Discovery Channel

([www.discoverybrasil.com/guia\\_conspiracao/teoria/index.shtml](http://www.discoverybrasil.com/guia_conspiracao/teoria/index.shtml))

Jimmy Page and Aleister Crowley

([www.toninhobuda.com/contracult/contracult\\_36.htm](http://www.toninhobuda.com/contracult/contracult_36.htm))

Justice for Kurt Cobain ([www.justiceforkurt.com](http://www.justiceforkurt.com))

New Musical Express ([www.nme.com/news/the-rolling-stones/35448](http://www.nme.com/news/the-rolling-stones/35448))

O Globo Online

(<http://oglobo.globo.com/cultura/mat/2007/10/19/299183519.asp>)

Protons ([www.protons.com.br](http://www.protons.com.br))

Rock On Line (<http://territorio.terra.com.br/canais/rockonline/>)

Rockwave ([www.rockwave.com.br/internotas2/prove-que-elvis-nao-morreue-ganhe-us-3-milhoes](http://www.rockwave.com.br/internotas2/prove-que-elvis-nao-morreue-ganhe-us-3-milhoes))

Scream & Yell ([www.screamyell.com.br/musica/loureeddvd.html](http://www.screamyell.com.br/musica/loureeddvd.html))

Terra Música (<http://musica.terra.com.br/interna/0,,OI630462-EI1267,00.html>)

The Death of Kurt Cobain ([www.deathofkurtcobain.com](http://www.deathofkurtcobain.com))

UOL Música

(<http://musica.uol.com.br/ultnot/reuters/2007/08/16/ult279u6633.jhtm>)

Whiplash (<http://whiplash.net>)